

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JANILLE MARIA LIMA RIBEIRO

**LAÇOS AFETIVOS QUE (DES)LIGAM FAMÍLIAS,  
ADOLESCENTES E ABRIGO**

FORTALEZA  
2008

JANILLE MARIA LIMA RIBEIRO

LAÇOS AFETIVOS QUE (DES)LIGAM FAMÍLIAS, ADOLESCENTES E ABRIGO

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Subjetividades Contemporâneas, Comportamento Coletivo e Psicologia Histórico-Cultural.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Zulmira Áurea C. Bomfim

FORTALEZA  
2008

JANILLE MARIA LIMA RIBEIRO

LAÇOS AFETIVOS QUE (DES)LIGAM FAMÍLIAS, ADOLESCENTES E ABRIGO

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Subjetividades Contemporâneas, Comportamento Coletivo e Psicologia Histórico-Cultural.

Aprovada em: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Zulmira Áurea Cruz Bomfim (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ana Maria Monte Coelho Frota  
Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Ricardo Pimentel Mélo.  
Universidade Federal do Ceará - UFC

**Aos meus pais que amo e em quem tenho o  
amparo para buscar meus sonhos.**

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas fizeram parte destes dois anos e quero destacá-las como forma de demonstrar meu afeto e agradecimento.

Agradeço a Deus que me ama e cuida de mim mesmo sem que eu perceba sempre!

Agradeço à minha família que amo, principalmente aos meus pais por contribuírem em meu crescimento, por me ampararem e me ensinarem o caminho do bem e da dignidade. Amo vocês muito!

Agradeço à Zulmira pela troca de conhecimentos, pela paciência e por dois anos de muito aprendizado.

Obrigada aos amigos que ainda na seleção para o Mestrado me ajudaram e torceram por mim: Álvaro e Solange.

Obrigada aos queridos colegas do Locus que gentilmente dedicaram tempo para me ajudar: Wellika, Helenira e Fábio.

Agradeço aos diretores e profissionais dos dois abrigos por me permitirem entrar nas instituições e com confiança em meu trabalho aderiram à pesquisa.

Obrigada aos (as) adolescentes que me permitiram entrar em suas vidas e partilhar de seus afetos. Ensinaram-me muito.

Obrigada à Professora Dr<sup>a</sup> Maria do Carmo Guedes que não pode estar contribuindo pessoalmente no dia da defesa, mas já contribuiu na Qualificação e até de longe continua a me incentivar.

Obrigada à Professora Dr<sup>a</sup> Ângela Pinheiro, em quem tenho um exemplo de profissional, pela contribuição ofertada.

Obrigada à Fundação da Criança e Família Cidadã (FUNCI) e Projeto Raiz de Cidadania por me liberarem algumas horas de meu trabalho para que eu pudesse me dedicar melhor à pesquisa.

Agradeço aos colegas do Projeto Raiz de Cidadania do Bom Jardim pela paciência em aceitar as ausências quando eu estava me dedicando ao Mestrado. Valeu pela torcida também!

Agradeço à banca avaliadora: Professora Dr<sup>a</sup> Ana Maria Monte Coelho Frota e Professor Dr<sup>o</sup> Ricardo Pimentel Mélo pelas contribuições.

Obrigada ao Grupo Municipal Pró-Convivência Familiar e Comunitária por enriquecer meus escritos com a vivência que tive nas reuniões do grupo.

## RESUMO

No cotidiano de muitas famílias brasileiras existem aquelas que não conseguem por motivos, como a falta de assistência do Estado, proteger seus filhos menores de idade que acabam, algumas vezes, indo para instituições de abrigamento. No abrigo o (a) adolescente precisa ficar o menor tempo possível para retornar ao convívio familiar e comunitário caso possa e queira. Enquanto estão na instituição, os (as) adolescentes são afetados por emoções e sentimentos em relação ao próprio abrigo e em relação à família de origem. Existem laços de afeto que ligam e desligam adolescentes institucionalizados, suas famílias e o abrigo onde se encontram. Conhecer que afetos são estes e se estes afetos remetem à efetivação do direito à convivência familiar e comunitária são propósitos deste trabalho para problematizar e contribuir na construção de medidas que visem ao convívio familiar e comunitário potencializador. O público desta pesquisa são adolescentes de 12 (doze) a 18 (dezoito) anos que estejam usufruindo do abrigamento como medida de proteção. Dois abrigos foram pesquisados, sendo um somente para meninos, de uma Organização Não-Governamental e outro abrigo somente para meninas com natureza governamental na cidade de Fortaleza, Ceará. Com o intuito de apreender os afetos dos sujeitos para com determinado ambiente foi utilizado o instrumento Mapa Afetivo, que contou com adaptações feitas para esta pesquisa a fim de conhecer os afetos dos (as) adolescentes em relação ao abrigo. Para aprofundar questões advindas dos Mapas e conhecer os afetos em relação à família de origem utilizou-se a entrevista individual. O Diário de Campo foi também utilizado e permitiu enriquecer o trabalho na coleta de dados. Os dados foram colhidos primeiramente por meio dos Mapas Afetivos e depois foram feitas as entrevistas. O Diário de Campo recebeu registro desde o primeiro momento da coleta. Foi possível perceber por meio destes instrumentos que a imagem de atração preponderou entre os (as) adolescentes, tendo em vista as oportunidades que tiveram enquanto estavam abrigados. A proteção fornecida pela instituição marcou uma nova imagem apreendida na análise dos Mapas Afetivos, a de refúgio, como derivação da imagem contraste. Foi visto também que um longo período de abrigamento não gera pertinência, não se associa a uma estima positiva pelo ambiente e ainda contribui para o desligamento entre jovens e famílias. Os (as) jovens não queriam ficar indefinidamente na instituição, queriam voltar para casa, pois o abrigo não era sentido como casa. Vislumbrou-se que os laços afetivos entre adolescentes e família permanecem mesmo com a distância do abrigamento e o que liga o (a) adolescente ao abrigo são as oportunidades que oferece, assim como a proteção. Verificou-se que o abrigo exerce a função de mediador enquanto protege o(a) adolescente e o(a) prepara para retornar à família e oferece atrações para o(a) jovem inserir-se no mundo de mais oportunidades. Exercendo esta função de mediador, o abrigo contribui para a efetivação do direito à convivência familiar e comunitária. No entanto, a pesquisa aponta como sugestões que as instituições de acolhimento respeitem os princípios da medida de proteção de abrigamento que tem caráter excepcional, de última instância e provisório e que haja efetivação dos direitos dos (as) adolescentes e de suas famílias para que estas possam dignamente cuidar e proteger seus adolescentes e oferecer-lhes o que precisam para crescimento pleno e potencializador; que não seja mais necessário ao sujeito estar em situação de vulnerabilidade para ter acesso a direitos básicos como à convivência familiar e comunitária.

## ABSTRACT

In the daily of many Brazilian families there are those which do not achieve for some reasons such, as the lack of attendance of the State, the protection of their children that go (in the end), sometimes, to a shelter institutions. In the shelter the adolescent needs to be the less possible time to return to it's family and to the community conviviality if he or she can and want to. While they are in the institution, they are affected by emotions and feelings related to the own shelter and the origin family. There are bows of affection that connect and disconnect institutionalized adolescents to their family and to the shelter where they are settled. The purpose of this work is to research what affections are and if these affections effect the right to a family and community conviviality, contributing and problematizing for the construction of measures for this. The public of this research is adolescent from 12 (twelve) to 18 (eighteen) years old that are enjoying the shelter as a protection measure. Two shelters were researched, one of them only for boys, of a No-government Organization and the other one only for girls with government nature in the city of Fortaleza, Ceará. Intending to apprehend the adolescents' affects with this certain atmosphere an Affectionate Map instrument was used, adapted to this research in order to know the adolescents' affections related to the shelter. To deepen subjects from the Maps and knowing the affections related to the original family. It was used individual interview. A Diary of Field was also used and it allowed to enrich the work of the collection of data. First, the data were picked collected through the Affectionate Maps and then the interviews were made. The Diary of Field received registration since the very first moment of the collection afterwards. It was possible to notice through these instruments that the attraction image prevailed the adolescents considering the opportunities they had while sheltered. The protection supplied by the institution marked a new image apprehended in the analysis of the Affectionate Maps, the refuge one as derivation of the contrast image. It was also seen that a long period of shelter does not generate pertinence, he or she does not associate it to a positive steem by the atmosphere and it also contributes to a "separation" of the adolescents and their families. The adolescents did not to be indefinitely in the institution, they wanted to return to their home because the shelter was not felt as one by them. It was glimpsed that the affectionate bows between adolescents and their families are kept besides the distance. The opportunities and the protection offered by the shelter are what keeps the adolescents in. It was verified the shelter exercises a mediator function while it protects and prepares the adolescents returning to their family and also offers attractions to them to be inserted in a world of more opportunities. Practicing that mediator function, the shelter contributes to the effect of the right to the family and community conviviality. However, the research suggests that the reception institutions respect the beginnings of the measure of the shelter protection which has it's exceptional character in last instance and temporary. It is necessary to effect the rights of the adolescents and their families for their worthily care and protection, offering them what is necessary for their powerful growth. It is no longer a need for the adolescents to be in a vulnerability situation to have access to basic rights such as a family and community conviviality.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>2. FAMÍLIA E O SENTIMENTO DA FAMÍLIA.....</b>	<b>13</b>
<b>3. FAMÍLIA E POLÍTICAS SOCIAIS.....</b>	<b>20</b>
<b>4. FAMÍLIA, SOFRIMENTO E AFETIVIDADE.....</b>	<b>28</b>
<b>5. FAMÍLIA, PSICOLOGIA AMBIENTAL E ABRIGO.....</b>	<b>33</b>
<b>6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>46</b>
6.1. Gonzaguinhas e Marisas: contextualização do público alvo.....	46
6.2. Instrumentos.....	51
6.3. Indo à campo: coleta de dados.....	58
6.4. Análise dos dados.....	60
<b>7. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>63</b>
7.1. Imagens dos abrigos masculino e feminino.....	63
7.1.1. Imagens de atração.....	64
7.1.2. Imagens de contraste (refúgio), de pertinência e de agradabilidade.....	72
7.2. Análise estatística complementar dos Mapas Afetivos.....	90
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS: TOCANDO EM FRENTE PELOS CAMINHOS DO CORAÇÃO!.....</b>	<b>99</b>
<b>9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>102</b>
<b>10. ANEXOS.....</b>	<b>108</b>



# 1 INTRODUÇÃO

O nó é uma estrutura usada no artesanato, por exemplo, para unir de forma quase indestrutível as linhas de uma peça para que esta não se desmanche ao ser manipulada. Se fosse dado um laço, dificilmente a peça ficaria inteira por longo tempo, pois o laço é mais delicado e frágil. No universo das relações humanas parecem existir laços que unem e laços que separam as pessoas. Existem indivíduos que têm suas pontas dos laços “soltas”, pois vivem solitários ou mesmo acompanhados não se “atam” a ninguém. No entanto, um ser humano só se constitui como humano em convivência com outra pessoa.

Considerando a importância dos laços, deve ser oportunizado a todo indivíduo a criação de vínculos com outros, não só para sobreviver, mas para inserir-se em um espaço social e cultural, e até posteriormente optar por engajar-se nele ou não. Vygotsky (1995) fala que o sujeito se constrói por meio da relação com os outros, e que a estruturação do pensamento e da linguagem, como funções psicológicas superiores se dá no indivíduo a partir de sua inserção social e cultural.

No Brasil esta convivência social não se refere somente a uma oportunidade, mas também a um direito, em se tratando de crianças e adolescentes. O Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei n. 8.069, (BRASIL, 1990b) preconiza, dentre muitos aspectos no Art. 4º, que é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar com absoluta prioridade a efetivação dos direitos referentes à convivência familiar e comunitária das crianças e adolescentes brasileiros. Trata-se de um artigo de uma das mais completas e bem delineadas leis existentes no mundo sobre a infância e adolescência. É uma construção brasileira que há dezessete anos tenta modificar a realidade pungente de milhares de indivíduos.

O interesse nesta pesquisa advém da inconformidade em vislumbrar a realidade e o sofrimento de muitas famílias que desejam bem cuidar de suas crianças e adolescentes, mas se vêem atreladas às dificuldades que estão para além delas, tais como as carências econômicas, sociais, culturais e políticas. Para além destas dificuldades, existem famílias alienadas de seus direitos e deveres. Elas deveriam proteger crianças e adolescentes junto com o Estado, a comunidade e a sociedade em geral, como dita o Estatuto (BRASIL, 1990b). No entanto, na maior parte dos discursos o que percebo é uma grande sobrecarga da família por uma causa que deveria ser coletiva. Muitas das famílias vivem a impotência de, em alguns casos, não conseguir dar as mínimas condições de sobrevivência aos seus filhos que nascem

sem um planejamento e sem perspectivas de um futuro promissor. Muitas vezes reproduzem a violência a qual são vítimas: violência simbólica e real, que sentem cotidianamente.

Na experiência como psicóloga social e comunitária, frequentemente me deparo com discursos de desqualificação nas próprias famílias empobrecidas. Estas, por conta de uma descrença em autogerir-se e educar seus filhos segundo seus valores, confiam em instituições para melhor ampará-los. Porém, o direito assegurado é a uma família, lugar entendido culturalmente como o melhor para o desenvolvimento de um ser humano, e não entre paredes de uma instituição que, por melhor que seja, nunca será um lugar “com cores” para o crescimento de uma pessoa. É necessário salientar que nesta pesquisa considero, conforme Rangel (2006), que família é um espaço para a convivência e desenvolvimento de um indivíduo, seja qual for a estrutura familiar (renda, número de membros, ter ou não laços consangüíneos, gênero etc). O norteador é o laço<sup>1</sup> que liga o sujeito ao que ele considera como família. Família pode ser inclusive o abrigo onde o(a) adolescente vive, embora defendo nesta pesquisa, que o espaço e condições criados pelo aparelho institucional, o abrigo, não é o esperado para crianças e adolescente em desenvolvimento, conforme preconiza o Estatuto (BRASIL, 1990b).

O público desta pesquisa são adolescentes de doze a dezoito anos, do sexo masculino e feminino, que estejam usufruindo de uma instituição de abrigamento. Os adolescentes foram escolhidos por maior interesse e facilidade de intervenção que tenho além de já ter desenvolvido uma pesquisa (RIBEIRO, 2005) e trabalho mais diretamente com adolescentes.

Esta investigação tem como objetivo conhecer a afetividade<sup>2</sup> dos adolescentes institucionalizados para com o abrigo e, em decorrência, para com sua família de origem. A realidade de quem vive em instituições (como os abrigos) é muito difícil, pois elas tendem a despersonalizar, anular o sujeito como tal. Quando se trata de indivíduos em condição peculiar de desenvolvimento, como os adolescentes, e separados de seus laços mais próximos, os familiares, esta experiência em abrigos costuma ser ainda mais penosa. Conhecer os afetos que engendram estas relações, adolescentes e abrigo, e adolescentes e família, é tentar ser sensível ao que precisa ser modificado para assegurar o direito que lhes cabe: à convivência

---

<sup>1</sup> Laço afetivo é definido, de acordo com Ainsworth, citado por Giulliani (2004, p.96), como “um vínculo relativamente duradouro, em que o parceiro é importante por ser um indivíduo único e não ser intercambiável com nenhum outro [...]”.

<sup>2</sup> Além de laço afetivo trabalhar-se-á nesta pesquisa com o conceito de afetividade: sentimentos e emoções, quer sejam potencializadores ou não da ação, conforme define Sawaia (1999). Desenvolver-se-á melhor este conceito posteriormente.

familiar e comunitária. Não se trata de qualquer convivência, mas aquela que assegure os direitos defendidos no Estatuto (BRASIL, 1990b) e que contemple os laços afetivos que liguem adolescentes e grupo familiar.

Uma vez na instituição é possível que o abrigo contribua ou não na proximidade ou distanciamento entre adolescentes e família, ou seja, laços afetivos podem ser ligados e desligados entre adolescentes e famílias na dinâmica vivida por estes para com o abrigo. Trata-se de uma dinâmica complexa, em que fatores como a convivência comunitária e (a falta de) oportunidades também compõem tais laços. De acordo com o que é sentido pelo (a) jovem, o abrigo pode ser a melhor opção para a realidade de um indivíduo, assim como o abrigo pode separar e romper abruptamente os laços familiares sem que esta família tenha condições para se fortalecer e proteger seus adolescentes.

Conhecer a realidade dos abrigos na perspectiva do adolescente é poder conhecer esta política que precisa ser bastante eficaz a fim de reatar os laços familiares como pressupõe o Estatuto, caso este seja o melhor encaminhamento para o(a) adolescente, assegurando-lhe a proteção integral. Conforme será relatado nas experiências dos abrigos desta pesquisa, há desejo do (a) adolescente de voltar para a família de origem com as modificações adequadas na dinâmica familiar. Cada caso deve ser estudado minuciosamente por uma equipe técnica (composta basicamente por psicólogos e assistentes sociais) junto com o (a) adolescente para verificar o que é melhor para garantir os direitos, inclusive à convivência familiar e comunitária, seja quem for esta família ou nova família.<sup>3</sup>

É importante ressaltar que faço parte do Grupo de Trabalho Municipal de Pró-Convivência Familiar e Comunitária, em Fortaleza, que busca a concretização deste direito e, neste sentido, o Grupo tem contribuído para mapear ações das instâncias governamentais e não-governamentais a fim de fortalecer toda a Rede de Proteção à criança e ao adolescente. O Grupo tem também estimulado o controle social amparando-se na co-responsabilidade que toda a sociedade tem em vivenciar uma cultura de proteção às crianças e adolescentes. Estas atividades estão amparadas no Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (BRASIL, 2006b). Com centralidade nas famílias, sob a primazia da responsabilidade do Estado, estas ações ganharão um enfoque mais contextualizado com a construção do Plano Municipal, também objetivo do Grupo de Trabalho. Os resultados desta pesquisa poderão somar com as ações já

---

<sup>3</sup> Por meio dos afetos apreendidos, avalio se estes afetos me conduzem à percepção sobre o direito à convivência familiar comunitária de adolescentes abrigados(as), a fim de verificar se este direito está sendo garantido.

encaminhadas pelo Grupo, pois, produções acadêmicas sobre a realidade de Fortaleza em relação à convivência familiar e comunitária, fazem parte do mapeamento da questão.

Pesquisar e produzir uma teoria latino-americana, e especificamente brasileira e nordestina, principalmente relacionada à família, é um desafio que a Psicologia Social hoje se depara. Blanco (2001) aponta que a realidade latino-americana é *sue generis* e é para ela que o psicólogo social deve olhar.

Para pesquisar a relação entre o adolescente e o abrigo e o sentimento da família que carrega o adolescente abrigado, é necessário adentrar na própria realidade antes de formular teorias. A perspectiva de vislumbrar a realidade para depois formular teorias ampara-se na Psicologia Histórico-Cultural de Vygotsky. De acordo com Bock *et al* (2002), o conhecimento da realidade material pelo homem se faz a priori para, a partir deste conhecimento, detectar como a realidade foi subjetivada na relação com o outro e com o ambiente social e físico.

Esta realidade a ser conhecida não é constituída apenas pelo homem com outro ser humano, mas também com o ambiente sócio-físico, entendido pela Psicologia Ambiental, como um “solo emocional” (CORRALIZA, 1998, p.60), em que há envolvimento, afetação emocional do sujeito em relação ao ambiente onde se encontra. O abrigo, na perspectiva da Psicologia Ambiental, é um ambiente institucional que transforma e é transformado na relação com o (a) adolescente e, por isso, carrega muitos afetos que serão conhecidos por meio do instrumento Mapa Afetivo (BOMFIM, 2003).

Com intuito de construir novos conhecimentos sobre afetividade e laços ambientais e familiares de adolescentes abrigados, é feito, no primeiro capítulo deste trabalho, um breve histórico da concepção de família, sua evolução e transformações, procurando referenciar-se no sentimento da família desenvolvido historicamente. Foi dada especial atenção à conjectura da família moderna que até hoje é um dos modelos para arranjos contemporâneos. Em seguida é abordada a relação entre família e políticas sociais, tendo em vista as necessidades pouco contempladas pelo Estado, e uma apresentação da assistência caritativa que não contribui para a emancipação destas famílias que, por vezes, violam os direitos de crianças e adolescentes. Estas famílias têm necessidades não só em termos econômicos, mas de respeito e consideração social, o que é vislumbrado no tópico Família, Afetividade e Sofrimento. Quanto ao laço afetivo entre adolescentes e abrigo o último capítulo da exposição teórica questiona o que sentem os (as) adolescentes pelo ambiente institucional em que estão; explica a medida de proteção que é o abrigamento e alternativas para a

institucionalização segundo o que é proposto pelo Estatuto (BRASIL, 1990b) e pelo Plano Nacional (BRASIL, 2006b).

As questões aqui levantadas foram acolhidas por três métodos de coleta de dados: Mapas Afetivos (BOMFIM, 2003), Entrevista Individual (RICHARDSON, 1999) e Diário de Campo (MONTERO, 2006). O primeiro instrumento utilizado foi o Mapa Afetivo, adaptado para a especificidade do ambiente institucional estudado, o abrigo. A entrevista individual serviu para aprofundar questões advindas dos Mapas Afetivos e para conhecer os afetos dos adolescentes abrigados para com suas famílias de origem. O diário de campo foi utilizado para registrar e descrever um pouco do cotidiano de cada abrigo e subsidiar informações para a apresentação dos procedimentos metodológicos. Os dados colhidos foram trabalhados por meio da análise de conteúdo e complementados por uma análise estatística dos questionários dos Mapas Afetivos.

Por fim, considerações deste trabalho foram feitas e o compromisso com a vida e a dignidade mais fortemente firmado para tentar contribuir com a proteção e respeito aos direitos de crianças e adolescentes.

Os meninos e meninas que participaram desta pesquisa têm nome e histórias próprias. Deixaram para mim de ser anônimos ou conhecidos por estatísticas. Então, por questões afetivas, receberam nomes diferentes, nomes de cantores e cantoras que cantam a vida, a liberdade, a afetividade, os vínculos e muitos outros aspectos que se relacionam com a vida especial de cada adolescente. Mestres da música brasileira, como Gonzaguinha e Marisa Monte, cantam a vida de jovens como estes que tanto contribuíram para a concretização deste trabalho e para me ajudar a dizer que há alternativas para a institucionalização.

## 2 FAMÍLIA E O SENTIMENTO DA FAMÍLIA

Atualmente, definir família é uma incumbência difícil visto que a instituição familiar considerada culturalmente como “modelo” (pai, mãe e filhos) raramente corresponde à diversidade vivenciada na realidade social. Declara Rangel (2006) que este modelo ainda está presente na Constituição Federal Brasileira de 1988 e no Código Civil de 2002 que reconhecem como entidade familiar somente a união estável de pessoas do sexo oposto, seja por casamento ou por união estável. Porém, devido à diversidade de arranjos familiares o conceito de família se modificou, compreendendo-se por família, de acordo com Rangel (2006), como “a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa e em qualquer relação íntima de afeto”. Este conceito ainda inclui e respeita as uniões entre homossexuais. No entanto, esta diversidade nem sempre foi aceita na história da humanidade.

Esta historicidade do conceito de família se inicia com a proximidade que havia entre família e comunidade. Segundo Buber (1987) existia no início do desenvolvimento da humanidade (ou o que se sabe dela) a comunidade denominada por ele como primitiva. Era uma vida em comum de homens em uma unidade, com características tribais ou de horda. Sem o grupo o indivíduo estava condenado à morte ou esquecimento. Engels (1991, p. 35) define a organização em hordas como “o maior progresso que a natureza conhece” para o homem sair da animalidade e defender-se através da união de forças e ação comum.

Por intermédio de um longo processo histórico se constituiu a distinção entre esfera de vida privada e a pública quando as esferas da família e da política se sedimentaram como entidades diferentes e separadas, relata Arendt (1981). É provável que o surgimento da Cidade-Estado e da esfera pública tenham ocorrido graças a esfera privada da família e do lar que se caracterizou por agregar seus membros compelidos por suas necessidades e carências; a sobrevivência como vida da espécie requeria a companhia de outros. Em geral, o homem sustentava a vida através do suprimento de alimentos e a mulher através do parto.

Segundo Arendt (1981), a *polis* diferenciava-se da família pelo fato de somente conhecer pessoas de um mesmo patamar sócio-cultural, ao contrário da família que era o centro da mais severa desigualdade. Descreve esta autora que na realidade da Grécia clássica a *polis* não invadia as vidas e propriedades privadas dos cidadãos. Sem ser dono de sua casa um homem não podia participar dos negócios do mundo, pois não teria nenhum lugar que lhe pertencesse. Provavelmente daí vem a desigualdade na esfera familiar: o homem era

proprietário e, portanto, mandava na casa e nos membros da família. Enquanto que, na *polis*, a coletividade e o compartilhar eram aspectos mais presentes, qualificando a equidade.

Esta separação entre o privado e o público pode-se verificar também no relato de Engels (1991) quando explana que o governo do lar perdeu seu caráter social ao se instalar a família patriarcal e a família individual monogâmica. O cuidado do lar se transformou em serviço privado; a mulher converteu-se em primeira criada, sem mais fazer parte da produção. A própria palavra família, a princípio entre os romanos, não se aplicava sequer ao casal de cônjuges e aos seus filhos, mas somente aos escravos. Descreve Engels que *Famulus* quer dizer escravo doméstico e família era o conjunto dos escravos pertencentes a um mesmo homem.

Ainda em Engels é possível verificar que o autor faz uma espécie de crescimento qualitativo da organização humana na história nos períodos da Selvageria, passando pela Barbárie até a Civilização. Neste último período, o homem teria encontrado a melhor, senão a mais evoluída forma de organização grupal. O ser humano teria “evoluído<sup>4</sup>” do matrimônio por grupos, novas comunidades domésticas sem existência necessária de laços consangüíneos até o casamento monogâmico, com mudanças sócio-econômicas amparando tais transformações. Mudanças como o triunfo da propriedade privada e não o “amor sexual individual”, conforme afirma Engels (1991, p. 70), teriam determinado a família monogâmica.

Quando a propriedade privada se sobrepôs à propriedade coletiva, e quando os interesses da transmissão por herança fizeram nascer a predominância do direito paterno e da monogamia, o casamento passou a depender inteiramente de considerações econômicas. Até a Idade Média não se podia predizer a existência do “amor sexual individual” dada a disparidade existente entre homens e mulheres na sociedade. O contrato, e não a livre vontade, constituía o matrimônio das classes abastardas (burguesia e aristocracia). Já para as classes oprimidas, afirma Engels (1991) que a livre escolha poderia existir já que se eximiam de trocas materiais por delas prescindirem.

Segundo Ariès (1981), o sentimento da família (como se concebeu na era moderna) se inicia em um contexto elitista, privilegiado: a morte do patriarca que deixa um patrimônio bem administrado e uma família unida em torno de si lamentando pela perda de uma vida plena. Ariès (1981) explana que através da análise iconográfica é possível concluir

---

<sup>4</sup> A palavra “evoluído” encontra-se entre aspas para contestar esta dita evolução que o ser humano teria conseguido por meio de transformações na natureza. Me parece que muito conhecimento foi construído, mas também muita destruição foi causada na própria natureza e no próprio homem que, no mundo contemporâneo ocidental, procura por manuais de vida (nos livros de auto-ajuda, por exemplo) e formas de amenizar os danos já causados a si e ao meio.

que o sentimento da família era inexistente na Idade Média, na Europa, surgindo apenas a partir dos séculos XV e XVI, para se acentuar no século XVII quando os retratos das famílias se modificam. Inicialmente, os membros ficavam unidos de forma indiferente, depois ganharam mais vida, pois passaram a se ligar por gestos que declaravam sentimentos recíprocos.

O sentimento da família, de acordo com Ariès, é inseparável do sentimento da infância. Isto se justifica porque na construção da infância ficou reconhecida a necessidade de cuidado das crianças por sua vulnerabilidade física e emocional. A infância pedia maiores cuidados de seus responsáveis, ou seja, dos adultos, o que aglutinou os demais membros da família em torno das crianças e de um lar para protegê-las. O denominado sentimento da família, descrito por Ariès (1981), se caracteriza pela intimidade entre os membros do grupo, pela privacidade e separação que tinham em relação à esfera pública, por uma dimensão intocável em relação ao que acontecia no lar, papéis rígidos para o homem e a mulher, pais como responsáveis pela educação e boa conduta dos filhos.

A casa também se modifica, se torna mais confortável e isolada do exterior para melhor acolher a família. Os escravos, servos e até amigos passaram a ocupar espaços específicos, com separação da vida profissional e privada, o que anteriormente não existia. Esclarece Ariès (1981, p. 270): “Esse grupo de pais e filhos, felizes com sua solidão, estranhos ao resto da sociedade, não é mais a família do século XVII, aberta para o mundo invasor dos amigos, clientes e servidores: é a família moderna”.

Oportunamente após descrever o que é o “sentimento da família” é necessário diferenciar esta categoria de “sentimento de família” que muitas vezes é usado como sinônimo da categoria aqui descrita. Pode ter havido um erro de tradução na edição do livro de Ariès (1981), podendo-se realmente utilizar “sentimento de família” como sinônimo de “sentimento da família”. A expressão “sentimento de família” chega a ser encontrada em outras leituras, mas sem o amparo nas fontes originais como o livro de Ariès (1981). Portanto, para evitar confusões, a categoria a ser utilizada como referência para este trabalho será “sentimento da família”, ou seja, expressão afetiva que floresceu mais fortemente a partir do século XVII, no mundo ocidental, entre a nova constituição familiar e tinha como características marcantes a intimidade entre os membros, a exclusão do mundo exterior em relação ao que acontecia na vida e na casa dos membros da família, laços consangüíneos os uniam e tinha a família como referencial de educação, segurança e aconchego. É este sentimento da família que estará presente nos afetos dos(as) adolescentes abrigados(as) ou terão afetos distintos aos descritos por esta categoria?



Ariès (1981) expõe que a construção do sentimento da família e da família moderna se deu junto com a ida das crianças à escola. No século XV, no Ocidente medieval, as crianças a partir dos sete anos, em média, eram separadas da família e encaminhadas a outras casas onde realizavam todo tipo de serviços domésticos ou aprendiam um ofício. A família de origem, por sua vez, recebia os filhos de outrem para a mesma finalidade. Nesta época não era vergonhoso servir, ao contrário, existiam manuais que ensinavam as crianças a bem desempenhar o papel de servo. No entanto, Ariès (1981) destaca que existiam as crianças que podiam ser mestres e as que aprendiam a servir para serem criados da casa, mas a brincadeira era conjunta! As crianças permaneciam longe da família até atingirem entre 14 e 18 anos. O mesmo autor afirma que esta educação recebida longe dos pais foi um dos obstáculos para o florescimento do sentimento da família. A escola, então, aproxima lentamente as crianças de seus pais que podem melhor vigiá-las e educá-las.

Deste modo as crianças passaram a ficar mais próximos de casa e os deveres atribuídos aos pais foram, conseqüentemente, crescendo. A família patriarcal passou a se organizar em volta de suas crianças. Compassadamente a família foi se diferenciando e a vida privada de pais e filhos adquiriu importância social. Aos empobrecidos deste período restava mandar seus filhos exercerem a função de criados nas casas da nobreza.

Donzelot (1986), assim como Ariès, destaca diferenças existentes nas famílias de classes sociais distintas. Ele relata a clara distinção de tratamento dado, por parte das instâncias governamentais européias, às famílias nobres e às pobres. Para as classes burguesas ficava designada a obrigação dos pais em educar suas crianças e tirá-las da influência negativa dos serviçais e tê-los sob sua vigilância. Para o segmento empobrecido da população era intencional, por parte da classe socialmente dominante, o controle das formas de direção da vida dos pobres. Tinha como objetivo a diminuição do custo social de sua reprodução, garantindo-se um número desejável de trabalhadores com um mínimo de gastos públicos. Neste momento nasce o que se denominou filantropia. Este autor ainda relata que a emergência do que se chamou “área social” vincula-se ao investimento na família empobrecida e em suas crianças para que a primeira conseguisse minimamente cuidar dos seus filhos.

Em meados do século XVIII, a educação de crianças era uma preocupação para médicos e administradores, justificando o surgimento de literatura voltada para os costumes da época, educação de crianças ricas, a prática de criação de filhos por amas de leite e o

acolhimento de menores<sup>5</sup> abandonados em hospícios. Até chegar à filantropia, a total ausência de investimento para uma parte empobrecida da população massacrou muitas crianças. Altíssimo índice de mortalidade de indivíduos recolhidos, redundava em um grande desperdício da força de trabalho para as chamadas tarefas nacionais como a colonização, a milícia e a marinha. Este alto índice de mortalidade explica-se pela incompetência em administrar os hospícios e na ausência de nutrizes que se dispusessem a cuidar bem destas crianças.

Explana Gadelha (1998) que a problemática ligada à família nobre estava relacionada com a ausência de cuidados com o corpo, palco da estética, como por exemplo, o uso de espartilhos durante a gravidez. E mesmo as famílias ricas não tinham segurança em suas amas próprias. Tendo em vista esta clara distinção em relação ao modo de vida das famílias, as medidas para sanar tais problemas também foram diferenciadas. Para a família nobre a intervenção destinou-se a transformar a mulher/mãe em representante da medicina, da educação e da assepsia dos serviços dos servos. Com estes investimentos na família nobre e a transformação da mulher/mãe surge o lar intimista, o público como ameaçador e a criança com liberdade vigiada.

Para a família empobrecida se buscou controlar e vigiar a infância pobre e o modo de vida que era distinto do burguês. No início do século XIX, nasce o salário-família, medida que se caracteriza como filantrópica-assistencial. Gadelha (1998) relata que houve investimento também na mulher/mãe da família pobrecida, para que ela fosse uma facilitadora na familiarização nas camadas não abastardas. Ela passa a contar com a instrução primária, o ensino da higiene doméstica, a institucionalização dos jardins operários, o repouso no domingo e, principalmente, a habitação. Com a casa, a mulher poderia realizar o que realmente importava à Assistência Pública: uma vez em casa, afaste os estranhos, mande entrar o marido e, sobretudo, os filhos. Está clara a imposição de um único modelo de família.

O Brasil herdou o modelo europeu de família nuclear, desprezando inúmeras experiências familiares encontradas entre os diferentes povos indígenas ou trazidas pelos negros advindos de várias nações africanas. O massacre de índios e negros no país esteve amparado na crença de que suas culturas eram promíscuas e só reforçou a defesa da família patriarcal como ideal. Este modelo ganhou mais força no início da República e em meados do século XX com os movimentos de “higienização” da sociedade, com a modernização, a

---

<sup>5</sup> O termo menor vigorou em lei no Brasil por muito tempo (desde 1927 com o 1º Código de Menores) até ser substituído por criança e/ou adolescente no ECA (1990) devido seu teor pejorativo.

urbanização e a industrialização. A influência religiosa, representada pela Igreja Católica, endossou este formato de organização familiar, embora Samara (1985) esclareça que em lugares como São Paulo e Minas Gerais, no Brasil do século XVIII, existissem arranjos familiares distintos do formato da família patriarcal, como casais sem filhos, famílias pouco numerosas, pessoas vivendo sozinhas, entre outros arranjos. A família patriarcal era mais característica das propriedades de lavoura canavieira do Nordeste. Parece que este já era o protótipo de organização social que desde então exercia maior poder.

O processo de aculturação<sup>6</sup>, que fala Costa (1983), ocorrido no Brasil foi afirmado pela construção da família “íntima” e indivíduo “psicologizado” que passaram a morar em uma casa muito bem decorada, composta por pessoas com hábitos finos e sofisticados, bem nutridos e vestidos. O indivíduo introspectivo que se voltava para a descoberta de sua vontade interior era uma figura excepcional no mundo colonial em uma parte da sociedade.

Esclarece Costa (1983, p. 98):

O amor entre pais e filhos, abrigados por móveis de luxo, refeições sofisticadas e indumentárias bem-cuidadas, pôde então florescer. Da mesma forma os espíritos rudes, as maneiras obtusas e as sensibilidades grosseiras foram transformados pelos corpos disciplinados, plenos de pudores morais e escrúpulos fisiológicos, em almas requintadas e romanticamente angustiadas.

A partir de 1950 novas mudanças ocorreram em torno do conceito de família devido a aceleração da urbanização e da industrialização, mudanças no ideário feminino relativo ao casamento e sua maior participação, principalmente nos anos 80, no universo do trabalho. Tudo isso resultou na diminuição do tamanho das famílias e na diversificação dos arranjos familiares que se observam hoje no país.

A participação das mulheres no mundo do trabalho caracteriza uma das mudanças no contexto familiar. O fato de as mulheres tornarem-se produtoras de rendimentos e parceiras na formação do orçamento familiar confere-lhes nova posição na estrutura doméstica, alterando os vínculos que as unem ao marido e aos filhos, e contribuindo no redimensionamento da divisão sexual do trabalho. Assim, parte das atividades domésticas são também divididas entre mulher e homem, o que antes eram exclusivamente femininas.

Elemento que atuou de forma decisiva na mudança do papel da mulher na família e na sociedade foi o movimento feminista. As diversas linhas deste movimento questionaram

---

<sup>6</sup> Costa (1983, p.113) utiliza o termo aculturação para falar do processo que ocorre quando uma cultura, autodenominada “superior”, se sobrepõe e anula a cultura já estabelecida no contexto social vigente. No Brasil ocorreu uma “europeização”, ou seja, uma adesão aos costumes e cultura europeus por parte dos brasileiros, desde a colonização, com acentuação do processo a partir do século XVIII.

os fundamentos das relações entre homens e mulheres, e construíram novas representações sobre o papel da mulher na família e na sociedade.

Romanelli (2003) destaca que até as trocas afetivas se modificaram. A mulher, anteriormente principal responsável pela educação e trocas afetivas entre os filhos, passou a dividir mais a atenção dos filhos com o homem. A paridade econômica e social entre mulheres e homens permitiu esta nova distribuição afetiva. O homem, até os anos 50, era comumente visto como o pai distante e com uma autoridade incontestável, responsável pelo sustento econômico. O autor também destaca que tais mudanças são mais facilmente absorvidas em segmentos das camadas médias com maior grau de escolarização, pois estão mais abertas às inovações culturais.

Uma pergunta intriga: o sentimento da família se configura atualmente como descreveu Ariès (1981) nos séculos XVII e XVIII ou também sofreu modificações? É necessário pensar que o sentimento da família deva ser olhado na atualidade respeitando as muitas mudanças sociais que aconteceram desde que o conceito surgiu. Mudanças como a que aponta Rangel (2006): laços afetivos também ligam as pessoas em família, não mais somente os laços de parentesco ou consangüíneos. As modificações verificadas a partir de 1950 nas famílias também possibilitaram que os laços afetivos que as ligam e desligam fossem transformados.

### 3 FAMÍLIA E POLÍTICAS SOCIAIS

Petrini (2003) afirma que ao longo do século XX, poderosas forças sociais e ideológicas tomaram posição contra a família, direta ou indiretamente, concedendo-lhe um espaço marginal, na reflexão e na ação social e política, inclusive com políticas públicas nascendo tardiamente em alguns lugares do mundo. Ainda declara que, com o Estado do Bem-Estar Social, a família ou a comunidade, representando sujeitos coletivos, perdeu para o indivíduo o centro das políticas sociais.

Carvalho (2003) afirma que parecia que o indivíduo-cidadão poderia trilhar sua vida dependente apenas do Estado e do trabalho, descartando as sociabilidades comunitárias e familiares. Este crédito é devido às conquistas socioeconômicas, culturais e tecnológicas, embora tais avanços continuassem inatingíveis para grande parte da população do chamado Terceiro Mundo. Carvalho (2003) declara que ficou no imaginário coletivo a perspectiva de um Estado forte para concretizar políticas sociais, distribuir a riqueza produzida, controlar os apelos selvagens do capital e garantir o pleno emprego. Em suma, o Estado seria o responsável na distribuição de bem-estar social e o trabalho ocuparia a função de inclusão social. Até os anos 90 estes foram os planos. A partir de então se efetivaram novas mudanças.

A reforma do Estado em curso; as compreensões políticas e econômicas globais; as novas demandas de uma sociedade complexa; os déficits públicos crônicos; a revolução informacional; a transformação produtiva, o desemprego e a precarização nas relações de trabalho; a expansão da pobreza e o aumento das desigualdades sociais são alguns dos tantos fatores que engendram demandas e limites e pressionam por novos arranjos e modos de gestão da política social (CARVALHO, 2003, p. 16).

É neste cenário que redes de solidariedade e sociabilidade pensadas a partir da família ganham importância na política e proteção sociais no fim de século. Não somente a família é chamada pelo Estado para ser parceira na responsabilização das políticas, mas também a sociedade civil<sup>7</sup> (com forte referência às suas organizações solidárias reunidas sob o

---

<sup>7</sup> A sociedade civil pode ser denominada como pessoas vinculadas ou não a instituições e movimentos sociais que acolhem uma causa e buscam contribuir para sua visibilidade e concretização de direitos, junto ou não ao Estado. Quando a sociedade civil é adjetivada como “organizada” está situando-a em um patamar mais institucionalizado e político. De acordo com pesquisa na Wikipédia (2007), a sociedade civil deu origem ao Terceiro Setor que é uma terminologia sociológica que dá significado a todas as iniciativas privadas de utilidade pública com origem na sociedade civil. Segundo Kanitz (2007), o primeiro setor é o Estado, responsável pelas questões sociais. O segundo setor é o privado, responsável pelas questões individuais. Com a fragilidade do Estado, o setor privado começou a contribuir nas questões sociais, por intermédio das inúmeras instituições que compõem o chamado terceiro setor. Este é, então, constituído por organizações sem fins

rótulo de Terceiro Setor) e iniciativa privada. Esta é uma realidade comum na América Latina, especialmente no Brasil, marcados por frágil Estado.

A família passa a ser vista como grande facilitadora da socialização dos membros, fonte de educação e proteção de crianças e adolescentes, recanto de possibilidades e limites. Esta era a representação que o Estado quis passar da família. Não quer dizer que a formação familiar de um indivíduo já não fosse sua fonte de cuidados e solidariedade. Com a perda do sonho do Estado forte no Brasil, provavelmente o próprio Estado quis dividir esta difícil tarefa de desenvolver e efetivar políticas sociais. A família participaria, portanto, na divisão das responsabilidades, mas, principalmente, seria um alvo de críticas que, na verdade, deveriam ser destinadas ao Estado. O potencial protetor aportado pela família, em especial aquela em situação de pobreza e exclusão, só é passível de concretização se ela própria recebe atenção básica e isto é tarefa do Estado.

Me parece desapontador trazer à memória linhas de estudo da Psicologia que contribuíram para a ideologização do papel da família na vida de um indivíduo. Para algumas perspectivas teóricas não havia ampliação de estudo e observação para o contexto cultural e social em que o sujeito vive. Sem esta ampliação a família ficou marcada como única responsável por neuroses e frustrações de seus membros, como se estes não estivessem contidos em um contexto mais abrangente que também os constroem. Contribuir para a construção de conhecimentos acerca de família na realidade brasileira é, portanto, tentar ampliar a visão, ter um olhar histórico e social crítico, renovador, próximo de nossa realidade.

O reconhecimento da importância da família no contexto da vida social está explícito no Art. 226 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1990a), na Convenção sobre os Direitos da Criança (1989), no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990b), na Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS (BRASIL, 1993) e na Declaração dos Direitos Humanos (1948).

Defendo a importância da família agregada ou por laços consangüíneos, de afinidade e/ou de afetividade, conforme define Rangel (2006). Trata-se da importância dada às relações que possibilitam o “ser humano”. Relações ou laços que podem até nem ser nomeados como família, mas tem o significado afetivo que une e contribui para o crescimento das pessoas.

---

lucrativos e não governamentais, que tem como objetivo gerar serviços de caráter público. De acordo com Liberati (2002), antes do Estatuto (BRASIL, 1990b) a ação governamental era proposta de forma isolada e de forma autoritária por meio de programas e diretrizes desenvolvidos a partir dos Códigos de Menores vigentes (de 1927 e de 1979). A partir do Estatuto, então, não só a União, os Estados e Municípios devem propor ações de atendimento na área da assistência social. A sociedade civil é, agora, chamada a opinar e indicar as suas necessidades, participando na formulação de políticas e no controle das ações em todos os níveis.

Cito, a partir do meu conhecimento de trabalho, algumas iniciativas estatais e de entidades não governamentais que hoje podem ser vistas no país destinadas às famílias: tratamentos ambulatoriais; projetos de mobilização e participação comunitária; rede de serviços de apoio psicossocial, cultural e jurídico à família; programas de complementação de renda (bolsas); programas de geração de trabalho e renda. Muitas destas ações não se destinam a valorizar e contribuir para a autonomia dos contextos familiar e comunitário dos sujeitos.

Uma iniciativa que tem como uma de suas diretrizes a centralidade da família nas políticas públicas com o objetivo de oferecer mais condições às famílias, especialmente as empobrecidas, para melhor cuidarem de suas crianças e adolescentes é o Plano Nacional de Promoção, Defesa e Garantia do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (BRASIL, 2006b). Este Plano trata do empenho de muitos atores sociais (como Conselho Nacional da Criança e do Adolescente – CONANDA, e Conselho Nacional da Assistência Social – CNAS) comprometidos com os direitos da infância e juventude do país para construção de um novo patamar conceitual que orientará a construção de políticas para que mais crianças e adolescentes tenham seus direitos assegurados e encontrem em suas famílias os elementos necessários ao seu desenvolvimento.

Na convivência familiar tal Plano entende que há interação de aspectos individuais e coletivos, da história familiar, transgeracional e pessoal. Esta convivência existe na vivência de pessoas que têm entre si uma referência de afeto, proteção e cuidado, onde os indivíduos constroem seus primeiros vínculos, desenvolvem autonomia, exercem cuidado mútuo e vivem conflitos, independente de terem ou não laços consangüíneos. Crenças, regras, valores, limites são circunscritos na convivência familiar que está, assim como quem a vivencia, em contínua transformação. Contando com esta capacidade transformadora, principalmente em se tratando de famílias em situação de vulnerabilidade<sup>8</sup>, as pessoas têm possibilidade de reorganização diante de suas dificuldades e desafios, podem transformar suas crenças e práticas para consolidar novas formas de relação.

A convivência comunitária, de acordo com o Plano Nacional (BRASIL, 2006b), pode favorecer a preservação e o fortalecimento dos vínculos familiares, a inserção social da família, bem como a proteção e o cuidado à criança e ao adolescente. São as instituições como

---

<sup>8</sup> De acordo com o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (2006) a família em situação de vulnerabilidade ou de risco social é aquela que enfrenta condições sociais, culturais ou relacionais que dificultam o cumprimento de suas responsabilidades e/ou cujos direitos constitucionais estão ameaçados ou infringidos, colocando em risco de violação de direitos suas crianças e adolescentes seja por meio de violência, trabalho infantil, uso de drogas, abuso, negligência grave ou abandono.

igrejas, escolas, postos de saúde; os espaços sociais como as ruas, praças, quadras e os grupos (que instituições e espaços compõem) que configuram esta convivência comunitária. Faz-se, então, necessário a efetivação de políticas públicas, não só para a família propriamente dita, mas para seu contexto comunitário e coletivo. É como se a família perdesse mais do seu caráter privado marcadamente presente no conceito de sentimento da família. A convivência comunitária parece que recupera o caráter social que a família tinha antes de se instalar o estilo da instituição familiar patriarcal.

O Plano Nacional de Promoção, Defesa e Garantia do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (BRASIL, 2006b) é uma das políticas públicas que concretiza a participação que o Estado brasileiro deve ter no cuidado e proteção à Infância e Adolescência:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990b).

No parágrafo único deste artigo acima descrito há a explicação do que a lei compreende por “prioridade absoluta” à criança e ao adolescente: primazia em receber socorro em qualquer circunstância; precedência do atendimento nos serviços públicos ou que tenham relevância pública; preferência na formulação e na execução de políticas públicas; e destinação privilegiada de recursos públicos para a infância e juventude. De acordo com Liberati (2002), a prioridade absoluta está amparada na representação da infância e juventude como maior patrimônio que uma nação pode ter. Este autor também esclarece que a destinação de verba do Estado para assegurar esta prioridade para crianças e adolescentes deve se concretizar na construção de creches, escolas, postos de saúde, por exemplo, antes de construir praças, monumentos artísticos etc, porque a vida, a prevenção de doenças, habitação “são mais importantes que as obras de concreto que ficam para demonstrar o poder do governante” (Ibid, p.17).

A ação do Estado não deve estar solitária, mas, de acordo com o Art. 86 do Estatuto (BRASIL, 1990b), a política de atendimento dos direitos de crianças e adolescentes deve ser feita por um conjunto articulado de ações governamentais e não-governamentais, da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

Com esta diretriz de crianças e adolescentes como prioridade absoluta, o Art. 87 do Estatuto (BRASIL, 1990b), descreve as ações do Estado para garantir esta primazia por



meio das políticas de atendimento. A primeira linha de ação destas políticas é composta por políticas sociais básicas e Liberati (2002) explica que estas são definidas pela “primeira necessidade, ou seja, o trabalho, a educação, a saúde, a habitação, o abastecimento, o transporte, o esporte, o meio ambiente e o lazer” (LIBERATI, 2002, p.54). Posteriormente falar-se-á em Sawaia (2001) que questiona a descrição de certas necessidades como básicas.

O Art. 87 declara que, quando as políticas sociais básicas não beneficiam ou atingem à população, devem ser acionadas as políticas e programas de assistência social, em caráter supletivo, para aqueles que deles necessitem. Liberati (2002) afirma que é esta vulnerabilidade, ocasionada pela ineficiência da ação social básica, que caracteriza e gera a situação de risco, surgindo a necessidade de ter uma ação compensatória. Penso que é a partir desta situação que se encontram os(as) adolescentes abrigados(as).

Ainda no Art. 87 do Estatuto (BRASIL, 1990b), Liberati (2002) esclarece que a política de atendimento à criança e ao adolescente é composta por outras três ações que se caracterizam por implantar uma política de proteção especial para indivíduos que estão em situação de vulnerabilidade, ou seja, sendo vítimas de negligência, maus-tratos, exploração, abuso, crueldade e opressão. O abrigo encontra-se na política de proteção especial.

Para que indivíduos não tivessem que acessar às políticas de proteção especial seria essencial um maior investimento nas ações de prevenção ou de atenção básica para crianças e adolescentes. Na realidade de Fortaleza conheço políticas públicas exclusivas para adolescentes, como Agente Jovem, Adolescente Cidadão, Crescer com Arte, que são iniciativas do Governo Municipal. São atividades no âmbito preventivo para adolescentes, principalmente, em situação de vulnerabilidade social. São poucas vagas para tais atividades. Muitos adolescentes esforçam-se para pagar um curso particular ou simplesmente ficam sem a oportunidade de engajamento.

Em âmbito nacional, em outubro de 2007, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou uma série de medidas, denominado Programa de Aceleração do Crescimento – PAC, das Crianças, referentes ao enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes brasileiros. Uma das ações se destina às crianças, adolescentes e jovens que vivem em abrigos. Rodrigues (2007) informou que o presidente nestas medidas repassa, a partir de 2008, R\$ 1.500,00 às famílias que acolherem de volta crianças levadas para abrigos por causa da pobreza. E em outra ação transfere jovens com mais de 18 anos dos abrigos para moradias coletivas e oferece a eles estágios em bancos estatais; e, por fim, repassa R\$ 70 milhões a 445 municípios para reforma dos abrigos.

Apesar de toda a atual mobilização de leis e políticas para integrar a proteção à criança e ao adolescente às suas famílias, ainda é alarmante o sofrimento e o desamparo presente em milhares de famílias no Brasil. As famílias empobrecidas, em especial, e, por consequência, seus membros mais vulneráveis como crianças e adolescentes, sofrem com as influências negativas do desenvolvimento socioeconômico e da ação estatal por meio das políticas públicas pouco eficientes.

Por família empobrecida denomina-se aquela que é assistida por um Programa Nacional de Transferência de Renda (Bolsa Família): famílias com renda por mês de até R\$50,00 por pessoa ou com renda por mês de R\$ 50,01 a R\$100,00 por pessoa que tenham criança de zero a 15 anos ou gestantes (BRASIL, 2006a). Este valor equivale a, aproximadamente, 0,13 a 0,26 do salário mínimo do ano corrente. De acordo com a Agenda de Compromissos da Família (BRASIL, 2006a), o Governo Federal criou o programa Bolsa Família para apoiar as famílias mais pobres e garantir o alimento. O dinheiro lhes é transferido diretamente e as famílias tem que manter seus filhos na escola e fazer acompanhamento contínuo de saúde, principalmente de crianças e gestantes. Trata-se, como denomina o Estatuto (BRASIL, 1990b), de uma política de assistência social, de caráter supletivo. Carvalho (2003) destaca que quando há um trabalho de geração de emprego e renda, para maior autonomia das famílias, este tipo de política apresenta resultados mais positivos.

A enumeração de tais ações permite perguntar se há qualidade nestes trabalhos realizados, principalmente no âmbito governamental. Conseguem realmente transformar, mexer no tecido social ou atuam muitas vezes apenas “gerenciando a pobreza”? São inúmeras as dificuldades e é possível falar aqui sobre elas com precisão porque sou psicóloga social e comunitária: pouca estrutura de trabalho (pouco ou às vezes nenhum material de escritório, transporte, espaços para guardar material sigiloso, lugar minimamente adequado para realizar grupos), políticas que não se comunicam e nem se interligam, setores que não sabem qual é ou quais são suas responsabilidades, opressão sobre os profissionais que tentam trabalhar com a libertação e autonomia das pessoas, afora intrigas pessoais e competição entre profissionais. O cansaço e a falta de perspectiva de melhora são os principais obstáculos para continuar, mas certamente render-se não é a solução que se quer para a transformação social.

Conforme o material de trabalho do I Seminário Municipal de Promoção, Defesa e Garantia do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (BRASIL, 2006b) são as famílias empobrecidas as mais negativamente afetadas pelas consequências das mudanças. Isso se justifica quer quando se considera o impacto das transformações sociais e econômicas de longo prazo que vem redesenhando o país desde

1950, com a industrialização e a urbanização crescente da população brasileira, quer quando se considera as medidas de política mais recentes, tomadas a partir de 1990 e caracterizada pelo ajuste econômico e pela restrição das políticas sociais.

Esta família empobrecida, embora tenha peculiaridades na forma de organizar-se, que lhe possibilita apoio nas relações de solidariedade parental e ampliada, tem experimentado uma crescente diminuição da sua capacidade de proteger seus membros. O material de trabalho do I Seminário Municipal de Promoção, Defesa e Garantia do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (BRASIL, 2006b) afirma que existem muitos fatores explicativos para a incidência da violência contra crianças e adolescentes no âmbito familiar: história familiar passada ou presente de violência doméstica; ocorrência de transtornos mentais entre os membros das famílias; despreparo para a maternidade ou paternidade de pais jovens, inexperientes ou sujeitos a uma gravidez indesejada; adoção de práticas educativas muito rígidas; isolamento social das famílias que inviabiliza ou dificulta contato com pessoas de fora do círculo familiar; ocorrência de práticas hostis, desprotetoras ou negligentes em relação às crianças e adolescentes, dentre outros fatores situacionais.

Com relação à violência que ocorre no âmbito familiar que vitimiza crianças e adolescentes, a apostila do Curso de Capacitação Técnica no Enfrentamento da Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes (2002) aponta mitos que encobrem realidades difíceis de serem encaradas como a violência sexual ou tentativa praticada por membros da família. Um dos mitos é que todos os pais amam seus filhos e, por isso, tem o direito absoluto sobre eles e tudo o que fazem é benéfico para os filhos. Logo, se um pai ou mãe bate ou abusa do(a) filho(a) está exercendo um direito que tem como pai ou mãe porque é para o bem da criança ou adolescente. Outro mito é de que os pais que maltratam seus filhos são raros. Este material relata que, na realidade, a violência em muitos lares é um fenômeno frequente e geralmente cíclico, ou seja, se reproduz por várias gerações. Entretanto, não é possível separar o padrão de convivência familiar das questões mais amplas de frustração, humilhação, redução dos direitos sociais e privações causadas pelo desemprego e pela diminuição da ação do Estado na garantia da sobrevivência das famílias por meio da provisão de políticas sociais.

Percebo em minha prática profissional que as diversas formas de privação (saúde, educação, habitação digna, alimentação, infra-estrutura etc) potencializam um ambiente de ameaça ou violação de direitos de crianças e adolescentes, além da fragilização de suas relações afetivas. No entanto, é claro que a pobreza ou carência de recursos materiais não constitui motivo suficiente para explicar o fenômeno da violação de direitos de crianças e

adolescentes. Assim como nem toda família empobrecida agride suas crianças, nem toda família abastada cuida bem de seus filhos.

## 4 FAMÍLIA, SOFRIMENTO E AFETIVIDADE

A família é uma das responsáveis pelo cuidado e proteção à criança e ao adolescente, mas é costumeiramente apontada como a principal responsável quando crianças e adolescentes estão em situação de vulnerabilidade social. Nesta situação existem afetos próprios desta condição de maus tratos, abandono, negligência de muitas famílias por parte do Estado que gera um sofrimento psíquico próprio destas condições de injustiça social nestes indivíduos. O sofrimento não advém tão somente da restrição material, mas como afirma Sawaia (2000) há afetos advindos da condição indigna em que são expostas milhares de famílias brasileiras, que pouco ou nada conseguem para concretizar os direitos de suas crianças e adolescentes.

Sawaia (2001) fala de uma pesquisa com moradores de rua que buscavam não só suprir suas necessidades como comer, por exemplo, mas também buscavam dignidade e respeito. Não queriam qualquer sobrevivência, pois indicavam que não há um patamar em que o homem é animal. O descrédito social parecia afetá-los mais que a fome. “O brado angustiante do “eu quero ser gente” perpassa o subtexto de todos os discursos. E ele não é apenas o desejo de igualar-se, mas de distinguir-se e ser reconhecido” (Ibid, p. 115).

De acordo com Sawaia (2001), o sofrimento ético-político é a vivência cotidiana das questões sociais dominantes referentes, em especial, a dor que advém por ser tratado como inferior, subalterno, inútil. Este sofrimento, de quem vive a dor da exclusão, não chega aos ouvidos das classes dominantes. A autora explica que a afetividade é a categoria analítica do “porque e do como” e a ética é a categoria do “para que” (SAWAIA, 2000, p. 3).

A dor por ser maltratado, humilhado e o sofrimento advindo de situações cotidianas de injustiça e desconsideração social são afetos que compõem a categoria afetividade, considerada como:

[...] tonalidade, cor emocional que impregna a existência do ser humano e é vivida como: 1) sentimento: reações moderadas de prazer e desprazer que não se referem a objetos específicos; 2)emoção: fenômeno afetivo intenso, breve e centrado em objeto que interrompe o fluxo normal da conduta (Ibid, p. 2).

A autora fala que esta categoria tem uma potencialidade transdisciplinar, pois designa ao mesmo tempo objetividade e subjetividade, mente e corpo, razão e emoção; é um questionamento contra-hegemônico pois vai de encontro à tradição positivista. Esta concebe

os afetos com uma perspectiva muito negativa, como uma patologia da razão separando-a das emoções. A emoção estava ligada à patologia e a razão à saúde e harmonia social.

O estudo dos afetos na Psicologia não é novidade, mas esta ciência costumava encarar de forma negativa, segmentada. Riviere (1985) explica que Vygotsky, em meio a uma crise na Psicologia dos anos 20, encabeça um movimento contra o dualismo das escolas materialista e idealista da época e teoriza sobre as emoções que, assim como pensamento e linguagem, tem uma gênese social. Vygotsky considerava que a separação entre objetivo e subjetivo, razão e emoção constituía um dos mais graves defeitos da Psicologia. Sua forma de unir estes aspectos foi através da consideração do ser humano como um ser de relação e dentro desta conseguia desenvolver, em estruturas basais e fisiológicas, as funções psicológicas superiores, como pensamento e linguagem.

Para Vygotsky as emoções estão impregnadas aos significados das palavras. Estes significados são social e culturalmente construídos, mas o sujeito não os absorve diretamente, consegue subjetivar tornando um componente social também individual, dando um sentido específico. É na ação no mundo que o homem modifica a realidade e se modifica. Esta é a articulação do intelecto, emoção e volição que o autor faz, embasando-se na concepção monista de Espinosa e na dialética de Engels, conforme expõe Sawaia (2004). E esta autora destaca que o sujeito com restrições materiais tem o direito de ser ético, de sentir não só a fome, mas, a opressão, a tristeza e a alegria mesmo atrelada à luta pela sobrevivência.

Sawaia (2004), baseada em Espinosa, derruba mitos como a negatividade das emoções, a hierarquia de que as necessidades humanas básicas são as de sobrevivência e que a liberdade é estar apartado da necessidade e da historicidade. Defende uma ética imanente aos afetos.

Essa ontologia devolve aos pobres, o direito de serem éticos, de terem necessidades elevadas e pensarem sem submissão a qualquer poder constituído, apesar de estarem presos à luta pela sobrevivência e conclama a todos a afastarem tudo quanto lhes causa medo e tristeza, sem necessidade de qualquer entidade transracional, porém sem tirar a responsabilidade do Estado (Ibid, p. 15-16).

Se o sofrimento ético-político surge com o outro na concretude da vida, a superação deste afeto também se dá em relação na objetividade do mundo. Para superar o sofrimento ético-político Sawaia (1999) aponta o conceito de potência de ação. Esta autora, inspirada em Espinosa, explica que potência de ação é o direito que cada pessoa tem de ser, de se afirmar e de se expandir para atingir a liberdade. Contrapõe-se à potência de padecer que se refere às “paixões tristes e alegrias passivas” (SAWAIA, 1999, p. 111) e gera servidão.

Existindo em paralelo a conceitos como “conscientização” e “educação popular”, a potencialização deixa à margem o excesso de racionalidade existente nestes conceitos citados e enfoca o papel positivo das emoções na educação e na conscientização. Lança luz sobre a importância das relações, uma vez que potencializar pressupõe o desenvolvimento de valores éticos na forma de sentimentos, desejos e necessidades. Para Sawaia (1999), o enfrentamento e superação do sofrimento psicossocial não é a partir de sua eliminação, mas da transformação em possibilidade de ação, contribuindo para diminuir o sofrimento de cada um, sem ignorar que nas relações um indivíduo precisa ver no outro a possibilidade de superação e transformação.

O sofrimento ético-político advém, segundo Sawaia (1999), da dialética exclusão/inclusão<sup>9</sup> social podendo tanto repercutir em uma potência de ação (alegria) como uma potência de padecimento (humilhação, vergonha, medo). Não basta apenas definir as emoções que as pessoas sentem, é preciso conhecer o contexto no qual foram geradas para compreender a implicação do indivíduo com a situação que o emocionou. É preciso saber, por exemplo, se a acomodação em fazer parte de um programa de transferência de renda do Governo leva o sujeito à potência de padecimento (SAWAIA, 1999) ou se o move à busca de sua autonomia e emancipação, para não mais querer fazer parte dos números da miséria, o que pode levar o indivíduo à potência de ação (SAWAIA, 1999). Infelizmente algumas políticas públicas encontram-se atuando na lógica desta dialética exclusão/inclusão: atingem pessoas em situação econômica precária, mas só contribuem para manutenção da ordem social, não cessam as desigualdades.

Neste trabalho a afetividade será abordada como se expressa Sawaia (2004): como categoria central de análise de questões epistemológicas da Psicologia e dos problemas sociais, assim como da elaboração de políticas públicas emancipadoras. Portanto, para a implementação do Plano Nacional de Promoção, Defesa e Garantia do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária na realidade brasileira, será necessário uma mudança na conjuntura afetiva dos brasileiros em relação ao que sentem por família e comunidade, como se envolvem com essas estruturas sociais e como agem para transformá-las. Partindo desta reflexão, compartilho algumas inquietações: será que conhecer os afetos dos adolescentes para com a instituição de acolhimento onde estão pode dizer se o direito à

---

<sup>9</sup> Sawaia declara que a expressão dialética exclusão/inclusão marca que ambas não constituem categorias em si, mas fazem parte da mesma substância e são indissociáveis neste sistema em que se vive na contemporaneidade.

convivência familiar e comunitária está sendo garantido? Conhecer estes afetos contribui para esta elaboração de políticas públicas emancipadoras conforme descreve Sawaia (2002)?

A potência de padecimento pode se configurar, por exemplo, na ameaça ou violação de direitos de crianças e adolescentes que têm a rua ou algumas instituições como possibilidades de acolhimento. Diógenes (1994) fala sobre uma forma de conquista da rua cada vez maior por crianças e adolescentes advindos, em sua maioria, de famílias que os vitimizaram. Aponta uma pesquisa, realizada pela Secretaria da Ação Social em Fortaleza, que revela que 88,23% das crianças pesquisadas afirmaram serem maltratadas em casa, enquanto 39,9% indicaram serem maltratadas nas ruas. A casa passa a ser não apenas local da fome, mas, concomitantemente, cenário da violência.

Diógenes (1994) destaca a cidade de Fortaleza como cenário de contrastes, onde crescimento e riqueza associam-se com exclusão e pobreza. Estes últimos aspectos, próprios de algumas famílias, constituem a composição da casa que, ao invés de ser um lugar que aglutina e acolhe, passa a ser lugar de risco e de expulsão. No cenário da riqueza e do crescimento da cidade as famílias se vêem, em geral, como reduto de intimidade e de individualismo, como escola e instância de preparação da criança para a vida. A rua para este segmento social é lugar de risco e de violência<sup>10</sup>. No espaço oposto a este, muitas famílias empobrecidas não mantêm justaposição entre casa e família. A família enclausurada e isolada nos muros altos; protegida por vigilantes, cachorros e alarmes é uma realidade nos bairros onde a riqueza e os privilégios saltam aos olhos. E quando ocorrem casos de violência contra criança e adolescente é fácil abafar, o que não acontece nos bairros populares. Nestes, as casas possuem, em sua maioria, um só cômodo onde abrigam adultos e crianças, paredes finas e frágeis, quase nenhuma proteção do exterior; a família, por vezes, dissolve-se no coletivo da vizinhança.

Algumas famílias enclausuram-se porque são ricas e tentam se proteger de outras famílias que, pela falta de bens, mobilizadas pela necessidade, expõem seus filhos aos perigos das ruas. Dinâmicas sociais diferentes como a que Donzelot (1980) e Ariès (1981) descreveram. Esta comparação entre famílias abastadas e famílias pobres clarifica a historicidade do conceito de família moderna e as ideologias que acabam por culpabilizar pessoas por não seguirem determinados preceitos ou modelos.

É possível, dessa forma, imaginar como deve ser sofrido o cotidiano de muitas famílias brasileiras que não conseguem, por muitos motivos, cuidar minimamente de suas

---

<sup>10</sup> Este cenário parece com o que Ariès (1981) definiu em sentimento da família: a família e a casa como redutos e o externo a isto como ameaçador.



crianças e adolescentes. Será que são as famílias mesmo que violam os direitos da criança e do adolescente? O resultado de uma situação precária pode chegar ao rompimento ou fragilidade dos laços familiares e comunitários, o que permite encontrar como saída não só a rua, mas formas de acolhimento institucionalizado.

## 5 FAMÍLIA, PSICOLOGIA AMBIENTAL E ABRIGO

O abrigo, no caso desta pesquisa, corresponde a um ambiente institucional que afeta e é afetado, de alguma forma, na relação pessoa-ambiente, além de estar carregado por uma representação marcante por seu significado historicamente construído. O impacto que um ambiente causa em um indivíduo pode ser estudado pela Psicologia Ambiental.

O contato de um indivíduo com um espaço físico, principalmente em se tratando de uma instituição, não se dá sem comprometimento emocional, ou seja, afeta a pessoa envolvida na relação indivíduo-ambiente. Neste contato há envolvimento de afetos, pois é dentro de um contexto sociofísico que um indivíduo se constrói com outras pessoas e se insere culturalmente, evidenciando a relação intelecto, emoção e volição. Os afetos de um ambiente para uma pessoa podem não ser claros para ela, assim como acontece com o afeto a pessoas. De acordo com Corraliza (1998, p.60), para a Psicologia Ambiental o ambiente é um solo emocional, pois experiências vitais de indivíduos se firmam e se associam a lugares, espaços, paisagens, “da mesma forma que o húmus se fixa e se molda ao leito de um rio”.

De acordo com Moser (1998), a Psicologia Ambiental se destina a estudar a reciprocidade pessoa-ambiente, ou seja, a relação entre pessoa e o meio ambiente físico e social. Trata-se de uma relação dinâmica tanto quando se refere aos ambientes naturais como aos construídos. O ambiente não é pensado somente como uma estrutura física, mas principalmente como uma dimensão regida pela construção de significados dados pelo sujeito na relação pessoa-ambiente. Em outras palavras, a Psicologia Ambiental entende ambiente como espaço sócio-físico, reflexo de uma coletividade.

Giuliani (2004) traça um paralelo entre os afetos que envolvem as pessoas entre si e as pessoas e os ambientes. Existem laços afetivos que ligam tanto as relações interpessoais como as desenvolvidas por indivíduos e os ambientes que ocupam. Por laço afetivo a autora utiliza as palavras de Ainsworth (*apud* GIULIANI, 2004, p.96):

Defino um “laço afetivo” como um vínculo relativamente duradouro, em que o parceiro é importante por ser um indivíduo único e não ser intercambiável com nenhum outro. Em um laço afetivo, há um desejo de se manter próximo ao parceiro. Em crianças mais velhas e adultos, essa proximidade pode até certo ponto ser sustentada através do tempo e da distância e durante ausência, mas, mesmo assim, há pelo menos um desejo intermitente de restabelecer a proximidade, a interação e a reunião prazerosa. A separação inexplicável tende a causar angústia, e a perda permanente causaria sofrimento.

A procura pela proximidade que, se conseguida resulta em segurança e conforto em relação ao outro, é mais uma característica que qualifica o laço de apego.

De acordo com Giuliani (2004) o apego a um lugar pode ser definido como o laço afetivo entre uma pessoa e um lugar, acompanhado de um desejo de estar próximo a este ambiente. Segundo esta autora, a permanência do laço por prolongado período de tempo é uma característica que parece aplicar-se aos vínculos com lugares, assim como também ocorre com os laços interpessoais.

Giuliani (2004) descreve três tipos de processos de apego entre a pessoa e o ambiente. Pode existir apego ao local pelas necessidades que ele supre; pode estar ligado a questões da construção da identidade da pessoa e o apego pode existir porque um ambiente proporciona bem-estar e segurança. A autora destaca que estes três processos se mesclam.

A relação pessoa-ambiente não se dá sem envolvimento emocional. O significado do ambiente, segundo Corraliza (1998), é construído por meio de padrões perceptivos amparados em aspectos socioculturais, políticos, históricos. Este autor defende que atribuir qualidades afetivas a um espaço em que um indivíduo se desenvolve é resultado da transformação das variáveis espaciais e físicas em significado simbólico, por conta da implicação do sujeito. Então, qualificar um ambiente em bonito ou feio, agradável ou desagradável ampara-se nesta conversão que se inicia em vislumbrar paredes, formas, distâncias, dentre outras estruturas físicas e geográficas. O significado do ambiente está em função do impacto que tem sobre o sujeito e afeta as suas ações.

Na relação afetiva entre indivíduo e ambiente é possível conhecer os afetos presentes nesta relação. Bomfim (2003, p.212) desenvolveu um método de pesquisa e intervenção para apreender estes afetos entre indivíduo e ambiente. São os Mapas Afetivos, assim definidos:

Imagens ou representações assentadas em sinais emotivos ou expressivos, elaborados a partir de recursos imagéticos (desenhos, fotos, objetos de arte). Afirmamos que eles são reveladores da implicação do indivíduo a um determinado ambiente<sup>11</sup>: casa, bairro, comunidade, cidade. Podem ser gerados a partir de mapas cognitivos, porém seu maior objetivo não é a orientação espacial ou a localização geográfica. Eles são orientadores das estratégias de ação e avaliação dos níveis de apropriação (pertencer ou não pertencer a um lugar), apego (vinculação incondicional a um lugar) e de identidade social urbana (conjunto de valores, representações, atitudes que tomam parte da identidade do indivíduo no lugar). Como sínteses dos afetos, eles também apontam o nível de implicação do indivíduo no lugar. Dado seu caráter representacional e criativo, são recursos de acesso à dialética subjetividade/objetividade na cidade.

---

<sup>11</sup> Ambiente como fruto da inter-relação entre estrutura física e representação abstrata a ela relacionada.

Bomfim (2003) entende afetividade inspirada em Sawaia (2000), na perspectiva dos afetos (sentimentos e emoções), como integrador da racionalidade e não como um atentado a esta. O instrumento do Mapa Afetivo capta o significado e o sentido por meio do desenho e da escrita, e da construção de metáforas a partir destes. O desenho, a escrita e a metáfora são ferramentas que facilitam o acesso aos afetos, pois estes são geralmente difíceis de serem apreendidos de uma forma direta, como, por exemplo, por perguntas e respostas a partir de uma entrevista.

Bomfim (2003) esclarece que, embora a afetividade seja um fator agregador do significado do ambiente, poucos estudos foram desenvolvidos em relação às imagens<sup>12</sup> elaboradas dos indivíduos sobre a cidade, ambiente alvo de sua pesquisa. Tampouco existem estudos que coloquem os afetos como orientadores da compreensão do espaço da cidade, assim como a cognição e a percepção. Os afetos são ignorados em grande parte dos trabalhos sobre conhecimento ambiental, pois há prevalência dos fatores cognitivos. Amparada nesta lacuna, Bomfim (2003) desenvolveu um instrumento centrado na captação deste significado do ambiente para o sujeito, com a apreensão dos afetos envolvidos nesta relação. Este instrumento foi utilizado neste trabalho para apreender os afetos dos adolescentes para com o abrigo que será o ambiente referência para este estudo, caracterizando-o como ambiente institucional.

Segundo Juan (1998) o estudo dos ambientes institucionais se confunde com a origem da Psicologia Ambiental. Juan (1998) afirma que os ambientes institucionais apresentam um componente ambíguo, pois podem causar danos quando, por exemplo, não consideram as características de seus usuários e podem chegar a ser terapêuticos, como no caso de hospitais. Declara que existem alguns ambientes institucionais que apartam fisicamente o indivíduo da comunidade. Cita casas de idosos, prisões, hospitais. O mesmo autor declara que tais instituições são localizadas a partir do princípio do “quanto mais longe melhor” (JUAN, 1998, p. 241). Como medida para sanar tal problema (pois para quem se encontra afastado pode ser um problema) afirma que é necessário aproximar as instituições dos grandes centros urbanos. Aproximar física e simbolicamente.

---

<sup>12</sup> A imagem construída pelo sujeito em relação a um ambiente contém os afetos (sentimentos e emoções) sentidos pelo primeiro para com o segundo.

As instituições, marcadamente as de caráter totalizante<sup>13</sup>, são ambientes difíceis de serem apropriados. Pol (1994) destaca que a frieza afetiva, as reduzidas dimensões espaciais para cada indivíduo usufruir e a falta de sinais de individualidade, como fotos de família e objetos pessoais, redundam em não apropriação. De acordo com Pol (1994) um sujeito transforma um espaço vazio em um lugar com sentido. Este autor define esta transformação como apropriação do espaço. Um ambiente apropriado se reverte em um lugar porque possui um sentido próprio dado pelo sujeito. A ação-transformação trata-se de uma forma de apropriação primária, que possui uma conduta territorial manifesta: o sujeito se apropria modificando o espaço. A identificação ou componente simbólica, como define Pol (1994), compreende os processos simbólicos, cognitivos, afetivos e interativos do sujeito ou grupo com o ambiente. A apropriação, neste nível, se dá com o envolvimento interativo (ação) e afetivo do sujeito com o espaço.

Pol (1994) fala das dificuldades contemporâneas que as pessoas têm em apropriarem-se dos ambientes. Enumera fatores para exemplificar esta dificuldade em se apropriar destacando cidades impessoais com uma excessiva quantidade de informações que um cidadão não pode dominar e a rapidez com que muda o espaço urbano.

O acolhimento institucional de crianças e adolescentes não pode oferecer dificuldades de apropriação do espaço mesmo que os sujeitos usufruam por pouco tempo da instituição. Um ambiente, principalmente o institucional, deixa de ser indiferente a um indivíduo quando este o investe de sentido, de afeto e, assim, o modifica.

Provavelmente há muito a ser expresso nesta relação entre o(a) adolescente e o ambiente institucional, visto que o ambiente pode ser representado como uma opção para melhor amparar as famílias no cuidado e proteção aos seus (suas) jovens ou também pode-se pensar na possibilidade de ser uma forma de livrarem-se deles (as). Em atendimentos e visitas domiciliares recebo no projeto que trabalho (Raiz de Cidadania do Bom Jardim) muitas famílias que parecem procurar por instituições totais para encaminharem adolescentes desobedientes, agressivos, que usam drogas, ficam pelas ruas, não trabalham e nem estudam. Estas famílias percebem a internação em instituição como solução para suas dificuldades com seus (suas) adolescentes. Acreditam que a instituição irá “consertá-los(as)” para melhor viverem no mundo fora dos muros. São famílias marcadamente compostas pela mulher como

---

<sup>13</sup> Goffman (1961) denominou de Instituições Totais aquelas que impõem uma barreira à relação social com o mundo externo e proíbe, através de muros altos e portas fechadas, por exemplo, a saída de quem se encontra sob as regras delas. O autor enumera características centrais das instituições totais: todos os aspectos da vida dos indivíduos institucionalizados são realizados no local e sob uma única autoridade; as atividades diárias são realizadas com um grupo grande de pessoas, tratadas da mesma forma e fazem coisas obrigatoriamente juntas; os horários e as regras são fixas, havendo um plano racional único.

chefe da casa, com outros filhos menores e cansadas de terem pouco ou nenhum amparo do Estado para ajudá-las na criação dos filhos. A solução vislumbrada é, portanto, desligar-se dos(as) adolescentes e ligá-los(as) às instituições como um repasse total de sua responsabilidade no cuidado e depositam uma grande confiança de que a instituição pode fazer melhor do que a família tem feito ou oferecido.

Sem isentar a grande responsabilidade que a família tem em cuidar e proteger suas crianças e adolescentes percebe-se que historicamente o Estado se apoderou, depois da Igreja Católica, desta mesma responsabilidade por intermédio das instituições.

Segundo Donzelot (1986) a Igreja Católica dirigiu a chamada Roda dos Expostos que surgiu no contexto europeu na segunda metade do século XVIII devido à preocupação em unir respeito à vida e o respeito à honra familiar.

Trata-se de um cilindro cuja superfície lateral é aberta em um dos lados e que gira em torno do eixo da altura. O lado fechado fica voltado para a rua. Uma campainha exterior é colocada nas proximidades. Se uma mulher deseja expor um recém-nascido, ela avisa a pessoa de plantão acionando a campainha. Imediatamente, o cilindro, girando em torno de si mesmo, apresenta para fora o seu lado aberto, recebe o recém-nascido e, continuando o movimento, leva-o para o interior do hospício. Dessa forma o doador não é visto por nenhum servente da casa (Ibid, p. 30).

A Roda estava associada a conventos, orfanatos e hospícios criados pelo Estado para manter a honra familiar dos indivíduos que tiveram relações extraconjugais e acolher preservando a vida dos “indesejáveis da família” (DONZELOT, 1986, p. 29). Os orfanatos funcionavam como laboratório para saber como a família empobrecida funcionava a fim de melhor controlá-la.

Neste período histórico, quando o sentimento da família se acentuava, o fruto de uma relação que não estivesse no modelo de “pai e mãe casados e com seus filhos naturais” seria motivo de ruína social. E o Estado apresenta sua intervenção a serviço das famílias porque incomodava ao governo a existência do desperdício de forças vivas, a existência de indivíduos inutilizados.

Com a crescente demanda de crianças abandonadas (não só por famílias empobrecidas, mas também por famílias ricas) o Estado, a ação filantrópica e religiosa se esforçaram para promover a adaptação e uniformização de padrões ditos aceitáveis. E, a partir do século XIX, puseram sobre a família a responsabilidade, inclusive moral, de cuidar de suas crianças e adolescentes.

O Brasil é um país com tradição de atendimento institucional a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, tradição esta, historicamente forjada na desqualificação da população menos favorecida economicamente e procedente de etnias não-brancas. Esta tradição iniciou-se, conforme declara Cruz (2006), em 1551 quando os jesuítas construíram a primeira casa de recolhimento de crianças no Brasil. Separavam as crianças de seus pais e, com isso, também de sua cultura e tradição, fazendo-as assimilar a cultura e religião portuguesas. No Brasil também existiram as Rodas dos Expostos (século XVIII). Cruz (2006) destaca que no século XIX a infância começa a ganhar visibilidade passando a ser objeto de intervenção pública com a preocupação de preservar mão-de-obra para o trabalho. De acordo com Pinheiro (2006) foi somente quatro séculos depois da chegada dos portugueses ao Brasil, a contar do período colonial, que o Estado assumiu parte da responsabilidade pela proteção à infância e adolescência. E o fez amparando-se no 1º Código de Menores.

Uma nova proposta foi adotada no início do século XX, com a chamada nova filantropia, avessa à assistência caritativa e decidindo-se por assegurar mais disciplina ao público alvo de sua intervenção. Até hoje atuam as chamadas instituições totais, onde crianças e adolescentes vivem sob rígida disciplina e afastados da convivência familiar, visto que quase todas as atividades pertinentes as suas vidas eram e, em algumas, ainda são realizadas intramuros.

Não é mais preciso estar em instituições totais para haver controle e adaptação. Em minha experiência de trabalho, percebo que parecem existir medidas que adaptam os jovens à sociedade por meio de políticas públicas que pouco ou nada reverberam na vida destes. São oportunidades de cursos ou trabalhos que mantêm o (a) adolescente no mesmo patamar social e econômico no qual já se encontrava antes. Trata-se da dinâmica exclusão/inclusão social, definida por Sawaia (1999): são incluídos, mas continuam excluídos de um mundo mais audacioso, que dê margem aos sonhos que estes indivíduos possuem.

Com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990b) uma série de mudanças no ideário e nas ações em relação às crianças e adolescentes começou a se configurar. Os orfanatos, hospícios para “menores” e as Febem’s foram muito criticadas pela sociedade civil organizada por seu caráter repressivo ou de adaptação dos indivíduos. Os “menores”, termo advindo do Código de Menores para designar uma específica faixa etária, mas que ganhou uma conotação negativa, passaram a ser considerados indivíduos com necessidades específicas por estarem em condição peculiar de desenvolvimento. De acordo com o Estatuto (BRASIL, 1990b), toda criança (indivíduos de zero a doze anos incompletos) e

todo adolescente (sujeitos entre doze e dezoito anos) foram considerados portadores de direitos e deveres.

Liberati (2002) afirma que a definição de criança e adolescente do Estatuto está fundada tão somente no aspecto da idade, não leva em consideração aspectos subjetivos e sociais. Este autor defende que com as expressões genéricas “criança” e “adolescente” o legislador pretendeu não particularizar, não permitir a marginalização, o estigma, a marca que o termo “menor” tem. Cruz (2006) defende que apesar dos inegáveis avanços do ECA (BRASIL, 1990b) e da Constituição de 1988 (BRASIL, 1990a) a definição de criança e adolescente como sujeitos de direitos tidos como próprios à pessoa humana é de caráter universal e liberal, que os caracteriza como possuidores de uma essência. A autora parece reforçar o posicionamento de Liberati quanto à desconsideração de fatores sociais e culturais na concepção de criança e adolescente do Estatuto.

Por adolescência Frota (2001) entende ser um despertar para si, para o mundo, entrar em contato com a fragilidade e a finitude humanas. A adultícia seria o conviver e assumir tal condição humana. A autora destaca: “Existe grande distinção entre infância e adolescência: a qualidade distinta da percepção de si e do mundo. O adolescente consegue perceber coisas que a criança não alcança, o que o marca de um modo especial” (Ibid, p. 413).

As ponderações de Cruz e Frota são extremamente pertinentes, pois consideram que as categorias criança e adolescente foram formuladas historicamente na relação do homem com o seu contexto sócio-cultural. Nesta relação onde o indivíduo constrói e é construído há espaço para o si mesmo, para a subjetividade que emerge na objetividade, do mundo. É assim que existem adolescentes e não a adolescência. No entanto, nesta pesquisa será utilizada a definição de adolescente do Estatuto por serem estes indivíduos, de doze a dezoito anos, alvos de políticas públicas específicas, como o acolhimento institucional.

É possível pensar que, em muitas situações, a mudança de termo não mudou a realidade. A imagem dos “menores” ainda convive com a inaugurada pela Constituição de 1988 (BRASIL, 1990a) que é a da criança e do adolescente como “sujeito de direitos”, e não objetos de tutela ou de intervenções arbitrárias. A comprovação desta convivência entre o “menor” e o “sujeito de direitos” é a existência de pessoas e instituições que defendem que criança e adolescente devem estar sob o poder e o controle indiscutível dos adultos. É como bem denomina Pinheiro (2006): há ainda um abismo entre a lei e a prática no Brasil para a vida de muitas crianças e adolescentes.



Este abismo está presente em números como os apresentados por Silva, Mello e Aquino (2004), pois revelam que dentre os principais motivos para crianças e adolescentes estarem em abrigos, a pobreza está em primeiro lugar com 24,1%, seguida por abandono (18,8%), violência doméstica (11,6%), dependência química dos pais ou responsáveis incluindo o alcoolismo (11,3%), a vivência de rua (7,0%) e a orfandade (5,2%). Entretanto, a falta ou a escassez de recursos financeiros não é mais, desde o Estatuto (BRASIL, 1990b), motivo para que crianças e adolescentes sejam afastados de suas famílias e sejam alvos de acolhimento institucional.

Silva, Mello e Aquino (2004) destacam outro número importante: 80% das crianças e dos adolescentes encontrados em instituições têm família. Este número demonstra que a institucionalização se mantém, ainda como caminho utilizado indiscriminadamente e, geralmente, considerado o único possível para a proteção infanto-juvenil. É importante ressaltar que o abrigamento é uma medida de proteção de caráter excepcional, de última instância e provisório.

Quando um indivíduo é afastado de sua família para se institucionalizar em abrigos, estes precisam assegurar a continuidade dos vínculos em cumprimento ao que dita a lei. Para o Estatuto (BRASIL, 1990b), a manutenção em família deve ser prioritária e se introduz a obrigatoriedade de promoção do direito à convivência familiar e comunitária pelas entidades que oferecem programas de abrigo.

O acolhimento institucional é uma medida de proteção destinada a crianças e adolescentes quando encontram-se em situação de risco pessoal e social, como quando são abandonados, vivenciam maus tratos, violência (física, psicológica ou sexual), drogadição<sup>14</sup> ou negligência. Em razão disto, precisam ser temporariamente afastados da convivência familiar e comunitária. O acolhimento institucional funciona, assim, como moradia alternativa até o retorno à família de origem ou colocação em família substituta.

Somente para fins de esclarecimento, a medida de proteção (como o abrigamento), diferente da medida sócio-educativa, é destinada tanto para crianças como para adolescentes e considera a vontade deles em se submeterem à ordenação judicial. A medida sócio-educativa é destinada somente aos adolescentes quando cometem algum ato infracional, tem caráter de responsabilização pelo crime que cometeu. No abrigo, portanto, a criança e o adolescente

---

<sup>14</sup> Em um dos encontros do G.T. Municipal Pró-Convivência Familiar e Comunitária de Crianças e Adolescentes (em 08/11/07) diretores de abrigos de Fortaleza problematizaram sobre a escassez de serviços de atendimento a criança e ao adolescente usuários de drogas no município. Existem serviços na Região Metropolitana e outros em Fortaleza dirigidos a pessoas acima de 18 anos. Contudo, há um enorme e crescente público (menores de dezoito anos) que se encontra com pouca assistência e tratamento quando deseja parar de usar drogas.

estão minimamente protegidos da situação de risco a que estavam expostos e não impelidos a cumprir obrigatoriamente uma determinação judicial. Isso possibilita que deixem a instituição quando desejarem. Ainda ocorrem muitas confusões e, talvez por isso, se configurem estereótipos a respeito de quem cumpre uma medida por ser o “vilão” ou por ser o “coitado”. A primeira personagem seria a do adolescente que comete algum crime e o segundo tipo seria a criança abandonada. Ainda são os resquícios de uma sociedade que reparte, segmenta, assim como ainda separa corpo e mente, razão e emoção, talvez tentando se entender, mas sem se implicar na problemática. Mesmo o adolescente que comete um ato infracional não está sozinho em “seu erro”, há todo um contexto social e cultural que, como teorizou Vygotsky, o constituiu. No entanto, a tendência de boa parte da sociedade brasileira é massificar as crianças e adolescentes em situação de risco e, ainda como no passado, considerá-los como inferiores, “menores”.

Há medidas de proteção destinadas às crianças e adolescentes que variam conforme cada caso e problemas apresentados na vida dos sujeitos. O Art. 98 do Estatuto (BRASIL, 1990b) descreve quando elas devem ser aplicadas:

As medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados ou violados: I. por ação ou omissão da sociedade ou do Estado; II. por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável; III. em razão de sua conduta (BRASIL, 1990b).

O Art. 101 da mesma lei enumera algumas das medidas de proteção existentes:

Verificada qualquer das hipóteses previstas no Art. 98, a autoridade competente poderá determinar, dentre outras, as seguintes medidas:

- I- Encaminhamento aos pais ou responsáveis, mediante termo de responsabilidade;
- II- Orientação, apoio e acompanhamento temporários;
- III- Matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de Ensino Fundamental;
- IV- Inclusão em programa comunitário ou oficial de auxílio à família, à criança e ao adolescente;
- V- Requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico em regime hospitalar ou ambulatorial;
- VI- Inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos;
- VII- Abrigo em entidade;
- VIII- Colocação em família substituta.

O abrigo é, portanto, uma das medidas de proteção. Os abrigos podem ser dirigidos por órgãos governamentais ou não-governamentais. O encaminhamento à instituição é feito via Justiça ou pelo Conselho Tutelar. No entanto, pode haver o acolhimento em caráter

excepcional e de urgência, podendo o comunicado às autoridades competentes ser feito até o segundo dia útil imediato (BRASIL, 1990b).

As modificações nas instituições tiveram que acontecer devido este novo momento inaugurado pelo ECA, tiveram que mudar atendimento e estrutura física para acolher os casos que a elas cabia. De acordo com o Plano Nacional (BRASIL, 2006b) as instituições de acolhimento devem, em várias instâncias, assegurar o direito à convivência familiar e comunitária. Dentre os parâmetros para garantir tal direito devem: estar localizadas em áreas residenciais, sem distanciar-se muito do local de origem das crianças e adolescentes; facilitar o contato da criança ou adolescente com sua família, exceto se houver determinação judicial contrária; manter permanente contato com o Juizado da Infância e Juventude, informando sobre a situação das crianças e adolescentes e suas famílias; atender em pequenos grupos e garantir espaço para guardar os objetos pessoais da criança ou adolescente; manter crianças e adolescentes com alguma deficiência (física ou mental) integrados aos demais e treinar funcionários para atendê-los adequadamente; manter vínculo entre os irmãos, acolhendo, para isso, ambos os sexos na instituição e de várias idades; utilizar os serviços e equipamentos comunitários oferecidos na localidade do abrigo para evitar a realidade enclausurada das instituições totais; preparar gradativamente a criança ou adolescente para deixar o abrigo em casos de reintegração familiar ou encaminhamento à adoção; oferecer programas de qualificação profissional aos adolescentes para contribuir com sua autonomia.

Antes de institucionalizar, o Estatuto (BRASIL, 1990b) enumera alternativas para que a criança ou adolescente não tenha que passar por abrigamentos. Por vezes, por exemplo, a própria família extensa<sup>15</sup> (avós, tios, padrinhos) deve ser acionada para ser responsável pela proteção do indivíduo. Outra alternativa, descrita no Plano Nacional (BRASIL, 2006b), é o Programa de Famílias Acolhedoras. Trata-se de um serviço de acolhimento na residência de famílias devidamente mobilizadas, cadastradas, selecionadas, treinadas e acompanhadas para oferecer proteção às crianças e adolescentes (em medida de proteção) até que seja possível a reintegração familiar ou encaminhamento para adoção. Na Região Metropolitana de Fortaleza existem algumas iniciativas desta experiência. Em Pacatuba, (distante aproximadamente 30km de Fortaleza), por exemplo, tenho conhecimento que existem famílias que já acolhem crianças e adolescentes do Município. Por ser um projeto novo no estado do Ceará está em aprimoramento na própria localidade e em outras cidades do Estado.

---

<sup>15</sup> O Plano Nacional descreve a família extensa como relações de parentesco para além da “unidade pais/filhos e/ou da unidade do casal, estando ou não dentro do mesmo domicílio: irmãos, meio-irmãos, avós, tios e primos de diversos graus” (BRASIL, 2006, p.156).

A adoção, uma alternativa para crianças e adolescentes que perderam definitivamente de alguma forma os laços familiares (por morte ou desligamento legal dos pais ou responsáveis), é uma medida excepcional, irrevogável e, de acordo com o Estatuto (BRASIL, 1990b), “atribui a condição de filho ao adotado, com os mesmos direitos e deveres, inclusive os sucessórios, desligando-o de qualquer vínculo com pais e parentes, salvo impedimentos matrimoniais”. É a última medida de proteção, vem logo após o abrigo, em termos de prioridade para encaminhamento.

Segundo o Plano Nacional de Promoção, Defesa e Garantia do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (BRASIL, 2006b) a adoção existe desde a Antiguidade e no Brasil do século XX surgiram as primeiras legislações que abordaram a adoção. Ao longo deste século, sob a influência de uma nova concepção socialmente construída de criança e adolescente, o direito evoluiu de modo crescente rumo ao reconhecimento da adoção como importante instrumento para, excepcionalmente, garantir o direito à convivência familiar e comunitária. A promulgação do Estatuto, os trabalhos que o sucederam e os movimentos da sociedade civil organizada contribuíram para que, gradativamente, se delineasse uma nova cultura da adoção que está orientada pelo superior interesse da criança ou do adolescente.

Há, por parte do Governo Federal, de acordo com Rodrigues (2007), uma iniciativa para a criação, até 2009, de um Cadastro Nacional de Adoção, para facilitar a troca de dados entre cidades e conter a adoção internacional que se disfarça, por vezes, em comércio de crianças.

Nesta pesquisa optei pela situação institucional do abrigo, pelo fato de praticamente inexistirem em Fortaleza outros tipos de acolhimento e por eu estar mais familiarizada com os abrigos em minha experiência de trabalho<sup>16</sup>. O abrigo também possui um forte apelo afetivo devido sua representação em meio a muitas famílias brasileiras que trazem em si a tradição de institucionalização. Provavelmente em um determinado período da história brasileira os abrigos (ou orfanatos como ainda são comumente conhecidos) foram a única ferramenta para cuidar de crianças e adolescentes. Atualmente é apenas uma das opções, mas continuam sendo extremamente requisitados.

De acordo com o Estatuto (BRASIL, 1990b), os abrigos devem proteger criança e adolescente quando ocorre ameaça ou violação de direitos, seja por parte do(a) próprio(a)

---

<sup>16</sup> Sou integrante do Grupo de Trabalho (G. T.) Municipal Pró-Convivência Familiar e Comunitária desde Janeiro de 2007 e, por isso, tive facilidade em escolher os abrigos em Fortaleza por ser uma realidade em parte conhecida e por já estar trabalhando em uma rede institucional do município.

adolescente, da família, sociedade, comunidade ou Estado. Além de proteger, precisam assegurar a continuidade dos laços familiares e comunitários se for possível e for desejo do(a) adolescente. No entanto, em minha experiência profissional, parece que nem sempre estas duas funções são atingidas pelas instituições de abrigo, principalmente a de reatar o convívio familiar. A institucionalização pode contribuir para a ligação ou desligamento do (a) adolescente à sua família. Liga quando encaminha o(a) adolescente à família ou garante um convívio familiar mínimo<sup>17</sup>, até com família substituta. Desliga quando o(a) mantém no abrigo, institucionalizado e sem contato com a família. Nesta dinâmica de estar ligado ou desligado à família, dentro do abrigo, pergunto o que sentem os (as) adolescentes em relação a este ambiente institucional e à família de origem? Conhecer os afetos ajuda a perceber a relação entre família, adolescente e abrigo? O conhecimento destas relações pelos afetos possibilita saber se o direito à convivência familiar e comunitária está sendo efetivado de uma maneira potencializadora?

Partindo destas questões, esta pesquisa procura conhecer a afetividade dos(as) adolescentes institucionalizados(as) para com o abrigo afim de saber se o direito à convivência familiar e comunitário está sendo garantido. Como dito anteriormente, a afetividade é vista neste trabalho como emoções e sentimentos que permitem conhecer o ambiente (abrigo) e a família pelo adolescente. A afetividade como categoria central se justifica por reconhecer a sua importância na constituição de um indivíduo e ser fonte de informação sobre modos de vida, de relações e até de problemas sociais como é o caso de adolescentes que permanecem em abrigos mesmo tendo família. O que estes jovens dos abrigos sentem por suas famílias e como se envolvem com a instituição de abrigo podem ser algumas diretrizes possíveis para tentar modificar o que não é sentido como potencializador e garantir direitos. Saber o que os jovens sentem remete à importância da afetividade como categoria central de análise de questões epistemológicas da Psicologia e dos problemas sociais, possibilitando alcançar desdobramentos em trabalhos até para elaboração de políticas públicas.

Em meio às estruturas que devem assegurar os direitos da criança e do adolescente está a familiar. A família, entendida conforme o conceito de Rangel (2006), é o âmbito privilegiado e primeiro a proporcionar a garantia de sobrevivência a seus integrantes,

---

<sup>17</sup> De acordo com o Plano Nacional (2006), a convivência familiar e comunitária pode ser garantida mesmo em abrigo quando a instituição permite visitas das famílias aos (as) adolescentes e vice-versa; quando os fins de semana são liberados para que o (a) jovem vá para casa; quando contribui com encaminhamentos sócio-assistenciais (como Bolsa-Família, tratamentos, cursos) para o(a) jovem e familiares; enfim, quando concretiza possibilidades para que os laços com a família de origem sejam refeitos. O abrigo pode também contribuir no direito à convivência familiar e comunitária quando encontra uma nova família que pode ser a extensa ou ainda uma adotiva.

principalmente os mais vulneráveis, como crianças, idosos e doentes. No entanto, a família deve ser amparada pelo Estado, comunidade e sociedade em geral nesta responsabilidade da proteção integral às crianças e adolescentes. Quando há desrespeito aos direitos todos estes atores sociais devem se integrar para promover e defender estes direitos.

Nem sempre o abrigo é a melhor opção para uma criança ou adolescente que tem direito negado, assim como nem toda família protege e contribui para o crescimento do indivíduo. Então, em meio a esta complexidade das relações e da realidade, esta pesquisa aprofunda a questão acima colocada buscando investigar os afetos dos(as) adolescentes para com o abrigo, pois conforme observado anteriormente existe afetividade na relação dos(as) adolescentes para com a instituição. Ainda como decorrência do objetivo principal pretendo investigar os afetos dos (as) adolescentes para com suas famílias de origem.

Um outro objetivo presente neste trabalho é avaliar se a afetividade possibilita saber se o direito à convivência familiar e comunitária está sendo assegurado.

Os objetivos apresentados dialogam e refletem a realidade da institucionalização de adolescentes, ligados e/ou desligados de suas famílias por meio do abrigo.

## 6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 6.1 Gonzaguinhas e Marisas: contextualização do público alvo

De acordo com a Pesquisa Levantamento Nacional de Abrigos para Crianças e Adolescentes da Rede de Serviço de Atenção Continuada (SAC) do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, exposta por Silva, Mello e Aquino (2004), no Ceará existem 14 abrigos com 1.353 crianças e adolescentes atendidos. O número desta pesquisa quanto à natureza institucional é de um maior número de abrigos não-governamentais no Nordeste. Não há dados especificados sobre abrigos no Ceará e nem em Fortaleza.

Em Fortaleza, de acordo com o Grupo de Trabalho (GT) Municipal Pró-Convivência Familiar e Comunitária, existem trinta e duas (32) instituições que trabalham com o acolhimento institucional a crianças e adolescentes. Deste número ainda não é possível saber quantas entidades são abrigo, república ou albergue<sup>18</sup>, que atenda somente adolescentes, visto que o trabalho do GT não foi concluído. Com o objetivo educativo de orientar as instituições para o reordenamento<sup>19</sup> das unidades de acolhimento institucional este grupo se articula desde agosto para realizar tal propósito.

Do universo das trinta e duas instituições foram escolhidos dois abrigos por meio de visitas a três instituições da cidade. Devido ao fato de não ter sido encontrada instituição que acolhesse conjuntamente adolescentes do sexo masculino e feminino foram pesquisados dois abrigos, um só de meninos e outro somente para meninas. Esta característica de abrigos que acolhe indivíduos somente de um sexo, transgredir o que orienta o Estatuto (BRASIL, 1990b), pois a lei estabelece que irmãos devam ficar juntos, assim como sujeitos de diversas idades. Se uma adolescente tiver um irmão também adolescente eles ficarão separados nesta conjuntura dos abrigos de Fortaleza. Estou de acordo com o que prevê o Estatuto para que os

---

<sup>18</sup> Há pequenas diferenças quanto à natureza de abrigos, repúblicas e albergues. Os primeiros funcionam como residências passageiras, mas que pode acolher a criança ou adolescente por um período maior de tempo. Segundo o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (2006), as repúblicas acolhem somente adolescentes e contribuem para a saída da experiência institucional para uma vida mais autônoma. Estão organizadas em grupos de jovens. Os albergues têm um caráter mais transitório para que a criança ou adolescente seja encaminhado para um acolhimento institucional mais permanente como o abrigo ou república. O indivíduo pode ficar em um albergue enquanto aguarda uma vaga em outra instituição.

<sup>19</sup> De acordo com o Plano Nacional (2006b), o reordenamento institucional tem por objetivo a adequação das instituições aos parâmetros do Estatuto (1990b) e do próprio Plano.

laços familiares, de irmãos, fiquem incólumes no que depender das instituições que devem assegurar em várias instâncias a convivência familiar e comunitária.

O abrigo masculino escolhido é uma Organização Não Governamental que existe há dezoito anos e surgiu a partir de voluntários que trabalhavam com crianças em situação de rua<sup>20</sup>. Acolhe meninos na faixa etária de doze a dezoito anos. Esta ONG recebe financiamento da Prefeitura Municipal de Fortaleza, do Governo do Estado do Ceará e do Governo Federal. Possui inscrição no Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente – COMDICA e acolhe um número máximo de vinte e cinco adolescentes. No corpo profissional a instituição possui dezessete pessoas, inclusive um psicólogo. De acordo com a presidente da instituição a preocupação que possuem, enquanto abrigo, é fazer o possível para ajudar a resolver a dramática situação do adolescente morador de rua do contexto local.

O abrigo feminino é uma Organização Governamental filiada à rede de proteção à criança e ao adolescente da Prefeitura Municipal de Fortaleza e dela recebe verba para o sustento do trabalho de acolhimento institucional. Tem capacidade para atender até vinte meninas. O corpo profissional é composto por vinte e quatro pessoas, não há o profissional da Psicologia. De acordo com relatório da entidade, esta tem como objetivo promover e garantir o direito à convivência familiar e comunitária com crianças, adolescentes e jovens. O abrigo feminino encontra-se também registrado no COMDICA e tem uma outra sede própria para acolher os meninos.

A preferência por sujeitos adolescentes se dá por uma opção minha de trabalho. Já realizei uma pesquisa com adolescentes em um abrigo de Fortaleza (RIBEIRO, 2005) e tento fortalecer a voz destes indivíduos menos procurados para uma adoção ou uma tutela, ficam muito tempo em abrigos caso a família de origem não queira ou não possa reassumi-los.

Participaram da pesquisa vinte e um adolescentes abrigados que se dispuseram voluntariamente a contribuir. Os dados a seguir advém das características sócio-demográficas presentes no questionário que gera o Mapa Afetivo (BOMFIM, 2003). São informações referentes à sexo, idade, escolaridade, se a família recebe o benefício Bolsa Família, tempo de abrigamento e que relação o (a) adolescente mantém com a família durante a institucionalização. Algumas tabelas foram elaboradas com estes dados para melhor compreensão.

---

<sup>20</sup> De acordo com o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (BRASIL, 2006b) a situação de rua é definida pelo uso ou vias de fazer uso da rua como espaço de referência, seja para subsistência, trabalho ou moradia, com ou sem vínculo familiar. É um tipo de situação de vulnerabilidade.



<b>Sexo</b>	<b>Nº de participantes</b>	<b>Porcentagem</b>
Masculino	14	67%
Feminino	7	33%
<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>100%</b>

Tabela 1 - Adolescentes que participaram da pesquisa distribuídos por sexo.  
(Fonte: elaboração da pesquisadora, 2008).

Do abrigo masculino participaram 14 (catorze) adolescentes, ou seja, aproximadamente 67% dos sujeitos pesquisados. No abrigo feminino 7 (sete) adolescentes se dispuseram a participar do trabalho, o que corresponde a cerca de 33% dos sujeitos pesquisados.

Os meninos estavam na faixa etária de 13 (treze) a 18 (dezoito) anos de idade. As idades das meninas variaram entre 12 e 15 anos.

Todos(as) estavam estudando. Abaixo uma tabela com os dados referentes à escolaridade

<b>Escolaridade</b>	<b>Sexo Masculino</b>	<b>%</b>	<b>Sexo Feminino</b>	<b>%</b>
2ª série	-	-	1	14
3ª série	-	-	2	29
4ª série	2	14	-	-
5ª série	4	29	1	14
6ª série	4	29	2	29
7ª série	-	-	1	14
8ª série	-	-	-	-
EJA I e II	3	21	-	-
1º Ano Ensino Médio	1	7	-	-
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>100</b>	<b>7</b>	<b>100</b>

Tabela 2 – Adolescentes distribuídos por sexo e escolaridade.  
(Fonte: elaboração da pesquisadora, 2008).

Quatro meninos fazem a 6ª série do Ensino Fundamental (29%), outros quatro cursam a 5ª série (29%), dois estudam na 4ª série (14%), três fazem o denominado processo de aceleração (EJA I e II), correspondendo a aproximadamente 21% dos meninos e apenas um (7%) cursa o primeiro ano do Ensino Médio.

No abrigo feminino uma adolescente cursa a 2ª série do Ensino Fundamental (14%), duas meninas cursam a 3ª série (29%), uma faz a 5ª série (14%), duas estudam na 6ª série (29%) e uma menina cursa a 7ª série do Ensino Fundamental (14%). Há uma escolaridade baixa no abrigo feminino em comparação com o masculino, mas talvez seja devido ao fator idade, pois as meninas têm uma faixa etária menor que os meninos.

<b>Bolsa Família</b>	<b>Sexo Masculino</b>	<b>%</b>	<b>Sexo Feminino</b>	<b>%</b>
Recebe	1	7	3	43
Não recebe	11	79	3	43
Não sabe informar	2	14	1	14
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>100</b>	<b>7</b>	<b>100</b>

Tabela 3 – Adolescentes que recebem ou não Bolsa Família distribuídos por sexo. (Fonte: elaboração da pesquisadora, 2008).

Apenas um (7%) adolescente do abrigo masculino informou que sua família recebe o benefício da Bolsa Família, dois não souberam responder (14%) e os demais, onze (79%), disseram que a família de origem não recebe o benefício.

Quanto a receber ou não o Bolsa Família, três, ou seja, cerca de 43% das meninas declararam receber o benefício. Outras três adolescentes disseram que a família de origem não recebe o benefício (43%) e aproximadamente 14%, uma menina, não soube informar. As famílias das meninas são mais assistidas pelo benefício do Governo Federal do que as famílias dos meninos. Este dinheiro fornecido pelo Estado não avalia o sexo das crianças ou adolescentes da família, mas somente a renda, não sendo possível, portanto, para mim vislumbrar possibilidades para uma maior distribuição do benefício para as meninas e suas famílias. Não é conhecido também o porquê das famílias não receberem o dinheiro. Talvez não estejam no perfil de “família pobre” ou ainda estejam em fase de cadastramento, a espera de receber o benefício.

<b>Tempo de abrigamento</b>	<b>Sexo Masculino</b>	<b>%</b>	<b>Sexo Feminino</b>	<b>%</b>
Menos de uma semana	2	15	-	-
Uma semana a três meses	4	29	5	72
Quarto a seis meses	3	21	1	14
Sete meses a um ano	1	7	1	14
Mais de um ano	3	21	-	-
Não soube responder	1	7	-	-
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>100</b>	<b>7</b>	<b>100</b>

Tabela 4 – Adolescentes distribuídos quanto ao sexo e tempo de abrigamento.  
(Fonte: elaboração da pesquisadora, 2008).

No abrigo masculino os meninos estavam entre menos de uma semana e mais de um ano abrigados. Com menos de uma semana estavam dois adolescentes (15%). Entre uma semana e três meses estavam quatro meninos (29%). Entre quatro e seis meses estavam abrigados outros três meninos (21%). No período de sete meses a um ano estavam 7% dos adolescentes, o que corresponde a uma pessoa. E com mais de um ano estavam três meninos (21%). Somente um jovem não soube precisar o tempo de institucionalização (7%).

Quanto ao tempo de abrigamento não foram encontradas meninas com menos de uma semana na instituição assim como nenhuma com mais de um ano de abrigamento. Entre uma semana e três meses havia cinco meninas, ou seja, 72%. Entre quatro e seis meses estava abrigada somente uma menina (14%) e entre sete meses e um ano havia só uma adolescente (14%). O tempo de institucionalização para ambos os sexos está entre uma semana e três meses. Parece ser um período aceitável para se submeter a uma institucionalização em casos impossibilitados de convivência familiar e comunitária. Provavelmente é um tempo que o abrigo consegue contactar a família de origem para tentar (re)ligar os laços, quando é possível e é desejo do(a) adolescente. É tempo também para o abrigo acionar outras entidades competentes (Juizado, Serviços de Assistência, de Saúde, encaminhamentos para cursos e tratamentos para drogadição, por exemplo) que compõem a Rede de Proteção e Assistência à criança e ao adolescente.

Na pergunta do questionário sobre que relação o (a) adolescente mantém com a família durante o abrigamento (ver quadros 4 e 8 em anexo) verificou-se que apenas 6 (seis) indivíduos, três meninos e três meninas, não têm mais contato com suas famílias. Estes jovens

colocaram respostas como: “nenhuma”, “não tenho mais contato, eu mesmo não quero”, “não tenho contato com minha família vai fazer um ano”. Laços desligados. É uma realidade que corresponde a 29% dos indivíduos abrigados, pois o restante, 71% tem laços familiares, mas continuam abrigados. Estes números se aproximam da realidade encontrada por Silva, Mello e Aquino (2004): 80% das crianças e dos adolescentes encontrados em instituições têm família. A institucionalização se mantém, se prolonga e pode, por vezes, amparar o desligamento definitivo dos laços entre adolescente e família. É claro que cada caso precisa ser muito bem tratado, o retorno à família e comunidade de origem não é algo simples, como em casos de abuso, ameaça de morte, por exemplo. No entanto, o abrigo não pode ser alternativa única para a proteção infanto-juvenil.

## **6.2 Instrumentos**

A investigação sobre os afetos existentes entre adolescentes e o abrigo, e entre os primeiros e suas famílias se realizou com a utilização de três instrumentos de coleta de dados: Mapas Afetivos, entrevista individual e diário de campo.

O Mapa Afetivo (BOMFIM, 2003) foi utilizado porque permite avaliar a afetividade de pessoas em relação a um determinado ambiente de forma concisa, sem reproduzir tão comuns dicotomias como razão-emoção, objetividade-subjetividade presentes nas ciências humanas. Este instrumento também consegue associar uma análise mais qualitativa com uma análise estatística complementar.

Tal instrumento está basicamente amparado no conceito de afetividade segundo Sawaia (2003); e na perspectiva de Vygotsky (1998) de que as emoções estão impregnadas aos significados das palavras, significados estes social e culturalmente construídos. O Mapa Afetivo também baseia-se na Psicologia Ambiental que, conforme Corraliza (1998), defende existir transformação das variáveis espaciais e físicas do ambiente em significado simbólico que um indivíduo faz por conta de sua implicação com o espaço. Em suma, as palavras e os desenhos dizem a respeito da afetividade do sujeito para com o ambiente.

Bomfim (2003) explica que o desenho é um aquecimento para a expressão de emoções e sentimentos, e a escrita traduz a dimensão afetiva do desenho. A autora defende que

Os desenhos e metáforas são recursos imagéticos reveladores dos afetos que, juntamente com a linguagem escrita dos indivíduos pesquisados, nos dão um movimento de síntese do sentimento. O desenho é a criação de uma situação de aquecimento para a expressão de emoções e a escrita traduz a dimensão afetiva do desenho. As metáforas são recursos de síntese, aglutinadores da relação entre significados, qualidades e sentimentos atribuídos aos desenhos (Ibid, p. 130).

Bomfim (2003) passou a classificar os desenhos como metafóricos ou cognitivos. Os primeiros revelam mais apropriadamente uma idéia ou estado de ânimo do sujeito pelo ambiente pesquisado, não uma estrutura física. Esta é contemplada nos desenhos cognitivos privilegiados por traçados mais vinculados ao campo geográfico e físico do ambiente. Esta classificação dos desenhos tem o suporte das palavras-síntese e sentimentos elencados pelos sujeitos pesquisados.

Além do desenho, são pedidos no questionário do Mapa Afetivo o significado do desenho, os sentimentos que o mesmo desperta e a metáfora que tenta aglutinar tudo o que foi exposto. No momento de aplicação do questionário o pesquisador pode estar próximo ao respondente para explicar devidamente do que se trata o instrumento sem ter que, necessariamente, se amparar no modelo de distância e suposta neutralidade da Psicologia Positivista.

Após um aprimoramento (pré-teste)<sup>21</sup>, o instrumento final é composto pelos seguintes itens propostos por Bomfim:

A. Desenho: é o primeiro item do instrumento e tem como objetivo “facilitar a expressão de emoções” (BOMFIM, 2003, p. 136). A interpretação do desenho é feita pelo próprio respondente e não pelo investigador. Pede-se que o indivíduo desenhe o ambiente a ser pesquisado.

B. Significado do desenho: é pedido que o respondente explique o significado do desenho ou o que o indivíduo quis representar com o desenho. Este item assegura que a interpretação é realmente feita pelo respondente. Dependendo do desenho e, principalmente, do significado dado a ele pelo sujeito, o desenho é classificado pelo pesquisador como cognitivo ou metafórico.

C. Sentimentos: este item solicita ao respondente que descreva seus sentimentos a respeito do desenho.

D. Palavras-síntese: é pedido que o indivíduo escreva de uma a seis palavras que resumam seus sentimentos em relação ao desenho. Podem ser escritas qualidades,

---

<sup>21</sup> O aprimoramento do instrumento é feito com vistas à reelaboração do instrumento gerador do Mapa Afetivo para aperfeiçoá-lo de acordo com os objetivos desta investigação e para construir a Escala tipo Likert.

sentimentos, substantivos ou palavras já mencionadas anteriormente. Trata-se de uma síntese de tudo o que já foi feito e espera-se uma saturação das respostas ou maior clarificação dos sentimentos.

E. O que pensa do ambiente: visa captar, através da elaboração textual, o que ainda não foi expresso sobre a afetividade em relação ao ambiente.

F. Categorias da Escala tipo Likert: são quatro: pertinência, contrastes, agradabilidade e insegurança. Por pertinência entende-se a identificação com o lugar. Contrastes são sentimentos, emoções e palavras com conteúdos contraditórios, com polarização positiva e negativa. Agradabilidade refere-se ao vínculo com o ambiente e suas qualidades positivas. E, finalmente, insegurança é a categoria que remete a algo inesperado, instável e até negativo.

G. Comparação do ambiente: pela escrita, o indivíduo fará uso de metáforas para nova elaboração do que é sentido em relação ao ambiente.

H. Caminhos percorridos: trata-se da apresentação de lugares de origem e destino ou pontos de referência que chamem atenção do respondente em sua trajetória cotidiana. É pedido também que seja explicitado o que faz nestes caminhos.

I. Participação em associação: neste item é questionado se o indivíduo possui uma convivência comunitária mais atuante como participação em associações, igrejas, grêmios, etc.

J. Participação eventual em movimentos sociais: cogita-se a participação temporária do pesquisando em alguma atividade social reivindicatória ou solidária. Assim como no item anterior, a resposta é objetiva e com espaço para justificar.

K. Características sócio-demográficas: último item do instrumento e pede dados sócio-demográficos como sexo, idade, escolaridade e outros dados pertinentes ao que se pesquisa.

Estes elementos acima expostos encontram-se no questionário do Mapas Afetivos. Na análise deste material, esclarecida posteriormente, é gerado o Mapa Afetivo com uma imagem que o sujeito tem em relação ao ambiente em questão por meio da síntese das dimensões de significado, qualidade, sentimento, metáfora e sentido dado pelo pesquisador. Bomfim (2003) explana que existem poucos estudos em relação às imagens elaboradas dos indivíduos sobre os ambientes e que coloquem os afetos como orientadores da compreensão dos espaços.

Conforme Bomfim (2003), as imagens geradas nos Mapas Afetivos podem ter uma estima positiva que é aquela que demonstra apego e apreço do indivíduo pelo ambiente,

além de gerar potência de ação. As imagens podem ter também uma estima negativa, associada à não apego e apreço ao ambiente e não é geradora de potência de ação.

A análise estatística complementar, apresentada em uma escala tipo Likert, contempla a visão sob o grupo, enquanto a análise do questionário como um todo observa as idiossincrasias de cada sujeito. A imagem apreendida pela análise estatística complementar pode confirmar ou não a imagem surgida pelo questionário como um todo do Mapa Afetivo. Por isso é chamada de complementar, pois acrescenta mais informações ao que o sujeito já descreveu no questionário. Também tem a função de provocar no sujeito imagens que porventura não surjam espontaneamente no questionário do Mapa Afetivo.

Na análise estatística complementar as categorias advindas do pré-teste são expostas por meio de frases (também retiradas do aprimoramento do instrumento) para que o respondente aponte uma nota para cada afirmativa. O respondente não sabe a que categoria cada frase corresponde. O sujeito marca notas que podem variar de 0 (zero) a 10 (dez), de 0 (zero) a 5 (cinco) ou por meio de qualificações como “muito de acordo a muito em desacordo” (RICHARDSON, 1999, p. 271).

Os dados da escala tipo Likert são sintetizados em médias para facilitar a visualização de conjuntos de variações afetivas, refletidas nas respostas dos indivíduos pesquisados. Nesta etapa utiliza-se o programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS).

No instrumento adaptado para este trabalho algumas modificações foram feitas para aplicá-lo nos abrigos. Realizei no abrigo masculino o aprimoramento do instrumento de forma a ter um questionário padronizado com a escala Likert para as duas instituições já que não foi encontrado um abrigo misto. Foram utilizadas as categorias agradabilidade, pertinência, contraste e atração. A imagem de insegurança não foi encontrada no pré-teste deste trabalho. Em seu lugar foi trabalhada a categoria atração definida por Bomfim (2003) como imagem cujos sentimentos e qualidades são tendencialmente potencializadores dos indivíduos no ambiente.

As frases que identificam a imagem de atração foram:

- O abrigo é um lugar que oferece oportunidades.
- O abrigo é um lugar que facilita o aprendizado.
- O abrigo contribui para mudança de vida.
- O abrigo apesar de não ser o melhor lugar para morar é a segunda opção comparado com minha casa.

As frases da imagem de pertinência foram:

- O abrigo é um lugar onde recebo apoio.
- O abrigo é um lugar onde me sinto em casa.
- O abrigo é um lugar que me acolhe.
- O abrigo é melhor do que minha casa.

Identificavam a imagem de contrastes:

- O abrigo é um lugar bom, mas é ruim porque estou longe de casa.
- O abrigo recebe o adolescente bem e a rua não.
- No abrigo às vezes tenho sentimentos bons, outra hora ruins.
- O abrigo às vezes é minha família, às vezes não é.

E, por fim, a imagem de agradabilidade ficou identificada pelas seguintes frases:

- O abrigo é um lugar bom em termos de estrutura física.
- O abrigo é um lugar prazeroso.
- O abrigo é um lugar sossegado.
- O abrigo é um lugar bonito.

Estas dezesseis frases foram retiradas da fase de aprimoramento do instrumento (pré-teste) aplicado a onze adolescentes do sexo masculino. Na escala do instrumento definitivo somente as frases eram expostas aos adolescentes, não sendo, portanto, informado a eles e elas a que imagem cada frase se referia.

Pedia-se que respondessem de 0 (zero) a 5 (cinco) cada frase de acordo com o que cada um considerava como verdadeiro ou falso. Sob uma avaliação subjetiva e pessoal se a frase fosse totalmente verdadeira a pessoa marcava o número cinco. O número zero indicava que a frase era totalmente falsa. Se a frase fosse considerada mais ou menos falsa ou verdadeira o respondente deveria marcar de um a quatro dependendo se a considerasse mais falsa, perto do zero, ou verdadeira, perto do número cinco.

Foi feito um cálculo do escore médio dos indicadores das imagens para a análise estatística complementar. O cálculo surge da soma das notas de cada imagem e depois este resultado é dividido por quatro, o número de imagens expostas como provocação para os sujeitos (agradabilidade, pertinência, atração e contraste).

Outras modificações foram efetuadas: os itens I e J presentes no instrumento final desenvolvido por Bomfim (2003) não estão presentes no instrumento desta pesquisa pois não se adequam aos objetivos da mesma. E quanto às características sócio-demográficas, além de sexo, idade e escolaridade, foi questionado se a família do (a) adolescente recebe Bolsa Família e qual é o tempo de abrigamento do(a) adolescente.



O outro instrumento utilizado para apreender os afetos dos adolescentes para com suas famílias de origem e para com o abrigo foi a entrevista. Esta forma de coleta de dados foi escolhida por haver a possibilidade de aprofundar questões e me permitia uma maior proximidade com os sujeitos. Com o amparo de um gravador pude dedicar-me ao momento em que o pesquisando se expunha.

Segundo Richardson (1999) a entrevista é uma técnica que contribui para o estreitamento da relação entre pessoas. Nesta relação a comunicação é bilateral.

O tipo de entrevista utilizada nesta pesquisa foi a não-estruturada que, de acordo com Richardson (1999), é caracterizada por não ter alternativas de resposta pré-formuladas. Visa obter do entrevistado informações que ele considere relevante quanto à situação em estudo.

Optei pela entrevista individual e não coletiva por permitir uma maior aproximação considerando também que os (as) jovens tinham dificuldades de expor informações íntimas para outras pessoas que não têm, necessariamente, compromisso ético de resguardar o que fosse dito.

O roteiro desta pesquisa foi elaborado a partir das dúvidas que tive quanto às imagens surgidas nos Mapas Afetivos, aplicados antes da entrevista. A entrevista permitiu esclarecê-las e aprofundá-las, assim como dirigir questões a respeito da relação familiar e seus afetos imbricados.

As questões elaboradas encontram-se abaixo.

1. Na sua resposta eu percebi (breve explicação da imagem encontrada no Mapa Afetivo para efeitos de confirmação ou não), o que você acha? É isso mesmo?
2. Fale mais um pouco sobre a comparação do abrigo que você fez aqui no questionário (é feita referência à metáfora do questionário do Mapa Afetivo de cada adolescente).
3. Explique um pouco mais sobre o motivo porque está no abrigo.
4. Como o abrigo interfere ou influencia na sua relação com sua família?
5. O que é família pra você?
6. Quem é sua família (se possui uma)?
7. Que sentimentos você tem em relação à sua família?
8. Compare sua vida no abrigo e sua vida em família.
9. O que seria preciso para você voltar para casa, caso quisesse e pudesse?
10. Que tipo de problemas sua família enfrentava quando você convivia com ela?

Participaram desta segunda etapa da pesquisa, a entrevista, nove adolescentes. Um número reduzido foi selecionado a partir da variedade de imagens<sup>22</sup> geradas pelos Mapas Afetivos para que as informações dos Mapas e relativas à família fossem aprofundadas configurando um estudo de caso.

Mais informações podem ser vistas em anexo nos diários de campo (de cada abrigo pesquisado) feitos com o intuito de enriquecer a experiência da pesquisadora na coleta de dados. Conforme Montero (2006), o diário de campo é um registro de interesse metodológico, vivencial e cultural. Incluem comentários de mudanças, obstáculos, de confiança e desconfiança a respeito do vivido. Os escritos do diário de campo não cabem em questionários e nem em protocolos de captação de dados, pois podem ser bem mais espontâneos e abranger percepções, sensações além de afetos.

Montero (2006) esclarece que existem instrumentos que necessitam de técnicas auxiliares que permitam aos investigadores apreender certos momentos que podem ocorrer durante a investigação e não podem ser registrados por meio de muitas técnicas, como por questionários, entrevistas. Então, dá-se a necessidade do registro pelo diário de campo. Nesta pesquisa, o diário de campo foi utilizado com o intuito de apresentar informações sobre a convivência entre os(as) adolescentes no abrigo, que tipo de atividades realizam, como costumam interagir com um visitante (pesquisadora, por exemplo), que pessoas convivem com os(as) jovens para além dos funcionários etc. Todos estes aspectos possibilitam estudar melhor como é a convivência familiar e comunitária vivida no abrigo e que afetos engendram estas relações.

O registro de atividades por meio do diário de campo é uma prática de minha experiência como psicóloga social e comunitária em bairros de Fortaleza. Montero (2006, p.302), inclusive, afirma que é “uma ação rotineira, no sentido de cotidiana e necessária, na Psicologia Comunitária”. É, portanto, uma prática reconhecidamente importante para mim no processo de compreensão, registro e fonte para idéias sobre a realidade, seja ela de uma comunidade ou, no caso deste trabalho, de um abrigo.

---

<sup>22</sup> No abrigo feminino foram entrevistadas 2 (duas) meninas que tiveram a imagem de atração e 2 (duas) com imagem contraste nos questionários dos Mapas. Não foi possível entrevistar nenhuma menina com a imagem de pertinência. No masculino foram entrevistados 2 (dois) adolescentes com imagens de atração, 2(dois) de contraste e 1 (um) de pertinência.

### **6.3 Indo à campo: coleta de dados**

A coleta de dados foi realizada de julho a agosto de 2007 seguindo estes passos: primeiramente foi feito o aprimoramento do instrumento por intermédio da aplicação de 4 (quatro) questionários no abrigo masculino. A partir destes quatro questionários foi elaborado um instrumento final, com a escala Likert e aplicado a outros 11 (onze) meninos (diferentes dos quatro que já haviam contribuído). No entanto, a escala Likert destes onze questionários foi reelaborada com objetivo de contemplar, com mais fidelidade, as imagens surgidas. Foi preciso, então, aprimorar outro questionário para ter um definitivo. Este foi construído a partir da utilização, como pré-teste, dos onze questionários já aplicados. Os quatro primeiros questionários foram excluídos.

O segundo aprimoramento do instrumento foi feito também no abrigo dos meninos, para o instrumento final ser aplicado tanto na instituição masculina como na feminina. O fato de ter sido feito o aprimoramento no abrigo masculino não impede uma aplicação para o abrigo feminino, pois o mesmo contemplou a realidade de abrigamento, independente do sexo do respondente.

A primeira etapa da coleta de dados se deu por meio dos Mapas Afetivos. O diário de campo começou a ser registrado a partir deste primeiro momento. Os meninos foram os primeiros a colaborar com o levantamento das informações. O abrigo masculino cedeu uma sala para que a pesquisa fosse realizada com mais reserva e cuidado. Em pequenos grupos de três ou quatro meninos o questionário foi aplicado sendo precedido por explicações e deixava claro que a participação era voluntária. Quem sabia ler, lia só e fazia alguma pergunta, tirava alguma dúvida. Mesmo se não havia perguntas, eu sempre falava em linhas gerais sobre o trabalho.

A direção e o setor de Psicologia da instituição acolheram muito bem a proposta da pesquisa. Os meninos foram muito colaborativos embora fosse preciso insistir em alguns casos até que eles conhecessem a proposta. Nem todos os adolescentes da instituição foram alcançados pela pesquisa, pois alguns estavam fazendo cursos fora do abrigo, outros estavam na escola e alguns poucos não quiseram nem conhecer a proposta.

Mesmo após a segunda etapa, as entrevistas, foi preciso retornar ao abrigo masculino. O retorno se deu para aplicação do questionário novo, pois este tinha uma nova escala Likert, com mais itens e contemplando quatro imagens: pertinência, agradabilidade, contrastes e atração. Somente três questionários foram aplicados neste último momento no

abrigo masculino porque a maioria dos jovens que estava no abrigo e queria colaborar já tinham participado da primeira coleta de dados.

Quanto às entrevistas foi preciso somente um dia para ter a colaboração de cinco meninos. Foi um procedimento tranquilo e que fluiu bem com todos os adolescentes. No total foram feitas quatro visitas para a finalização da coleta de dados no abrigo masculino. Todas as visitas estão registradas no diário de campo em anexo.

Logo depois das entrevistas realizadas com os meninos iniciei o trabalho no abrigo feminino. Neste, o processo foi um pouco mais difícil porque não havia uma sala onde houvesse privacidade para realizar a coleta dos dados e as meninas eram menos colaboradoras. Os dados foram colhidos no grande espaço verde e cheios de sombra que a instituição possui. Eu tentava ficar longe de grupos de adolescentes e de funcionários.

Outro obstáculo foi uma grande diferença encontrada entre os abrigos: parece que as meninas passam pouco tempo abrigadas, ao contrário dos meninos. Isto impedia que, ao retornar à instituição, fossem encontradas as mesmas meninas que já haviam contribuído com o questionário, lhes restando apenas a entrevista. Por exemplo, uma das pesquisadas havia voltado para casa e outra foi transferida. Não foi possível fazer entrevistas com estas meninas. Por conta destas e outras dificuldades (algumas adolescentes estavam na escola ou fazendo cursos, ou não queriam participar da pesquisa) foram aplicados somente sete questionários<sup>23</sup> e feitas quatro entrevistas. Foram feitas três visitas à instituição feminina (com registro no diário de campo em anexo) para o término da coleta de dados.

No abrigo feminino também houve excelente receptividade à pesquisa por parte da direção, das educadoras e das técnicas. Interessante notar que há predominância do sexo feminino na equipe que acompanha o atendimento às meninas e do sexo masculino para a equipe que atende os meninos. Talvez seja uma estratégia de contribuir para identificação dos (as) adolescentes com quem convivem nas instituições.

As meninas se opuseram mais para contribuir com a pesquisa, e algumas que participaram o fizeram colocando alguns obstáculos (sem interesse em participar) mesmo após todo o procedimento de explicação e sigilo garantidos. Em um dia de coleta de dados havia a queixa de brigas entre as meninas, o que provavelmente contribuiu para que as adolescentes estivessem menos dispostas a participar de uma atividade nova. Palavras como “brigas”,

---

<sup>23</sup> Também ofereci ajuda para aquelas que não sabiam ler e escrever bem para responder ao questionário do Mapa Afetivo, aplicado antes da entrevista, como ocorreu no abrigo masculino.

“confusões” aparecem nos questionários dos Mapas Afetivos certamente devido ao que viviam na instituição.

Apenas nove dos vinte e um sujeitos participaram da segunda fase da pesquisa, a entrevista. Houve um critério de escolha dos (as) adolescentes para este segundo momento que foi pela imagem surgida no Mapa Afetivo. Este critério se firmou no intuito de fazer paralelos entre as imagens e os afetos entre os (as) adolescentes e a família de origem. A adesão voluntária também foi uma forma de reduzir o número de sujeitos para ser possível um maior aprofundamento das informações coletadas, já que nem todos (as) quiseram continuar contribuindo para a pesquisa.

O registro do diário de campo se findou com o término das entrevistas.

#### **6.4 Análise dos dados**

O primeiro passo tomado para analisar os dados levantados na pesquisa foi realizar uma leitura dos Mapas Afetivos com vistas a conhecer os afetos dos adolescentes em relação ao abrigo onde estavam.

O segundo passo foi ler todo o material transcrito das entrevistas para realizar o levantamento de índices da análise de conteúdo. De acordo com a classificação feita por Bardin (1977) a análise do conteúdo das entrevistas foi do tipo quantitativa, por tomar como determinante a frequência com que um índice se apresentava no discurso do adolescente. Os índices mais frequentes foram agrupados nas categorias de análise, conforme a literatura adotada.

Os Mapas Afetivos foram analisados por meio dos processos de codificação e categorização propostos por Bomfim (2003). Nessa perspectiva, foi também realizada uma análise estatística complementar, em uma escala tipo Likert, como explicado nos procedimentos metodológicos. A análise dos questionários para a construção dos mapas se deu nos vinte e um questionários aplicados. A análise estatística complementar se efetivou em apenas dez dos vinte e um Mapas Afetivos visto que os outros onze mapas serviram como pré-teste para elaboração de uma nova escala Likert, pois a primeira (destes onze mapas) foi reelaborada de forma a contemplar mais fielmente as imagens levantadas. Três meninos (Mapas 12, 13 e 14) e sete meninas (Mapas 15 a 21) fazem parte da análise estatística

complementar. Os dados foram organizados no programa Excel e transferidos para o SPSS for Windows, versão 14.0.

Bomfim (2003) sugere duas etapas principais para análise dos Mapas Afetivos:

1. Codificação: na qual se transformam os dados brutos em dados úteis através dos processos de fragmentação do texto e catalogação das unidades. Na fragmentação do texto, Bomfim explica que a investigação corresponde à compreensão das respostas dadas às perguntas do questionário e também à representação do desenho do ambiente pesquisado. A catalogação das unidades se refere a organização da fragmentação do texto.

2. Categorização: na qual se estabelece uma diferenciação e condensação por meio de uma classificação das unidades. Estas ficam dispostas em um quadro para visualização dos dados obtidos. Neste quadro se encontra a identificação do sujeito investigado, estrutura do desenho (cognitivo ou metafórico), significado do desenho para o respondente, qualidade relacionada ao ambiente, sentimentos do respondente, a metáfora (que é a comparação do ambiente) e o sentido dado pela pesquisadora.

A análise do instrumento final ficou assim organizada na pesquisa de Bomfim (2003) sobre os Mapas Afetivos de Barcelona e de São Paulo:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. Sexo Idade Escolaridade Cidade Tempo de residência (quando não originário)	*Mapa Cognitivo de Lynch: desenho de monumentos, caminhos, limites, confluência e bairros. *Metafórico: desenho que expressa, por analogia, o sentimento ou estado de ânimo do sujeito.	Explicação do respondente sobre o desenho que fez.	Atributos do desenho e da cidade, apontados pelo sujeito.	Expressão afetiva do respondente ao desenho e à cidade.	Comparação da cidade com algo, tem a função de elaborar metáforas.	Interpretação e síntese feita pelo investigador da articulação de sentidos entre a metáfora da cidade e as outras dimensões atribuídas pelo respondente (qualidade e sentimentos).

(Fonte: BOMFIM, 2003, p. 144).

Para conhecer os laços que (des)ligam famílias, adolescentes e abrigo, as categorias de análise das entrevistas foram levantadas a partir dos conceitos de “família” (ARIÈS, 1981; RANGEL, 2006), “afetividade” (SAWAIA, 2000) e “afetividade do indivíduo em relação ao ambiente” (BOMFIM, 2003). A partir da leitura do material foram construídas as categorias família, abrigamento e afetividade, cuja análise das mesmas foi associada à análise dos Mapas Afetivos, como forma de completar e aprofundar dados colhidos nas entrevistas. Algumas perguntas da entrevista foram dirigidas para aprofundar o que foi apreendido pelos mapas e outras questões contemplam mais aprofundadamente a relação e os afetos dos(as) adolescentes para com a família.

A categoria família foi constituída a partir do conceito de família de Rangel (2006) que valoriza tanto os laços consangüíneos como os eleitos em qualquer relação íntima de afeto. Fazem parte desta categoria dados referentes ao conceito de família dado por cada adolescente, quem compõe esta família, os problemas enfrentados na convivência familiar e comunitária, participação ou não no programa Bolsa Família de transferência de renda do Governo Federal e, por fim, o que precisa mudar para que o(a) adolescente retorne à sua casa, caso deseje e seja possível.

A categoria abrigamento ocupou-se em analisar os motivos da institucionalização; a comparação entre a convivência familiar e comunitária e a vivência em abrigo; atentou para os contatos que o abrigo faz com a família de origem do(a) adolescente visando a reintegração familiar e comunitária (quando possível e desejável pelo indivíduo) e alguns desmembramentos destes aspectos no que se refere ao abrigamento.

A última categoria, afetividade foi formulada a partir do que os (as) adolescentes relataram sobre seus afetos em relação à família de origem ou dirigidos a outras relações e situações tomando como referência o sentimento da família de Ariès (1981). O conceito de sofrimento ético-político é destacado no âmbito da afetividade.

## 7 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 7.1 Imagens dos abrigos masculino e feminino

A partir das etapas já mencionadas nos procedimentos metodológicos chegou-se às imagens dos abrigos masculino e feminino, apoiadas nas respostas de cada sujeito, sintetizadas nos Mapas Afetivos que incluem: desenho, significado, qualidade, sentimento, metáfora e sentido. Às imagens analisadas somam-se as categorias construídas a partir dos referenciais teóricos e das entrevistas. Como dito anteriormente as categorias são família, abrigo e afetividade.

<b>Imagens encontradas nos Mapas Afetivos</b>	<b>Frequência de Resposta das imagens nos abrigos Masculino / Feminino</b>	<b>Qualidades das imagens apontadas pelos (as) adolescentes</b>	<b>Sentimentos apreendidos nas imagens produzidas pelos (as) adolescentes</b>
Atração	9 / 3	Bom; local onde se aprende coisas novas; onde se muda de vida; onde se vê o mundo diferente; ótimo; onde se aprende a viver melhor; juventude; companheirismo; perdão; ajuda; aprendizado; desempenho; crescer; segundo lugar pra morar; onde mostrou que se tinha família; lugar para última hora; lugar muito bom de se viver; onde se têm muitas oportunidades.	Alegria; confiança; amizade; atenção; compreensão; colaboração; bons sentimentos; sinceridade; carinho; união; vencer; amor; humildade; paciência; paz; perseverança; saudade; coragem; sonho; luta.
Contraste	4 / 3	Gosto pelo abrigo / não estar perto da mãe; tem-se sentimentos uma hora bons e outras ruins; um pouco de tristeza porque não se pode ficar (no abrigo) o resto da vida/ desejo de ter a própria casa; na rua / no abrigo; abrigo bom / saudade da mãe; bom/ não gostar de regras; ótimo/ querer sair do abrigo; o abrigo é bom/ há saudade da família.	Triste/ alegria; desafio/ saudade; raiva/ gostar de quase tudo; às vezes triste/ às vezes alegre.
Pertinência	1 / 1	Educa; ajuda; parece uma escola; lugar de ficar; melhor do que estar na rua.	Respeito; se sente bem; se sente em casa.

Quadro 1 – Imagens, frequência com que estas aparecem, qualidades e sentimentos apreendidos nos Mapas Afetivos dos dois abrigos.

(Fonte: elaboração da pesquisadora, 2008).



No quadro acima é possível vislumbrar que os abrigos masculino e feminino suscitaram sobremaneira nos(as) adolescentes a imagem de atração, embora tenha sido bem mais evidente no abrigo masculino. Neste, no total de 14 (quatorze) questionários respondidos, 9 (nove) apresentaram a imagem de atração, 4 (quatro) reportam à imagem de contraste e 1 (um) de pertinência. No abrigo feminino foram 7 (sete) questionários respondidos, sendo as imagens de atração e contraste como as mais presentes, com 3 (três) questionários cada uma e, como na instituição masculina, apenas 1 (uma) imagem de pertinência apareceu.

Um dos resultados da análise dos Mapas foi a presença marcante de imagens com estima positiva pelo lugar, como a de atração e pertinência. Segundo Bomfim (2003), a estima positiva se caracteriza por demonstrar apego e apreço do indivíduo pelo ambiente e gera potência de ação. A imagem de agradabilidade, associada à pertinência, também remete a uma estima positiva, mas na análise dos Mapas Afetivos desta pesquisa não se evidenciou esta associação.

A outra imagem encontrada foi a de contraste que, como visto no quadro acima, nos abrigos estudados, remete a aspectos ambivalentes. Esta imagem, quando associada às imagens de insegurança e de destruição, se caracteriza, segundo Bomfim (2003), como uma estima negativa do lugar.

### 7.1.1 Imagem de atração

A estima positiva pelos abrigos pode se evidenciar mais precisamente no que se refere à atração que os abrigos suscitam. Um exemplo da imagem de atração encontra-se no Mapa Afetivo n. 3 onde é possível vislumbrar uma das referências que a imagem de atração está amparada, pois o jovem faz menção às muitas coisas que aprendeu, como a atividade do circo.



“O circo foi muito bom para mim porque eu aprendi muitas coisas” (Significado do desenho do Respondente n. 03, do Abrigo Masculino, 16 anos).

Mapa Afetivo n. 3

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 03 Sexo: Masculino Idade: 16 anos. Escolaridade: 6ª série. Recebe Bolsa Família? Não. Tempo de abrigamento: 1 ano e 4 meses.	Metafórico.	O circo foi muito bom para mim porque eu aprendi muitas coisas.	Muito bom; aprendi coisas novas, coisas que eu não aprendia na rua.	Alegria, confiança, amizade, aprendizado, atenção, compreensão, desempenho, colaboração.	Compara com minha casa mas nem tanto assim.	O abrigo “Minha casa mas nem tanto assim” é marcado pela imagem de <u>atração</u> porque o adolescente destaca as muitas coisas que aprendeu e lhe foram úteis, há sentimentos potencializadores como alegria, confiança e amizade.

(Fonte: elaboração da pesquisadora, 2008).

A partir dos dados levantados no diário de campo, foi constatado que alguns meninos se apresentam realizando atividades que aprendem no circo do abrigo, em lugares públicos e privados e, às vezes, recebem cachê. Atividades como estas possibilitam novos conhecimentos e habilidades, novas experiências e facilitam, minimamente, uma vida mais autônoma, aumenta a autoconfiança do jovem, confirmando a imagem do abrigo como de atração.

Uma menina, de 14 anos, respondente do Mapa n. 18, coloca claramente a devida importância do abrigo: diz que é “legal, também um abrigo é muito especial e importante para aquelas crianças que não tem família e nem onde morar”. Ela é afetada na relação pessoa-

ambiente pela imagem de atração e talvez, por isso, saiba que pode e deve usufruir deste ambiente que não é seu, mas é importante para ajudar a quem dele precisa, enquanto precisa.

Nos quadros construídos a partir das questões “O que gosta no abrigo” e “O que não gosta no abrigo”, presentes no questionário do Mapa Afetivo, é possível detectar o que pode ser atrativo ou não para os adolescentes. Em anexo encontram-se os quadros. “Amizades”, “organização”, “respeito”, “lazer”, “direção” e “educadores do abrigo” são aspectos que não estão na esfera das necessidades consideradas básicas (como alimentação, por exemplo), mas foram apontadas pelos meninos como aspectos que gostam no abrigo. No abrigo feminino as meninas apontam com maior frequência atrações mais dirigidas aos laços potencializadores como os que têm com alguns educadores e algumas meninas. Estes mesmos laços parecem trazer dificuldades expressas em confusões e até nas regras (delimitadas por educadores). As meninas também afetam e são afetadas neste ambiente institucional que não parece frio ou passivo quanto ao que se desenrola em suas dimensões.

Nos questionários das meninas não há menção de atividades realizadas por elas no abrigo como existe nos questionários dos meninos. No abrigo feminino a imagem de atração não foi tão evidente como no masculino, pois a imagem de contraste apareceu em igual quantidade que a de atração, o que se pode inferir que o abrigo feminino não é tão atraente assim.

Talvez a atração para os meninos seja mais evidente por conta das oficinas e atividades que realizam na instituição, pois pode ser uma forma de eles conseguirem maior autonomia. Um componente cultural, de gênero parece se fazer presente neste trato diferenciado das instituições. Por uma perspectiva, o abrigo deve realmente assegurar que os jovens sejam engajados em atividades que facilitem a emancipação, principalmente para os que estão próximos de completar dezoito anos. Por outra perspectiva surge uma pergunta: será que o abrigo deve ser um lugar de atração?

As meninas apontam as relações potencializadoras que tem no abrigo e os meninos apontam as oficinas e vínculos como atrações: são aspectos que deveriam ser encontrados na convivência familiar e comunitária destes jovens. É vergonhoso para uma política pública da Infância e Adolescência de um Estado que estes adolescentes só encontrem estas atrações no abrigamento, definido como medida de proteção, provisória e excepcional. Os adolescentes deveriam encontrar estas atrações também fora dos muros do abrigo para diminuir a probabilidade de que estes passem pela institucionalização.

O adolescente que respondeu ao questionário do Mapa n.10 parece que só teve acesso à escola quando foi abrigado. O abrigo encontra-se, neste caso, como um mediador de uma oportunidade que o jovem não teve quando estava fora do abrigo.



“Significa o menino indo para a escola, saindo de casa para a escola. Assim que cheguei aqui me botaram na escola, não tinha registro. Quero ir para casa quando sair daqui”. (Significado do desenho do Respondente n. 10, do Abrigo Masculino, 16 anos).

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 10 Sexo: Masculino Idade: 16 anos. Escolaridade: 4ª série. Recebe Bolsa Família? Não. Tempo de abrigamento: 5 meses.	Metafórico.	Significa o menino indo para a escola, saindo de casa para a escola. Assim que cheguei aqui me botaram na escola, não tinha registro. Quero ir para casa quando sair daqui.	Bom; muito bom porque ajuda as pessoas a sair da rua pra ter um futuro mais na frente.	Apego, atraso, brigas, alegria, namorar; me lembro de uma casa pra mim morar mais minha família.	Minha casa.	O abrigo “Minha casa” é marcado pela imagem de <u>atração</u> porque deu ao adolescente oportunidades que ele não tinha: escola, perspectiva de futuro, sair da rua e sente alegria no abrigo.

Acesso à educação de qualidade, cursos profissionalizantes, registro civil são direitos mínimos que o Estado, sociedade e família deveriam assegurar sem que os jovens se coloquem em situações de risco para tê-las. É justamente o que Sawaia (1999) nomeia por dialética de exclusão/inclusão: os jovens são excluídos por estarem em situações de risco como praticando roubos, usando drogas, sendo explorados sexualmente, perambulando nas ruas e, então, são incluídos em projetos específicos para públicos nestas situações. Dificilmente teriam acesso de qualidade sem passarem por vivências opressoras, perigosas para a própria vida deles e de terceiros.

No Mapa n.6 é possível apontar o que parece uma preocupação do adolescente de 17 anos: “será que terei amanhã o que tenho hoje?”. E o que ele tem hoje? Será que se refere

aos sentimentos de amor, amizade, companheirismo e atrações diversas, que ele cita no questionário, e as experimenta no abrigo? Não deveria ser uma preocupação para o jovem porque todos estes aspectos potencializadores podem ser construídos por ele e viabilizados pelo Estado, família e sociedade. No entanto, pelo questionamento que ele levanta, talvez não aconteça de fato.

A imagem de atração é confirmada com o jovem Luiz<sup>24</sup>, de 16 anos, que é o respondente do Mapa Afetivo n. 8, por meio da entrevista.

“[...] Então eu acho aqui um lugar muito bom porque dá várias oportunidades, tem curso pra gente fazer, dá os estudos da gente, dá educação da gente, dá tudo que a gente precisar”.

A fala de Marisa, respondente de 12 anos do Mapa n.20, também ilustra a imagem de atração que o abrigo possui:

“Quando eu tava com a minha família o tempo era muito corrido, eu não tinha tempo pra estudar. E agora que eu tô tendo algumas oportunidades né, que eu não tive em casa” [...].

Para alguns adolescentes, como Gonzaguinha, jovem de 17 anos, respondente do Mapa n.1, o abrigo o beneficiou, em alguns aspectos, mais do que a família. Ele relata que aprendeu a pintar, trabalhar com reciclado, jogar bola. São atrações que a instituição pôde lhe oferecer e a família não.

A atração e as oportunidades destacadas por alguns adolescentes podem ser avaliadas como um caminho para a concretização da potência de ação, ou seja, são formas de crescimento social; meios de sair da invisibilidade, de ter respaldo social; não ser inferior e nem estar somente adaptado, um excluído/incluído, mesmo que muitas destas oportunidades não os coloquem em evidência. Praticamente apenas os adapta a um mercado que precisa de mão de obra pouco qualificada. Infelizmente são exceções os (as) jovens que conseguem se destacar em meio ao pouco que lhes é oferecido e apesar de tantas dificuldades que enfrentam.

Maioridade e oportunidades de trabalho são aspectos da vida que alguns adolescentes unem para, inclusive, reconquistar um espaço de respeito e responsabilidade dentro da família. A menoridade, pelo menos para Rita, 15 anos, significa submissão, dependência e talvez fragilidade, e por isso mesmo requer proteção como prevê o Estatuto (BRASIL, 1990b). A proteção integral é requerida pela lei para os indivíduos na faixa etária dos 0 (zero) aos 18 anos incompletos. Porém, partir dos dezoito anos não acontece nenhuma

---

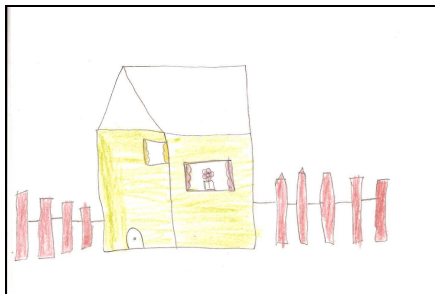
<sup>24</sup> Os nomes dos adolescentes entrevistados são fictícios para assegurar sigilo.

mágica para a aquisição de independência e responsabilidade pelo indivíduo! Muitos realmente não conseguem atingir um patamar de maturidade somente com o acréscimo de alguns anos. Percebem que não terão mais tanto amparo da família e das instituições. Para uns isso é pavoroso, pois não vêm possibilidades nas poucas oportunidades presentes nas políticas para a juventude. Alguns continuam fomentando uma fragilidade e dependência por mais alguns anos até que assumam responsabilidades. Parece que para os meninos entrevistados este prolongamento da adolescência não lhes é muito permitido por questões culturais e objetivas: são homens e precisam trabalhar para ajudar a manter a casa onde moram ou constituir sua própria morada.

No processo do adolecer e conquista da adultícia, a individuação pode se realizar na diferenciação entre pais (ou responsáveis) e filhos. Quando se trata de adolescentes abrigados, ou seja, tem seus vínculos familiares fragilizados, o que acontece é uma diferenciação ou separação real e não simbólica. A vivência em abrigo pode ser dolorosa e permite a confrontação com a finitude e fragilidade humanas. Então, pode-se pensar que estes (as) adolescentes estão amadurecendo sobremaneira com esta experiência de abrigamento. Esta mesma experiência que pode ser dolorosa, pode também oferecer oportunidades de crescimento pessoal e social.

A adolescente Cássia, de 15 anos, no Mapa n. 16, apresentou também a imagem de atração e a expôs na entrevista.

“Eu acho que é isso. As oportunidades que a gente tem aqui, que a gente faz curso, estuda... Eu acho que é isso. Eles tentam ajudar a gente de várias maneiras, eu acho que é isso”.



“Desenhei minha casa porque o abrigo é que nem minha casa”. (Significado do desenho do Respondente n. 16, do Abrigo Feminino, 15 anos).

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 16 Sexo: Feminino. Idade: 15 anos. Escolaridade : 7 <sup>a</sup> série. Recebe Bolsa Família? Não. Tempo de abrigo : 1 mês e 21 dias.	Metafórico.	Desenhei minha casa porque o abrigo é que nem minha casa.	É bom, temos muitas oportunidades aqui.	Eu gosto; amor, carinho, saúde, esperança, harmonia, perseverança, determinação, coragem, sonho, luta.	Ponte: onde a gente passa, temos que ir até onde quer mos, não esperar que a ponte venha até nós.	O abrigo “Ponte” é marcado pela imagem de <u>atração</u> porque tem muitas oportunidades, é bom, suscita sentimentos de coragem, esperança e luta para contribuir até onde a adolescente quer ir.

(Fonte: elaboração da pesquisadora, 2008).

Esta mesma jovem conseguiu explicar melhor na entrevista a metáfora que criou para comparar o abrigo.

“É porque é assim... O abrigo é assim... os educador, psicólogo, assistente social, esse pessoal tenta ajudar a gente de vários tipos de maneira. De vários tipos de jeito, certo? Mas a gente não pode ficar só parado porque eles não vão sair de onde estão pra ajudar a gente. Se a gente não quiser, a gente tem também que caminhar, lutar pra gente poder conseguir o que quer, o que eles acham também, mas não depende só deles, tem que partir também da gente. Só depende da gente querer mudar. Aí eu comparei com uma ponte porque não fica parada? É só um apoio pra nós passarmos? Aí eu comparei a uma ponte. Acho que é isso”.

O “abrigo-ponte” é um lugar onde a jovem passa, ou seja, é um lugar de passagem, provisório. Talvez o abrigo, neste caso, faça o papel de mediador entre a

adolescente e o mundo. As oportunidades são oferecidas e, segundo Cássia, cabe aos (às) adolescentes aproveitarem a oferta. Parece ser um lugar que contribui para a potência de ação dos sujeitos, o que é muito importante e essencial para os (as) adolescentes. A mediação se efetivaria através do que suscita a imagem de atração. Muitas destas oportunidades enumeradas pelos(as) jovens só estiveram à disposição deles(as) no abrigo. A imagem de atração nos dois abrigos aparece, então, sob a face de um mediador de oportunidades.

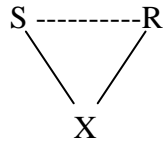
O abrigo media através das oportunidades (atrações) a relação do(a) jovem com o mundo fora do abrigo e parece mediar relações entre o (a) adolescente e a família para o retorno à convivência ou contatos afetivos com a família de origem. É significativa a menção de laços extra-abrigo nos Mapas feita pelos jovens. Muito interessante destacar a presença e a importância que a figura materna tem nas falas de quase todos os adolescentes entrevistados. A mãe é como uma figura de referência. No Mapa n. 2, por exemplo, aparecem as palavras família, mãe, avó o que leva a pensar em laços afetivos ainda presentes apesar da institucionalização. E estes laços são mencionados em um instrumento propício para apreensão de afetos na relação pessoa-ambiente! No Mapa n. 15 o que chama atenção é a fala da adolescente em relação à mãe. Neste caso, o abrigo pode ter contribuído para desligar e ligar laços afetivos entre a jovem e sua mãe, pois longe da mãe, no abrigo, a adolescente não parece nutrir naquela preocupação ou “desgosto”. Perto da mãe, longe do abrigo, a jovem dava “desgosto” à mãe. É uma relação muito complexa para ser resumida assim, mas o que quero explicar é que o abrigo possibilita ao mesmo tempo um desligamento por conta da distância física entre mãe e filha, porém contribui para uma ligação afetiva porque a jovem pára de dar desgosto à mãe estando abrigada e protegida.

Sete dos nove adolescentes entrevistados relataram que o abrigo em que se encontram faz algum contato para religá-los à família de origem. Por meio de visitas, telefonemas, através da reaproximação paulatina os laços se ligam novamente.

É possível pensar que o abrigo é um mediador entre o (a) adolescente e o que está fora deste ambiente, incluindo família, rua, trabalho, sonhos. Em termos Vygotskyanos o abrigo pode ser um mediador. De acordo com Vygotsky (1998) o processo de desenvolvimento humano não é meramente biológico, mas, sobretudo, sócio-histórico. A capacidade humana de transformar a natureza e não somente se adaptar a ela, produzindo cultura, é o grande diferencial em relação às demais espécies animais na linha ontogenética. Esta transformação da natureza e transformação do próprio homem se dá por meio de mediadores (signo ou instrumento) entre o homem e a natureza. Vygotsky (1998) explana que toda forma elementar de comportamento pressupõe uma reação direta à situação-problema



defrontada pelo indivíduo, que pode ser entendida pela simples fórmula ( $S \rightarrow R$ ). Quando há um elo intermediário entre um estímulo (S) e uma resposta (R) existe uma nova relação entre S e R. O termo inserido indica que o sujeito deve estar ativamente engajado no estabelecimento deste elo de ligação. O processo simples de estímulo-resposta é substituído por um ato complexo, mediado que Vygotsky (1998) representa assim:



Neste novo processo o impulso direto para reagir é inibido, sendo incorporado um estímulo auxiliar que facilita a complementação da operação por meios indiretos. Quando este meio indireto existe somente como representação simbólica é chamado de signo e quando existe concretamente é chamado de instrumento.

O abrigo, como mediador entre o(a) adolescente e o mundo, seria nomeado tanto como instrumento quanto como um signo. Para se definir como um instrumento mediador o abrigo se coloca como um local de moradia provisória para proteger adolescentes da violência, abandono, situações de risco concretas as quais vivenciam os indivíduos em suas famílias e comunidades. E existe enquanto signo representado simbólica e afetivamente pelos sujeitos em meio às suas relações com a família, com a rua, com o futuro, com o próprio abrigo.

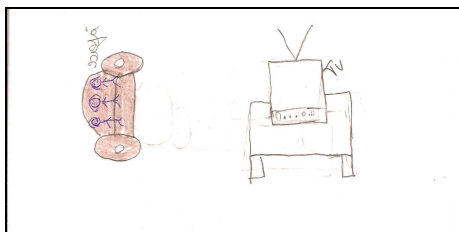
A imagem de atração fica, portanto, associada à mediação que o abrigo pode exercer na vida dos (as) jovens por meio das oportunidades que oferece. O abrigo também é um mediador das relações com a família de origem, pois contribui para desligar mas também para ligar adolescentes e família mesmo que ainda haja distância física.

Os afetos ligados à imagem de atração podem indicar que o direito à convivência familiar e comunitária está sendo assegurado. No entanto, também indica que outros direitos (educação, segurança, cursos profissionalizantes, por exemplo) não estão suficientemente assegurados pois as atrações citadas nos questionários devem ser garantidas fora dos muros institucionais, ainda no contexto familiar e comunitário de origem dos sujeitos.

### **7.1.2 Imagens de contraste (refúgio), de pertinência e de agradabilidade**

A vida em abrigos é marcada também por fortes contrastes. A imagem de contraste revela-se na contradição dos afetos e palavras expressas no Mapa Afetivo. No Mapa

n.20, o conforto das amizades parece vincular a jovem à instituição, mas ela é clara ao expressar sua vontade de voltar para casa e não mais retornar para o abrigo.



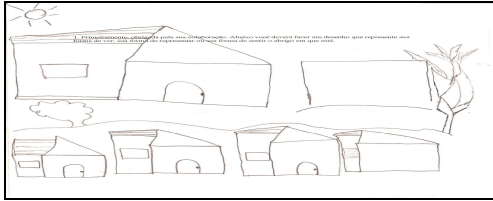
“As adolescentes da casa estão assistindo televisão. Porque as vezes os filmes que os educadores trazem são filmes que é parecido com o caso de algumas adolescentes até mesmo meu caso.” (Significado do desenho do Respondente n.20 , do Abrigo Feminino, 12 anos).

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 20 Sexo: Feminino. Idade: 12 anos. Escolaridade: 6ª série. Recebe Bolsa Família? Sim. Tempo de abrigamento: 7 meses.	Metáfori -co.	As adolescentes da casa estão assistindo televisão. Porque as vezes os filmes que os educadores trazem são filmes que é parecido com o caso de algumas adolescentes até mesmo meu caso.	Ótimo, mas eu queria sair do abrigo sendo bem recebida em casa e nunca mais voltar pro abrigo mas eu ficaria com muitas saudades das pessoas que nos momentos tristes elas estavam ali conversando e até mesmo chorando.	Emoção, as vezes triste, alegre, às vezes choro.	Escola, porque dá educação.	O abrigo “Escola” é marcado por <u>contraste</u> porque educa, é ótimo mas às vezes a adolescente se sente triste e queria sair do abrigo e não mais voltar.

(Fonte: elaboração da pesquisadora, 2008).

Já o Mapa Afetivo n.2, exposto abaixo, contrasta sentimentos de alegria e o desgosto do adolescente, de 17 anos, por estar longe de sua mãe. Parece que o abrigo contribui para a vida do jovem, mas ele continua muito ligado à família de origem.





“Os quartos, o campo, o coqueiro, o sol, a (nome do abrigo onde está). As casas menores são os quartos” (Significado do desenho do Respondente n.11, do Abrigo Masculino, 18 anos).

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 11 Sexo: Masculino Idade: 18 anos. Escolaridade: EJA I e II. Recebe Bolsa Família? Não. Tempo de abrigamento: Faz um bocado de dia.	Cognitivo.	Os quartos, o campo, o coqueiro, o sol, a (nome do abrigo onde está). As casas menores são os quartos.	Foi o abrigo que me acolheu; tem uns educador que não ajuda, acho chato; não posso ficar o resto da vida; não tenho curso nem emprego ainda.	Triste, problemas de aprendizagem na escola; não posso desenvolver rápido; queria ter minha própria casa.	Como se fosse minha casa.	O abrigo “Minha casa” é marcado por <u>contraste</u> pois o adolescente parece se sentir despreparado para deixar o abrigo, sente acolhimento no lugar, se sente triste mas queria ter sua própria casa.

(Fonte: elaboração da pesquisadora, 2008).

Este adolescente foi acolhido pelo abrigo que o protege até sua maioridade quando precisará se desligar para se responsabilizar pela própria vida. Este jovem já tem 18 anos e parece não se sentir seguro para sair.

Um aspecto proveitoso que o abrigo possui, na ambivalência da imagem de contraste, é sua capacidade de proteger, refugiar, abrigar os (as) adolescentes, que falam de experiências que remetem a uma proteção sentida na instituição.

“[...] Eu acho que é um abrigo que tirou a gente da rua, deu uma força, foi uma força que nessa hora que a gente, eu mermo tava em risco de vida na rua, correndo risco de vida porque eu estava passando fome, estava apanhando de polícia, usando droga [...]” (Luiz).

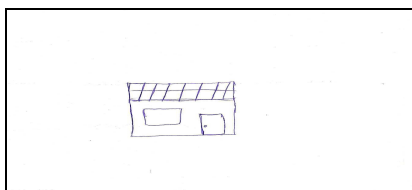
O abrigo consegue proteger o adolescente como provavelmente a família não conseguiu. Talvez a proteção que os adolescentes falem existir no abrigo, seja muito mais de

âmbito simbólico do que real. Talvez seja um amparo, um apoio, um refúgio, uma ponte que auxilia o (a) jovem a enfrentar o mundo sem mais a mediação do abrigo.

Uma derivação da imagem contraste foi encontrada a partir do aprimoramento do instrumento, realizado no abrigo masculino. A imagem de refúgio foi definida a partir de palavras e expressões como “apoio”, “recebe o adolescente bem”, “o abrigo recebe o menino bem e a rua não”. O refúgio é definido por Ferreira (1993) como asilo, abrigo, apoio, amparo. Foi a melhor palavra encontrada para expressar a ambigüidade presente em um ambiente que abriga, protege, oferece amparo e segurança, porém, ao mesmo tempo, é um lugar de passagem (já mencionado por uma adolescente no Mapa n. 16), não é a casa, não é “meu”, é uma instituição, tem regras claras. A imagem refúgio trata-se, mais apropriadamente, da derivação da imagem contraste porque há uma ambigüidade presente em seu contexto. Não deve ser confundido com a imagem de pertinência porque no refúgio o adolescente não reconhece o abrigo como seu, sabe que se trata de uma instituição para protegê-lo.

O abrigo existe enquanto signo na imagem de refúgio quando este ambiente é significado como apoio, proteção, mas também como instituição de passagem, com baixo nível de pertencimento.

O Mapa n. 9 é um exemplo de contraste com derivação na imagem de refúgio, porque o adolescente qualifica o abrigo como bom porque está longe das drogas, está abrigado, ou seja, protegido. O jovem fala de sua vivência na rua que contrasta com o que tem atualmente no abrigo: um quarto. Menciona as regras que são próprias de uma instituição que precisa delimitar espaços para todos coexistirem. Há sentimentos que considera bons e outros ruins. Provavelmente estes últimos são advindos de sua vivência na rua, enquanto que os sentimentos bons podem surgir nas palavras recuperado, consolado, carinho, alegria, abrigado.



“Porque quando eu estava na rua, eu não tinha onde dormir, por isso eu desenhei o meu quarto”. (Significado do desenho do Respondente n.09, do Abrigo Masculino, 16 anos).

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 09 Sexo: Masculino Idade: 16 anos. Escolaridade: 5ª série. Recebe Bolsa Família? Não sabe. Tempo de abrigo: 1 ano e meio.	Metafórico.	Porque quando eu estava na rua, eu não tinha onde dormir, por isso eu desenhei o meu quarto.	Bom porque estou longe das drogas; estou abrigado; tem regras.	Meus sentimentos uma hora são bons, outra hora ruins porque lembro numa parte, na outra não lembro da rua. Bom, recuperado, consolado, carinho, alegria, abrigado.	Como a minha casa porque tem tudo de bom em casa ou no abrigo, só é bom em casa porque não tem regras e no abrigo tem muitas.	O abrigo “Minha casa” é marcado por <u>contraste</u> porque o adolescente faz menção de sentimentos que considera ora bons, ora ruins, o abrigo o protege da rua e das drogas mas tem muitas regras .

(Fonte: elaboração da pesquisadora, 2008).

A presença da imagem refúgio é mais marcante no abrigo masculino. No abrigo feminino o Mapa n. 21 expressa um pouco desta imagem. Neste mapa, o refúgio se faz presente na frase “não quero estar com meus pais” e uma vez no abrigo, a jovem está protegida e com esta vontade assegurada. Contrasta com a expressão “saudade da minha família”. A família desta adolescente deve ser como a sua casa e como o abrigo: há uma parte boa e outra ruim. O abrigo é um refúgio para a menina quando também a protege da rua, onde aprendia coisas ruins.



“Casa, uma árvore, três flor e um jardim”.  
(Significado do desenho do Respondente n.21, do Abrigo Feminino, 13 anos).

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 21 Sexo: Feminino. Idade: 13 anos. Escolaridade: 3ª série. Recebe Bolsa Família? Não sabe. Tempo de abrigamento: 1 mês e alguns dias.	Metafórico.	Casa, uma árvore, três flor e um jardim.	A casa é boa. Aqui é bom, faz curso, estuda, não é trancada a pessoa. Acho bom, não é ruim, melhor do que estar na rua, na rua a gente aprende muita coisa ruim. Aqui dá bom exemplo pra pessoa.	Gosto daqui; saudade da minha família. Não quero estar com meus pais.	Minha casa: porque minha casa é uma parte boa, outra ruim.	O abrigo “Minha casa” é marcado por <u>contraste</u> pois a adolescente gosta do abrigo, o considera bom, melhor do que estar na rua mas possui uma parte ruim e sente saudade da família, embora não queria estar com os pais.

(Fonte: elaboração da pesquisadora, 2008).

Refúgio trata-se de uma imagem nova ainda não categorizada por Bomfim (2003) que, por sua vez, permite a descoberta e aprofundamento de novas categorias de imagens. A imagem refúgio pode ter surgido devido a proposta da instituição de acolhimento que se destina a proteger, mas de forma provisória e emergencial para que a convivência familiar e comunitária seja restabelecida. Em certos abrigos, como os desta pesquisa, há esforços para que o direito à convivência familiar e comunitária seja assegurado através de cursos e atividades externas, visitas à família de origem. No entanto, por melhor que o abrigo seja, ainda trata-se de um ambiente institucionalizado, onde quase tudo (objetos e espaços) precisa ser dividido e os sujeitos estão expostos às regras geralmente despersonalizadas.

A proteção e segurança sentidos pelos adolescentes nos abrigos, principalmente o masculino, fazem crer que as instituições têm realizado adequadamente o trabalho em termos de segurança ou pelo menos de sensação de estar seguro. Fala-se em sensação porque os adolescentes podem sair do abrigo para estudar, fazer cursos e, portanto, ficam longe dos muros protetores das entidades, podendo, inclusive evadir ou voltar a se envolver em situações de risco, o que por vezes realmente acontece. Pode-se pensar que o abrigo ajuda a desenvolver

no jovem uma responsabilidade por sua própria vida ou simplesmente os jovens aceitam a proteção e adotam hábitos diferentes dos que tinham antes do abrigamento.

Explica Giuliani (2004) que um dos critérios para avaliação do apego de uma pessoa a um ambiente é o quanto este proporciona segurança e conforto. Corraliza (1998) destaca a importância de espaços defensíveis que permitam um certo controle das incidências ameaçadoras que possam acontecer. A segurança é, portanto, um aspecto muito importante para a vida de uma pessoa e depende muito do espaço onde ela se encontra. O abrigo, para alguns dos (as) adolescentes, é um lugar que, literalmente, os abrigou, que os tirou, pelo menos temporariamente, da situação de risco em que se encontravam. Podem, portanto, estar apegados ao abrigo onde se encontravam e podem ter dificuldade de desligar-se dele pela proteção que o ambiente oferece.

Contrapondo este apego e proteção sentida, o abrigo faz com que o adolescente se depare com sua situação de risco social e o distanciamento de sua casa e família. Como na imagem refúgio, o abrigo não é um lugar que pertença ao adolescente como sua casa. Trata-se de uma instituição a ser usufruída enquanto sua função de medida de proteção é exercida.

Por um viés de pensamento, a instituição está cumprindo com o seu dever de proteção, mas vendo por outra perspectiva, é complicado o apego destes adolescentes ao abrigo porque deveria ser um lugar de passagem, provisório e circunstancial. Se a situação de risco está ausente, logo os adolescentes devem retornar para o lugar de origem. Se não está, outras instituições devem ser acionadas para, em conjunto, pelo menos amenizar o problema a fim de viabilizar o retorno dos adolescentes à família de origem ou demais possibilidades para assegurar a convivência familiar.

A família de origem, mesmo sendo uma família que viola direitos, como visto em algumas falas nas entrevistas, é aquela que os jovens mais consideram, eles não desejam o desligamento, mas querem a solução do problema que os afastou dela. Guilherme, de 14 anos, por exemplo, foi privado da convivência familiar por atritos com sua madrasta, mas afirma que se ela mudasse, ele queria voltar ao convívio familiar.

Bethânia, 13 anos, falou que sofreu muitas situações ruins morando com o pai, que não dá certo morar com ele, mas talvez não dê certo morar com este pai que fuma droga. Se ele parasse de usar drogas, a adolescente afirma que voltaria ao seu contexto familiar de origem. Um trecho de sua fala encontra-se abaixo.

“Nos meus pais eu queria mudar eles porque assim, mesmo assim se eu pudesse e eu quisesse, se eu pudesse ainda não queria voltar pra lá por causa disso mas se eu quisesse voltar pra lá eu posso. Qualquer hora eu posso voltar, ir pra casa mas eu não quero porque



minha mãe bebe, ele também, aí eu... Não adianta nem ir pra lá... Eu queria fazer eles parar de beber e só isso”.

Rita, outra adolescente entrevistada, de 15 anos, vivia em um contexto familiar em que os pais faziam uso abusivo de bebida alcoólica e relatou ainda que o pai não gostava dela. Ela sofreu ameaça de violência sexual por parte deste pai, porém se o contexto mudasse provavelmente a jovem voltaria para casa.

Marisa, de 12 anos, relata vivência de rua e outras institucionalizações, inclusive com irmãos, porque o padrasto a obrigava a vender bombom na rua com o aval da mãe dela. Marisa teve oportunidade de fazer denúncia contra a mãe por colocá-la em situação de risco, mas não o fez. Provavelmente tinha medo de se desligar da mãe.

Estes adolescentes tiveram as famílias como protagonistas na violação de seus direitos, porém eles vislumbram formas de tentar voltar para esta família. Há laços afetivos muito fortes ainda unindo estes jovens à família mesmo com a distância do abrigo. Para algumas pessoas os laços consangüíneos ou a primeira convivência familiar que tiveram foi muito significativa e marcante. Talvez tenha sido formadora de parte da identidade do sujeito. Perder esta família, pode significar a perda de parte de si.

A imagem de contraste, mais especificamente a de refúgio, coloca o (a) adolescente protegido, mas afastado(a) de sua família. Relações complexas se desenrolam na experiência de abrigo.

No roteiro de entrevista quando foi pedido para que o (a) adolescente comparasse a vida que tinha com a família e a vida que tem atualmente no abrigo a comparação era geralmente positiva para a vivência no abrigo. Se o(a) jovem vem de uma situação de violência familiar, como foi o caso de Rita, o abrigo certamente é avaliado como melhor do que a casa.

“Aqui eu tô me sentindo mais bem que na casa da minha mãe. Eu me sinto mais bem aqui do que em casa porque em casa eu tenho medo, assim... eu tenho trauma do meu pai porque ele, nós morava em outro canto ele tentou fazer relação comigo, aí eu tenho medo dele, dele tentar de novo e a minha mãe não vê. Eu tenho medo assim também quando ele tiver bebo tentar fazer e minha mãe não ver e não tenho por quem gritar. Minha irmã não mora perto aí eu tenho medo, aí eu prefiro aqui né, do que lá. É por isso mesmo assim que ele não gosta de mim porque eu disse pra minha mãe que ele queria ter relação comigo e eu não deixei. Ficou chateado e não gosta de mim. Mas mesmo assim é meu pai né? Ele, sei lá tia, tem uma coisa diferente nele pro meu lado. Ele disse que eu não era filha dele, aí eu me sinto mais aqui do que em casa”.

O abrigo tem atrações e oportunidades; protege, inclusive da própria família; a experiência no abrigo, muitas vezes é melhor do que a familiar, mas, apesar destes aspectos potencializadores, não é sentido como a casa do (a) adolescente. Apesar de existirem muitas metáforas comparando o abrigo com a casa, a imagem de pertinência não se evidencia, provavelmente porque os (as) jovens sentem a institucionalização no cotidiano dos abrigos. Tanto na imagem refúgio como na de atração pode-se perceber que o espaço institucional é bem demarcado por alguns adolescentes e talvez, por isso, a imagem de pertinência seja rara. No Mapa n. 4 o jovem compara o abrigo com uma ONG. A imagem de pertinência só aparece uma vez em cada um dos abrigos pesquisados.

No Mapa n. 15 a adolescente expressa bem o sentido de pertinência com a frase “meu lugar de ficar”. Não é de passagem como fala a adolescente do Mapa n. 16.



“A (nome do abrigo onde está)\* e a nossa horta que nós criemos. E nossas plantinhas, a sala onde a gente come (almoça) e assiste, nossa mesa, do nosso comer, almoçar”. (Significado do desenho do Respondente n.15, do Abrigo Feminino, 12 anos).

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 15 Sexo: Feminino. Idade: 12 anos. Escolaridade: 3ª série. Recebe Bolsa Família? Não sabe. Tempo de abrigo: 1 mês e 2 semanas.	Metafó- rico.	A (nome do abrigo onde está)* e a nossa horta que nós criemos. E nossas plantinhas, a sala onde a gente come (almoça) e assiste, nossa mesa, do nosso comer, almoçar.	Meu lugar de ficar, é melhor pra mim, bom, melhor do que estar na rua; quando eu tava na rua dava desgosto a minha mãe.	Sinto que eu tô boa, aqui não sinto vontade de fumar droga e sinto bem; me sinto em casa.	Minha casa.	O abrigo “Minha casa” é marcado pela imagem de <u>pertinência</u> pois é onde a adoles- cente se sente bem, é seu lugar de ficar, é melhor do que estar na rua onde dava desgosto a sua mãe.

(Fonte: elaboração da pesquisadora, 2008).

\* Adolescente cita o nome da instituição que foi omitido para preservar a identidade dos sujeitos.

No abrigo masculino a imagem de pertinência é expressa no Mapa n.1 por frases como “é uma família”, “é uma casa pra nós” e por sentimentos como alegria.



“Campo, a barraca, as árvores.”(Significado do desenho do Respondente n.01, do Abrigo Masculino, 17 anos).

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 01 Sexo: Masculino Idade: 17 anos. Escolaridade: 6ª série. Recebe Bolsa Família? Não. Tempo de abrigamento: 2 dias.	Cognitivo	Campo, a barraca, as árvores.	Bom, é uma família, alegre, é uma casa pra nós.	Alegria; outra pessoa; muito bem; eu gosto.	Parece uma escola: educa e ajuda.	O abrigo “Escola: educa e ajuda” é marcado por <u>pertinência</u> pois é um lugar bom, educa, ajuda e o adolescente se sente alegre e muito bem.

(Fonte: elaboração da pesquisadora, 2008).

A imagem de pertinência pode ser confirmada com o jovem Gonzaguinha, de 17 anos, que assim falou ao ser questionado sobre o que mais o marca no abrigo:

“Eu tenho ajuda dos educador, dos meus amigos, na hora que eu preciso deles eles me ajudam, o (diretor do abrigo) até o (adolescente do abrigo) me ajuda. Eu não quero mais sair daqui não mas quando eu completar 18 anos vou ter que sair daqui”.

Poucas imagens de pertinência, porém existiram algumas eleições do abrigo como família nas entrevistas. Quando foi perguntado quem era a família do (a) adolescente, alguns responderam o abrigo como família. A eleição do abrigo como família presente em falas como a de Luiz e de Cássia encontra amparo na Psicologia Ambiental, pois existe uma relação dinâmica entre pessoa e ambiente. É uma relação de afetação, pois o homem transforma e é transformado pelo ambiente. Pressupõe-se que quando os adolescentes falam que o abrigo é sua família se referem às relações interpessoais que possuem e o que recebem: “tá comigo na hora difícil”, “tá me ajudando em tudo”, “apoio”, “força”. Nas falas pode também haver o sentido de que o lugar, não mais espaço (pois foi apropriado), foi investido de significados pessoais, além de ter objetivamente a função de proteção. A proteção pode ser considerada

uma das qualidades de uma família. Os dois abrigos (a ONG e a OG) têm dimensões pequenas, são organizados à semelhança de uma casa, o que pode ter também contribuído para essa eleição do abrigo como família. Provavelmente a família está sendo, provisoriamente, substituída em algumas funções pela instituição de acolhimento, daí haver a eleição do abrigo como família. Esta eleição não gerou pertencimento nem por Luiz, nem por Cássia, que tiveram como imagem revelada no Mapa Afetivo a atração. O adolescente que suscitou a imagem de pertinência e foi entrevistado, não apontou o abrigo como sua família. Ele nomeou como família alguns dos laços consangüíneos que possui: mãe, irmãs, avó. Não foi possível entrevistar a adolescente que apresentou a imagem de pertinência porque ela havia saído do abrigo.

Os conceitos de família trazidos pelos(as) adolescentes fazem menção tanto ao grupo consangüíneo como a um grupo de pessoas eleitas, inclusive adotando o abrigo como família. Alguns conceituam família de uma forma muito afetiva, sendo um grupo de pessoas que afeta uns aos outros e está no âmbito do vivido, do experimentado, não é algo distante, passivo. Algumas falas traduzem melhor esta percepção, como a de Fagner, de 17 anos:

“Família é a gente conviver né? Tá sempre perto dela né? Mas é que eu não tô não, mas aqui é bem dizer uma família pra mim. Aqui me ajuda na maioria das vezes que eu preciso, ela me atende né? Aí isso que é uma família pra mim. Só num é minha família porque eu não tô com meus pais nem minha mãe né, mas em compensação, em outras coisas, ela é uma família pra mim”.

O relato deste adolescente traz este componente afetivo e carregado da importância que ele dá ao vivido, que é expresso com as palavras “conviver”, “ajuda”, “atende”, “sempre perto”. Porém ele faz uma ressalva cujo significado talvez seja este: o abrigo só não é completamente sua família porque não tem laços consangüíneos unindo-o às pessoas da instituição. A expressão “bem dizer”, muito comum no Ceará, quer dizer “como se” que indica proximidade quando se compara coisa ou situação. Para Fagner, portanto, o abrigo se aproxima muito do que ele considera família, se não fosse a ausência dos laços consangüíneos. A imagem presente no Mapa Afetivo deste jovem também não foi de pertinência, foi de contraste. Esta imagem pode estar presente no que parece ser uma queixa ou um lamento de Fagner por talvez não sentir uma reciprocidade de afetos em pessoas que ele considera no abrigo como irmãos.

O conceito que Fagner utilizou para família, o abrigo, se encontra distante do que Ariès (1981) escreveu sobre sentimento da família: não há intimidade entre os membros; por ser uma instituição não tem tanta privacidade e não há a figura dos pais, mas de educadores (e

Fagner esclarece que não são todos) como responsáveis pela educação e conduta dos adolescentes. Educadores sociais e não os pais biológicos de Fagner contribuíram ou tem contribuído para a educação dele. Porém, não parece que isto seja alvo de ressentimento para o adolescente. Parece que responsabiliza a si próprio e a comunidade por ter ido para abrigos. A convivência comunitária conturbada deste adolescente lhe trouxe o sofrimento da mãe, a vida em abrigos, o uso de drogas e inimigos a ponto de não poder mais retornar para casa por ameaça de morte. O abrigo talvez tenha se tornado sua outra família porque o protege. Relata na entrevista que a própria mãe prefere que ele esteja no abrigo a estar perto dela, quando há sofrimento. Será que a família de Fagner fracassou em seu papel de protegê-lo e educá-lo? Não, pelo menos não é esta a visão do adolescente que, inclusive, sente saudade e pensa nesta família. Aqui há outro exemplo da possibilidade que o abrigo tem em desligar o adolescente da família, pela distância física, e ligá-lo, pela saudade da família e sofrimento evitado com a proteção que a instituição oferece.

Outra característica que Ariès (1981) aponta como parte do sentimento da família é a privacidade e separação que a família tinha em relação à esfera pública, havia uma dimensão intocável em relação ao que acontecia no lar. Esta característica não parece se confirmar no vivido de alguns adolescentes, pois se verifica uma estreita relação entre a convivência familiar e comunitária.

Infelizmente o que se encontrou nas vidas de Fagner, Gonzaguinha e Ivan não foi uma relação potencializadora entre a convivência familiar e comunitária. O contexto comunitário como agressor contribuiu para o rompimento de laços familiares de pelo menos três meninos abrigados por ameaça de morte devido envolvimento com drogas ou por roubo. O que acontecia no contexto comunitário era levado para casa como problema enfrentado não só pelo adolescente, mas por toda família, resultando em desligamento (provavelmente temporário). E a família, na figura da mãe, se expunha à dimensão pública para tentar resolver o conflito, como relatou Fagner.

Não somente o contexto comunitário foi o agressor na vida destes (as) jovens, mas alguns enumeram queixas ou violações que sofreram em suas famílias de origem. Bethânia (passou por muitas situações ruins, não queria voltar a morar com o pai), Cássia (faltou diálogo entre ela e a mãe), Guilherme (pai parece que optou pela madrasta do jovem, pois ainda existe distanciamento entre pai e filho), Luiz (família não percebia que precisava de um tratamento para deixar de usar drogas), Marisa (mãe e padrasto a obrigavam a ir para rua vender bombom), Rita (tentativa de abuso sexual pelo pai) são pessoas que foram abrigadas principalmente por causa das figuras paterna e materna. Talvez os motivos para estarem

abrigados, por ameaça ou violação de direitos por parte das famílias, gere baixo sentimento de pertencimento dos(as) adolescentes em relação ao abrigo. Estar em um ambiente devido uma violência sofrida pode gerar no sujeito em relação ao abrigo a ambivalência de proteção e não pertencimento.

Uso de drogas por parte dos adolescentes ou de seus familiares, situação de rua, ameaça, conflitos familiares foram alguns dos motivos para a colocação em abrigo destes adolescentes pesquisados (ver quadros 3 e 7 em anexo). Não corresponde, portanto, às estatísticas de Silva, Mello e Aquino (2004), amparadas na pesquisa Levantamento Nacional de Abrigos para Crianças e Adolescentes da Rede de Serviço de Atenção Continuada (SAC) do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome que revelam que dentre os principais motivos para crianças e adolescentes estarem em abrigos, a pobreza está em primeiro lugar com 24,1%.

A pobreza não surge claramente como motivo da quebra ou fragilização dos laços, pois apenas um adolescente, Ivan, de 16 anos, relata problemas quanto à falta de dinheiro e do que comer em casa. Ivan, falando das necessidades que sua família enfrentava, expõe a humilhação que a mãe passava por assumir trabalhos considerados por ele como indignos (lavava roupa de pessoas), certamente para pôr comida em casa para os filhos. Isso incomodava Ivan. Talvez o incômodo do adolescente não era pelo trabalho em si, mas pela forma como a mãe era tratada ao realizar estas atividades: inferior, subalterna, excluída, caracterizando o sofrimento ético-político, segundo expõe Sawaia (2001).

Outro que parece ter vivido esta forma de sofrimento foi Gonzaguinha que fez uma espécie de juramento para si de crescimento, de superação quando promete mostrar a quem não acreditou nele, o humilhou que era capaz de viver, talvez resistir a muitas dificuldades e chegar vivo aos dezoito anos.

Até a resistência por viver fica desacreditada quando os problemas ou os sofrimentos são muitos. É necessário, então, como disse Sawaia (1999), combater o sofrimento ético-político com a potência de ação. Combater para transformar. Transformar a humilhação em dignidade, respeito. E Luiz dá o tom desta transformação: resistência, força para superar.

“[...] porque a vida pra mim é cheia de barreira. Todo dia a gente tem que enfrentar uma barreira na vida da gente, se a gente não for bastante forte não vai conseguir”.

Os motivos que de fato levaram os jovens ao abrigamento seriam apenas um dos enfoques das dificuldades das famílias, pois teriam como coadjuvantes a pouca assistência e acesso a bens e serviços públicos. Baseando-me tanto no Estatuto como nas falas dos(as)

adolescentes, acredito que as famílias não são as únicas responsáveis pelo desligamento físico entre adolescentes e contexto familiar. A imagem de atração, tão presente nos mapas, faz crer que as políticas sociais básicas e as de assistência social não estão alcançando estas famílias que terminam por acionar a política de proteção especial, que deveria ser efetivada em caráter emergencial e excepcional para garantir proteção. Ir para um abrigo foi a solução encontrada por alguns jovens e suas famílias, mas sempre fica a questão se outras alternativas não foram tentadas.

“Uma coisa que afasta muito a família da gente é as drogas”. Esta fala de Luiz certamente ecoaria para a maioria dos adolescentes entrevistados, exceto para Guilherme que relatou não ter feito uso de drogas. As drogas não afastam só o(a) adolescente da família, contribui para a exclusão social, para a inclusão em guetos alvos de preconceitos e discriminações. Alguns adolescentes foram para o abrigo por usarem drogas, outros foram para a instituição porque os pais abusavam de álcool ou drogas. E como disse a adolescente Cássia, o problema do uso de drogas não se ampara em uma questão moral, mas de foco objetivo porque o consumo excessivo traz consigo problemas para outras áreas da vida de um indivíduo, como o desinteresse pela escola. Na coleta de dados ela disse que estava fazendo um tratamento no Centro de Atenção Psicossocial com enfoque no uso de Álcool e Drogas (Caps AD) e no Núcleo de Redução de Danos (Nupred).

Muitos destes jovens antes de irem para o abrigo tiveram a rua como alternativa talvez de sobrevivência, acolhimento e proteção, mas também é o lugar onde mais tem acesso para usar drogas. Passaram por isso Fagner, Gonzaguinha, Cássia e Marisa. Alguns adolescentes relataram ter tentado a casa de algum amigo ou parente, antes de ser abrigado, o que já é uma alternativa mais qualificada para a institucionalização e para a vivência em rua.

As vivências na rua não são potencializadoras conforme descrevem os(as) adolescentes. Desde a ruptura entre público e privado, o primeiro tornou-se muito pouco amistoso. A expressão “menino de rua” exemplifica o teor pejorativo que a rua, o espaço público possui. Em tempos de privatizações e sucateamento do Estado brasileiro é notório o descaso com o que é público e coletivo. Desta forma, a rua, como espaço público, é ocupada principalmente por quem não tem espaços privados ou coletivos de qualidade para desfrutar. O abrigo parece ser um lugar que não é tão público como a rua e nem é tão particular como uma casa. Talvez a instituição seja o “meio termo” entre estes extremos, o que, certamente, não gera pertencimento.

Sair de certas famílias que violam ou ameaçam direitos para viver na rua contribui para estranhar as muitas regras que uma instituição de acolhimento possui quando

adolescentes se submetem a uma medida de proteção. Para quatro dos meninos pesquisados as regras do abrigo chamam atenção pelo limite que impõem: de horários, de locomoção pela cidade, de poder ir ou não a determinadas atividades ou eventos. Apesar de, em certa medida, as regras da instituição serem medidas antipáticas, fazem parte também de estratégias de proteção que acabam beneficiando o (a) adolescente. As regras também demarcam a esfera institucional em que estão envolvidos, o que diferencia da casa que também tem suas regras, mas não costumam ser impostas, mas construídas pelos moradores. No Mapa Afetivo n. 13, o adolescente deixa claro este contraponto entre abrigo e casa em sua metáfora: “Minha casa: às vezes sim e outras não. Na minha casa eu posso entrar a hora que eu quiser e no abrigo não porque tem regras”. Esta marca institucional das regras também não contribui para suscitar a imagem de pertinência, mas ao mesmo tempo é o limite necessário para a proteção de quem está em situação de risco.

Durante o período de coleta de dados foi possível perceber o quanto é difícil o trabalho dos profissionais com as meninas especificamente<sup>25</sup>. Elas parecem que tem menos limite que os meninos, não são tão educadas e hospitaleiras como os adolescentes, talvez porque tenham menos tempo de vivência institucional, onde geralmente aprendem a polidez nas relações. O fator tempo de institucionalização pode influenciar na aprendizagem de novos comportamentos e contribuir no nível de pertencimento.

O tempo de abrigamento para os meninos é muito superior ao das meninas. Isto foi perceptível não só pela informação dada por cada um deles, mas também percebida no período de coleta de dados. Algumas meninas já haviam se desligado do abrigo, tinham voltado para a família ou até pedido transferência de instituição quando os Mapas Afetivos e entrevistas foram aplicados. Isto não foi observado durante a coleta de dados no abrigo masculino. A menina que participou desta pesquisa com maior tempo de abrigamento tinha 7 (sete) meses (Mapa n. 20), enquanto que o menino com maior tempo tinha 1 (um) ano e 7 (sete) meses (Mapa n.6). Nenhum destes dois apresentou imagem de pertinência, o que se pode deduzir que talvez o peso de tanto tempo de institucionalização faça com que o (a) jovem sinta que aquele lugar realmente não é seu, é um espaço institucional ao qual o (a) adolescente está usufruindo por um tempo.

Um longo período de institucionalização para as meninas parece maximizar ainda mais a vulnerabilidade social a que estão expostas porque estar longe de casa e da família para

---

<sup>25</sup> No diário de campo está registrado que uma das meninas (que inclusive a pesquisadora queria entrevistar) passou certa manhã dormindo, nem tomou café e ficou fazendo confusão por todo o abrigo, xingando pessoas e fazendo só o que queria.



a mulher ainda é culturalmente percebido como um abandono, desprezo da adolescente por parte da família. Já para o menino, o sair de casa, mesmo em situações conflituosas, talvez seja sinônimo de independência, autonomia. Como se o “lugar” da mulher fosse em casa e do homem fosse na rua. Abaixo a fala de uma menina que se colocou no Mapa Afetivo (n. 20) e, logo após, um menino se expressou na entrevista (Gonzaguinha).

“Ótimo, mas eu queria sair do abrigo sendo bem recebida em casa e nunca mais voltar pro abrigo [...]”.

“[...] Eu não quero mais sair daqui não mas quando eu completar 18 anos vou ter que sair daqui”.

Luiz usa a expressão “peixe fora d’água” para dizer como se sente em alguns momentos no abrigo. Se o peixe está fora da água ele não está em casa!

Para alguns sujeitos, a casa é realmente o primeiro lugar para ficar e o abrigo é o segundo. Na casa se fica (como se expressou o jovem no Mapa n. 6) e no abrigo se passa (como se colocou a menina que comparou o abrigo a uma ponte no Mapa n.16). Se o abrigo é um lugar passageiro não gera pertencimento. Esta é uma lógica pensada pelo Estatuto (BRASIL, 1990b) e pela política do Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (BRASIL, 2006b). Que bom que estes jovens estão em consonância com o que é proposto para eles! Ou o contrário também pode ser afirmado: que bom que algumas políticas públicas e leis estão em consonância com o que querem alguns adolescentes!

Dois dos adolescentes relataram que tinham uma vida muito confortável e viviam bem com suas famílias: Cássia e Luiz. Apesar de apontarem queixas de suas famílias tomam para si a responsabilidade por terem saído do convívio familiar. Justificam a estada nos abrigos por uso de drogas. E por que trocar uma vida confortável por uma vida em abrigo ou na rua? Será que a resposta para esta questão encontra-se nesta fala de Luiz?

“Lá tinha a tentação pra mim conseguir usar droga, precisava de um tratamento, ninguém tava enxergando isso: que eu precisava de um tratamento, eles pensavam que botar eu dentro de uma casa pra me dar comida e tudo, isso era o suficiente mas não”.

“Casa, comida e tudo” não foi suficiente para este adolescente, talvez ele tenha procurado ser mais enxergado em suas necessidades e não encontrou esta visibilidade em sua família e nem no contexto comunitário que o inclinava a usar drogas. Assim como Cássia, Luiz também parece que foi muito protegido por sua família, pois relata que sua vida era restrita a ir para igreja e ficar em sua casa. Em meio a esta proteção Cássia lamenta ter sido privada de uma relação dialógica com suas mães. Relatos como estes remetem ao que Sawaia

(2004) defende com relação ao que geralmente se denomina por necessidade básica: não são as de sobrevivência biológica. Estes jovens falam de necessidades afetivas, relacionais, éticas com o outro e este outro era sua família de origem.

Giuliani (2004) afirma que o laço de apego permanece entre pessoas e entre pessoas e ambientes por prolongado período de tempo. Provavelmente o tipo de apego que existe entre muitos adolescentes e o abrigo onde estão, é o que autora denomina de apego ao local pelas necessidades que ele supre, que no caso dos (as) adolescentes abrigados(as) são carências de segurança, proteção, oportunidades. E são necessidades para além das ditas básicas, de sobrevivência fisiológica.

No registro do diário de campo e na coleta de dados foi possível perceber que, apesar dos abrigos não gerarem pertencimento, geram apropriação (identificação e ação transformação). O abrigo transforma-se de espaço para lugar porque é investido de sentido dado pelo sujeito, sentidos apreendidos pelos Mapas Afetivos. Os jovens se apropriam do ambiente institucional porque o modifica; investem nos abrigos através de fotos e colagens de artistas nos quartos, ajudam a limpar e arrumar, dentre outras atividades.

Nos dois abrigos são os (as) adolescentes que cuidam do ambiente institucional, embora existam alguns funcionários para complementar os cuidados com a estrutura. Apesar deste cuidado, a imagem de agradabilidade não se mostrou na análise geral dos Mapas Afetivos, porém pode ser vislumbrada por meio dos desenhos e nomeação de lugares que mais gostam e menos gostam em cada um dos abrigos (há quadros em anexo destes dados). Os desenhos dos meninos têm em comum a presença do nome do abrigo (talvez seja uma marca da institucionalização), o circo (talvez a atração principal), plantinhas e árvores. No abrigo masculino aparece o campo de futebol citado por um dos meninos como lugar que mais gosta no abrigo. Campo também aparece no questionário de outro adolescente como o lugar que menos gosta. Além do campo, outro espaço livre como terreno é citado como lugar que menos gosta. O próprio circo citado e desenhado pelos adolescentes não tem a lona colorida que suscita um encantamento próprio deste ambiente. A oficina de circo acontece em um grande galpão dentro do abrigo. Provavelmente a agradabilidade no abrigo masculino não é marcante.

A imagem de agradabilidade no abrigo masculino fica comprometida pelo conteúdo da fala de Fagner em relação à estrutura do abrigo. Ele reclama do calor, que não fica muito acomodado e que a instituição precisa de uma nova construção. O adolescente do Mapa n. 8, na questão referente ao que poderia melhorar no abrigo (ver quadro n. 2 em anexo), pede uma reforma. A menina do Mapa Afetivo n. 16, nesta mesma questão, aponta a estrutura do abrigo (quadro n. 6 em anexo).

Nos desenhos de algumas meninas há a presença da televisão, talvez utilizado como recurso pedagógico em alguns momentos, como colocou a adolescente do Mapa 20: “Porque às vezes os filmes que os educadores trazem são filmes que é parecido com o caso de algumas adolescentes até mesmo meu caso.” Ferramenta de identificação também. Em outros desenhos encontram-se casas e plantinhas, árvores e na questão sobre que lugar mais gostam no abrigo algumas adolescentes apontaram a horta e o quintal, o que talvez defina uma agradabilidade um pouco mais clara na instituição feminina.

É possível pensar sobre a inexistência da imagem de agradabilidade nos abrigos para os (as) adolescentes. Esta imagem é caracterizada por aspectos do lugar ligados à estrutura física, a beleza do ambiente, ao conforto e prazer que ele proporciona. Os dois abrigos tem árvores, plantas, sombra para jogar futebol ou vôlei, por exemplo. No entanto, possuem uma estrutura física já envelhecida, precisando de reparos como pinturas e novos móveis. As duas instituições sustentam-se financeiramente com recursos públicos. Pode-se, então, pressupor que os recursos são poucos para muitos gastos. No caso da estrutura física a ser melhorada (para propiciar uma maior agradabilidade para os usuários) pode ser considerada como uma necessidade secundária em comparação a outras (alimentação, pagamento de profissionais, por exemplo).

Por meio da pergunta sobre que caminho percorre quando sai do abrigo (mas para ele volta) foi possível perceber que os jovens transitam pela cidade com certa frequência, embora não sejam liberados sempre. Alguns jovens apontaram passeios, maior liberação como aspectos que poderiam melhorar nos abrigos em que estavam. É uma convivência comunitária sendo assegurada.

## **7.2 Análise estatística complementar dos Mapas Afetivos**

A partir do cálculo do escore médio das imagens foi feita uma análise estatística complementar. O escore médio das imagens constou da média extraída das notas atribuídas pelos (as) adolescentes a cada questão que se referiam às imagens (agradabilidade, pertinência, atração e contraste). As notas de cada imagem foram somadas e divididas por quatro que é o número de imagens expostas como provocação para os sujeitos.

Foi possível observar que a análise estatística complementar reforçou os resultados da análise dos Mapas Afetivos: a imagem de atração preponderou entre os dez adolescentes que responderam à escala Likert reelaborada.

O Gráfico n.1 mostra que o maior escore médio das questões da escala Likert foi àquele referente às perguntas com conteúdos relacionados à imagem de atração (escore médio igual a cinco). Os demais escores também foram relativamente altos, mas ficaram com arredondamento de casas decimais, com um escore a menos que aquele, na escala de zero a cinco (0 a 5).

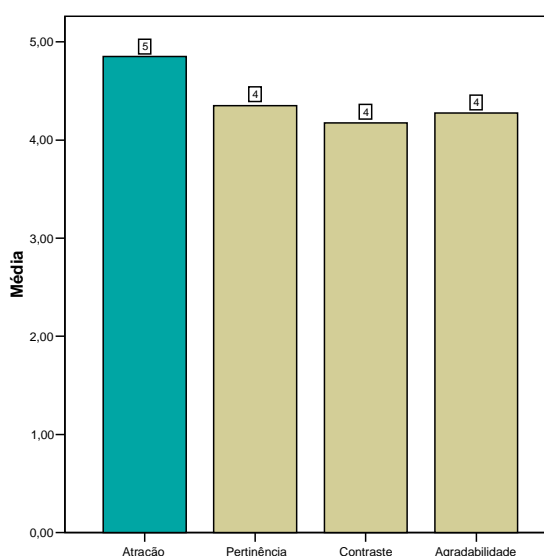


Gráfico n.1 - Escore médio das imagens surgidas na Escala Likert pelos(as) adolescentes abrigados(as).  
(Fonte: elaboração da pesquisadora, 2008).

O escore médio da imagem de atração das adolescentes foi significativamente maior que o de adolescentes do sexo masculino ( $t=2,96$ ;  $gl=8$ ;  $p=0,02$ ). O quadro abaixo mostra este resultado:

	Sexo	N	Média	Desvio padrão
Atração	Masculino	3	4,6000	,14000
	Feminino	7	4,9000	,12000
Pertinência	Masculino	3	4,3000	,52000
	Feminino	7	4,3000	,56000
Contraste	Masculino	3	4,0000	1,10000
	Feminino	7	4,2000	,76000
Agradabilidade	Masculino	3	4,0000	1,04000
	Feminino	7	4,4000	,93000

Atração: T=2,96; gl=8; p=0,02.

Quadro n.2 - Escore médio de imagens por sexo de adolescentes abrigados.  
(Fonte: elaboração da pesquisadora, 2008).

Uma vez provocadas, as meninas responderam com maior frequência às frases relacionadas à atração, o que se pode pensar em uma mudança cultural absorvida por este público quanto aos papéis que homens e mulheres desempenham na sociedade contemporânea brasileira. Em busca de maior espaço nesta sociedade a mulher, a cada dia mais, se reafirma nos espaços do trabalho, da educação, da família e, por isso, busca mais oportunidades e atrações. Os meninos também aspiram por oportunidades, mas as meninas, estatisticamente, talvez busquem mais para tentar amenizar o impacto de uma sociedade ainda machista.

Esta imagem de atração apareceu em oito Mapas, algumas vezes aliada a outras imagens, como a de agradabilidade nos Mapas n. 12, 17, 18 e 19, ou mesmo a contraste (Mapas 16 e 17) e pertinência (Mapas 14 e 19). O quadro abaixo mostra estas combinações que apareceram na escala Likert, ao serem efetuadas as médias, e demonstra também as imagens que surgiram na análise do questionário do Mapa Afetivo.

Mapa	Imagem (Escala Likert)	Imagem (Questionário)
12	atração e agradabilidade	atração
13	contraste	contraste
14	atração e pertinência	atração
15	pertinência e agradabilidade	pertinência
16	atração e contraste	atração
17	atração, contraste e agradabilidade	contraste
18	atração e agradabilidade	atração
19	atração, pertinência e agradabilidade	atração
20	atração	contraste
21	atração	contraste

Quadro n.3 - Imagens de adolescentes abrigados, advindas da escala Likert e do questionário do mapas afetivos.  
(Fonte: elaboração da pesquisadora, 2008).

As imagens de atração e agradabilidade combinadas refletem uma estima positiva que estes adolescentes têm pelo lugar onde residem. O Mapa n. 14 também apresenta imagens de estima positiva: atração e pertinência. Neste Mapa as frases que remetem à imagem de contraste recebem notas baixas, o que aponta para uma estima positiva pelo jovem ao ambiente.

Com o estímulo das frases da escala Likert, a imagem de agradabilidade, que não apareceu nas imagens dos Mapas Afetivos, foi observada nas respostas de cinco sujeitos do estudo, como mostra o quadro acima. Agradabilidade foi admitida em alguns Mapas na análise estatística complementar, o que demonstra, talvez, que as plantinhas, horta e áreas de lazer façam alguma diferença no cotidiano destes jovens nos abrigos. A estrutura física é realmente simples e um pouco precária nas duas instituições, mas muitos jovens valorizam ter um quarto, ter uma casa onde ficar com mais qualidade.

No Mapa n. 13 tanto na análise geral dos Mapas quanto na complementar se fez presente a imagem de contraste. O adolescente considera como verdadeira frases de cunho atrativo (dá nota cinco para a frase “O abrigo é um lugar de oportunidades”), dá nota zero para frases ligadas ao pertencimento (“O abrigo é um lugar onde me sinto em casa”) e frases de contraste como “O abrigo é um lugar bom mas é ruim porque estou longe de casa” recebem notas altas. O abrigo para este jovem pode ter um aspecto positivo ligado às atrações e pode ter um aspecto negativo ligado à distância que está de casa e da família. Parece remeter à derivação da imagem de contraste: o refúgio.

Há no Mapa 15 imagens de estima positiva pelo lugar: pertinência e agradabilidade. Esta adolescente ficou pouco tempo no abrigo e nem foi possível fazer a entrevista com ela porque, no retorno para a continuação do trabalho, a jovem havia ido embora para outro abrigo. Acredito, portanto, que a imagem de pertinência esteja atrelada ao pouco contato com a institucionalização e seus danos.

Abaixo segue um gráfico que relaciona a imagem de pertinência com o tempo de abrigamento destes dez sujeitos que responderam à escala Likert reelaborada.

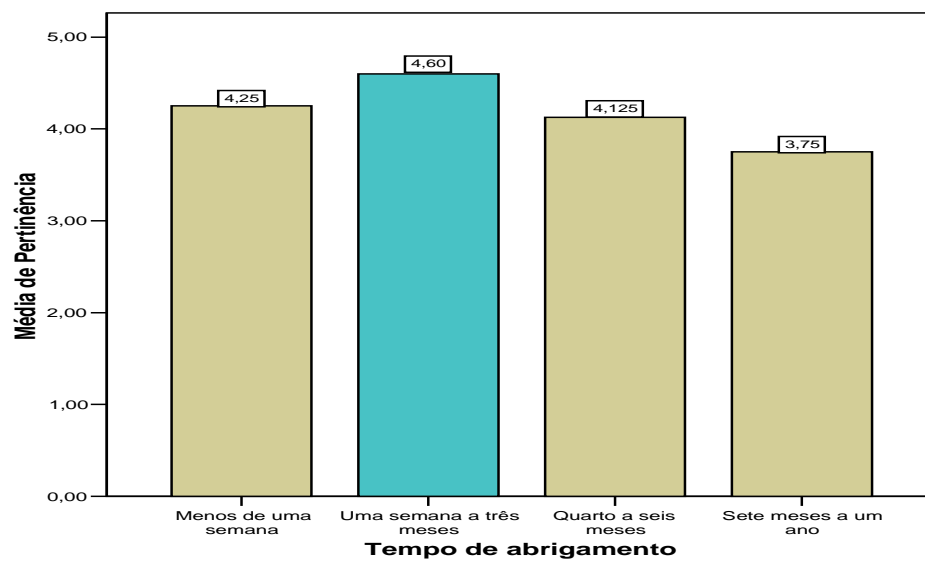


Gráfico n.2 - Escore médio da imagem de pertinência por tempo de abrigo dos(as) adolescentes.  
(Fonte: elaboração da pesquisadora, 2008).

É possível verificar que há um decréscimo do sentimento de pertinência à medida que aumenta o tempo de abrigo, excetuando-se o período de uma semana a três meses, o auge da pertinência. Talvez este período seja de adaptação que o(a) adolescente possui, pois se defronta com um novo espaço para estar, onde há proteção, oportunidades e cuidados básicos. Após este período é possível que o indivíduo sinta o peso da institucionalização, a despersonalização que há na experiência em instituições. Houve um considerável nível de pertinência em mapas cujos respondentes estavam abrigados entre quatro dias e dois meses. Estavam dentro da média de tempo de abrigo que é de uma semana a três meses. No entanto, como a amostra é pequena não é possível dizer que os números sejam estatisticamente expressíveis. Porém, a análise complementar parece confirmar uma suspeita que tenho em associar o sentimento de pertencimento ao breve período de institucionalização, pois é um tanto difícil sentir como seu uma instituição, um lugar que deve ser provisório e que acolhe outras pessoas sem se preocupar, necessariamente, em tratá-las de forma individual, personalizada, idiossincrática.

O Mapa n. 16 apresentou na escala Likert as imagens de atração e contraste. Embora a primeira imagem seja de estima positiva e a segunda de negativa, é possível haver uma combinação entre elas. O aspecto positivo do contraste pode ser a atração que o abrigo proporciona. O aspecto negativo pode encontrar-se no baixo nível de agradabilidade presente em frases como “O abrigo é um lugar bom em termos de estrutura física” que recebeu nota zero, ou seja, é uma frase considerada falsa para a adolescente.

O Mapa n. 17 revelou as imagens de atração, contraste e agradabilidade. A única imagem ausente é a de pertinência, pois a frase “O abrigo é melhor do que minha casa”, que se remete à pertinência, foi a única que a adolescente marcou nota um. As demais frases receberam nota cinco, o que indica um baixo nível de pertencimento que a jovem sente pelo abrigo. Talvez tenha sido uma frase que lhe chamou atenção e quis assegurar que estava respondendo com mais segurança.

Nota cinco foi dada pela jovem do Mapa n. 19 para quase todas as frases, com exceção da que dizia “O abrigo é um lugar bom, mas é ruim porque estou longe de casa”. Indicava contraste e recebeu nota três. Esta jovem parece expressar uma estima positiva pelo abrigo, pois na escala Likert apareceram as três imagens que remetem à estima positiva: atração, pertinência e agradabilidade.

A Tabela n. 5 compara a média das imagens de estima positiva (soma das médias das imagens de atração, pertinência e agradabilidade divididas por três) com a estima negativa (média da imagem de contraste). Nela é possível verificar diferenças individuais e destaca-se o Mapa n.13 que possui uma estima negativa mais evidente que a positiva. O componente negativo presente no contraste pode estar ligado a uma afetividade não potencializadora do sujeito em relação ao abrigo, pois o respondente deste Mapa foi institucionalizado por ameaça de morte e por estar na rua, situações que o separaram de sua família.



Nº do sujeito		Estima positiva	Contraste
12	Média	4,6667	4,5000
	Desvio padrão	.	.
13	Média	3,6667	4,7500
	Desvio padrão	.	.
14	Média	4,5833	2,7500
	Desvio padrão	.	.
15	Média	4,9167	2,7500
	Desvio padrão	.	.
16	Média	3,8333	4,7500
	Desvio padrão	.	.
17	Média	4,6667	5,0000
	Desvio padrão	.	.
18	Média	4,5833	3,7500
	Desvio padrão	.	.
19	Média	5,0000	4,5000
	Desvio padrão	.	.
20	Média	4,2500	4,5000
	Desvio padrão	.	.
21	Média	4,7500	4,5000
	Desvio padrão	.	.
Total	Média	4,4917	4,1750
	Desvio padrão	,44175	,81692

Tabela n.5 - Escores da Estima Positiva e Negativa (Contraste) de adolescentes abrigados, advindas da escala Likert.  
(Fonte: elaboração da pesquisadora, 2008).

Já no Gráfico n.3, que analisa o grupo dos dez sujeitos, a relação da estima positiva que cada adolescente tem para com o abrigo se encontra estatisticamente quase igual à estima negativa. Isto repercute na forma como os (as) jovens experimentam o abrigo onde estão. Parece não haver nem um apego muito grande deste grupo de adolescentes em relação aos abrigos, mas também não há grande rejeição ao lugar onde se encontram.

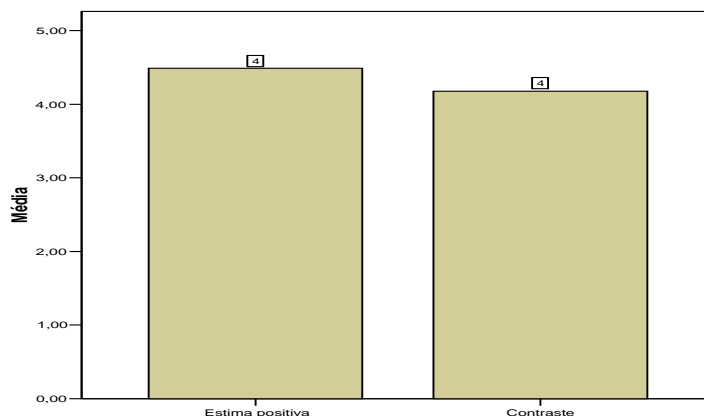


Gráfico 3 - Escore médio das imagens surgidas na Escala Likert com Estima Positiva e Imagem de Contraste (Estima Negativa).  
(Fonte: elaboração da pesquisadora, 2008).

Na Tabela n.6, abaixo, verifica-se que a estima positiva pelo ambiente diminui à medida que o tempo de institucionalização aumenta, com exceção do período de uma semana a três meses. Com o passar do tempo no abrigo, a imagem de contraste se evidencia mais. O resultado deste gráfico assemelha-se à relação entre pertinência (estima positiva) e tempo de abrigo.

Tempo de abrigo		Estima positiva	Contraste
Menos de uma semana	Média	4,1000	3,7000
	n	2	2
	Desvio padrão	,64818	1,41421
Uma semana a três meses	Média	4,6300	4,3000
	n	5	5
	Desvio padrão	,46622	,89093
Quarto a seis meses	Média	4,6000	4,1000
	n	2	2
	Desvio padrão	,05893	,53033
Sete meses a um ano	Média	4,3000	4,5000
	n	1	1
	Desvio padrão	.	.
Total	Média	4,4000	4,2000
	n	10	10
	Desvio padrão	,44175	,81692

Tabela n.6 - Escores da Estima Positiva e Negativa (contraste), conforme Tempo de Abrigo de Adolescentes.  
(Fonte: elaboração da pesquisadora, 2008).

Apenas os Mapas 20 e 21 não tiveram a imagem confirmada pela escala Likert. Em ambos os casos a escala apontou a imagem de atração e a imagem do questionário como um todo foi de contraste. A atração pode ser a esfera positiva que a imagem de contraste carrega.

A atração foi realmente a mais presente das imagens. É possível novamente confirmar que os abrigos funcionam como mediadores, por meio das oportunidades que contribuem para o (a) jovem se lançar no mundo fora do abrigo e construir uma auto-estima mais fortalecida. A imagem de contraste também apareceu para reafirmar que a vida em abrigos não é fácil, há aspectos bons e ruins na experiência de muitos jovens. Um dos aspectos não potencializadores são as marcas da institucionalização mais presentes à medida que mais tempo permanecem na instituição, não gerando pertinência. Pode-se afirmar que por mais que o abrigo seja estruturado à semelhança de uma casa, conforme padroniza o Plano Nacional de Promoção, Defesa e Garantia do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (2006), não é sentido como a casa dos (as) adolescentes institucionalizados, e quanto mais tempo passam no abrigo menos tem o sentimento de pertinência, talvez mais se afastem da família de origem e tenha seus laços desligados definitivamente. A convivência familiar e comunitária deve ser, portanto, assegurada fora dos muros institucionais, com a contribuição dos abrigos para o retorno à família de origem, com seu contexto modificado e assistida por políticas públicas eficientes, ou encaminhamento à família substituta.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS: TOCANDO EM FRENTE PELOS CAMINHOS DO CORAÇÃO

Artigo Final.

Fica proibido o uso da palavra liberdade, a qual será suprimida dos dicionários e do pântano enganoso das bocas.

A partir deste instante a liberdade será algo vivo e transparente, como um fogo ou um rio, e a sua **morada** será sempre o **coração do homem**.

Os Estatutos do Homem  
Thiago de Mello

Na intensa caminhada deste trabalho procurei conhecer os laços afetivos que poderiam ligar e desligar adolescentes abrigados e o ambiente institucional onde se encontravam, assim como os laços afetivos destes (as) adolescentes e suas famílias de origem. Dirigir-se aos afetos foi uma possibilidade de vislumbrar se o direito à convivência familiar e comunitária estava sendo efetivado de uma maneira potencializadora.

A realidade e as vidas dos (as) adolescentes surpreenderam e tornaram mais complexos os objetivos desta pesquisa. Foi possível perceber que mesmo com a distância física e a continuação do indivíduo na instituição os laços afetivos continuavam presentes, talvez até mais fortalecidos do que no anterior convívio do (a) adolescente com a família. Os abrigos proporcionavam uma convivência familiar por meio de visitas e telefonemas, mas também contribuíam para a proteção e resguardo da vida de muitos dos (as) abrigados (as), proteção esta não fornecida pela família e comunidade. Estar longe de perigos advindos das ruas e da comunidade de origem gerava em algumas famílias um alívio e mesmo com a distância física entre adolescentes e famílias, a proteção assegurada pelo abrigo unia estes laços. Portanto, mesmo desligados fisicamente, adolescente e família estavam ligados afetivamente.

Esta proteção fornecida pela instituição marcou uma nova imagem apreendida na análise dos Mapas Afetivos, a de refúgio, como derivação da imagem contraste. O abrigo era um espaço de acolhimento para os momentos de risco de vida e que poderiam usufruir o tempo necessário até que a situação de vulnerabilidade se extinguisse ou fosse anemizada. O abrigo era um espaço de socorro, de amparo, inclusive quando a própria família era a agressora dos direitos dos (as) adolescentes. A proteção era conseguida, porém os laços familiares continuavam presentes por meio do desejo de retorno à família de origem, tendo esta que efetivar as mudanças necessárias para novamente receber o (a) adolescente. Os (as)

jovens não queriam ficar indefinidamente na instituição, queriam voltar para casa, pois o abrigo não era sentido como casa. As marcas da institucionalização não permitiam que os indivíduos abrigados sentissem apego e pertinência pelo ambiente abrigo.

Uma vez no abrigo, os indivíduos usufruíam não somente da medida de proteção, mas também dos cursos, educação, oficinas. A imagem de atração preponderou entre os (as) adolescentes por meio das oportunidades que tiveram enquanto estavam abrigados. Assim como a proteção, as oportunidades também não estiveram presentes enquanto conviviam com a família. Oferecendo estes dois aspectos, proteção e atrações, o abrigo se destacou como um mediador entre o (a) jovem e a família, e entre o (a) mesmo (a) e o mundo do trabalho, dos sonhos, de oportunidades que poderiam levá-los(as) a uma vida melhor. O abrigo tornou-se a “ponte” para religar ou fortalecer os laços afetivos entre adolescente e família e para encaminhá-los a oportunidades que talvez nem vislumbrassem enquanto estavam com a família de origem.

A mediação vislumbrada nos abrigos pesquisados é uma característica bastante pertinente a real função que a instituição de acolhimento deve ter, segundo prevêm o Estatuto (BRASIL, 1990b) e o Plano Nacional (BRASIL, 2006b). Uma vez que seja preciso o abrigamento, a instituição não pode contribuir para o desligamento dos laços afetivos entre adolescentes e família de origem. Deve, no entanto, garantir o direito à convivência familiar e comunitária, seja na família de origem ou substituta se aliando a outros órgãos que compõem a Rede de Proteção à Infância e Juventude de seu contexto. Quando a institucionalização ocorre é necessário que a brevidade exigida pelo Estatuto seja obedecida, pois, como visto neste trabalho, um longo período de abrigamento não gera pertinência, não se associa a uma estima positiva pelo ambiente e ainda contribui para o desligamento entre jovens e famílias. Neste sentido, reforço o que já prevê a lei e algumas políticas, ou seja, que as instituições de acolhimento respeitem os princípios da medida de proteção de abrigamento que tem caráter excepcional, de última instância e provisório.

Recai grande responsabilidade das faltas (de proteção e de oportunidades) no próprio grupo familiar, mas principalmente no Estado, enquanto entidade responsável por políticas básicas, de assistência e de proteção. Inadmissível é para o Governo fornecer direitos básicos, como educação e segurança, somente quando os indivíduos se colocam em risco. O que pode ser sugerido a partir do que foi compreendido nesta pesquisa é que o Estado efetive plenamente os direitos de crianças, adolescentes e suas famílias, que estas possam dignamente cuidar e proteger seus adolescentes e oferecer-lhes o que precisam para crescimento pleno e potencializador; que não seja mais necessário ao sujeito estar em situação de vulnerabilidade

para ter acesso a direitos básicos como a convivência familiar e comunitária. Antes do abrigo, os adolescentes precisam encontrar na família e na comunidade em que vivem as atrações, oportunidades e proteção para serem eles (elas) mesmos (as) mediadores(as) de suas próprias vidas.

Afetos puderam indicar que há esforços das duas instituições de acolhimento pesquisadas em efetivar o direito à convivência familiar e comunitária. É possível dizer que os afetos apreendidos falam de abrigos que são como ponte para este direito e oportunidades na vida, mas também alertam para que políticas sociais sejam asseguradas sem a mediação dos muros de instituições de acolhimento.

Tocando em frente pelos caminhos do coração, parodiando as duas músicas usadas para ilustrar e embelezar a dissertação (Tocando em frente, cantada por Bethânia, e Caminhos do Coração, por Gonzaguinha), quer dizer prosseguir na militância com e pela criança e adolescente; prosseguir levando em consideração a afetividade, não mais colocando em segundo plano ou descartando os afetos que ligam e desligam pessoas e vidas, afetos que tocam e movem as pessoas, principalmente quem se encontra fragilizado. Terminar este trabalho faz com que eu ganhe uma tarefa, um compromisso de expor o que vi, ouvi e senti neste contato com adolescentes abrigados para contribuir na transformação desta realidade vista a fim de alcançar o que diz o poeta: que a liberdade seja algo vivo e transparente, e sua casa seja o coração do homem.

## 9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Guilherme. **20 músicas do século XX**. Millennium. Universal Music. Rio de Janeiro, [s/d]. N.538 205-2.

ARENDT, Hannah, **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1991.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BLANCO, A. Hacia una Epistemologia Psicosocial Latino Americana: El Realismo Crítico de Ignacio Martín Baró. In: CANIATO, A. M.; TOMANIK, E. (Orgs.) **Compromiso social de la psicología**. Porto Alegre: ABRAPSO, 2001.

BETHÂNIA, Maria. **Tocando em frente**. Música de Almir Sater. Disponível em: <[http://vagalume.uol.com.br/maria-bethania/tocando-em-frente-\(cifrada\).html](http://vagalume.uol.com.br/maria-bethania/tocando-em-frente-(cifrada).html)>. Acesso em: 23 set. 2007.

BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (orgs). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. São Paulo: Cortez, 2002.

BOMFIM, Z. Á. C.. **Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo**. Tese de Doutorado. PUC: SP, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990a.

BRASIL. **Lei n. 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: DOU, 1990b.

BRASIL. **Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) n. 8742**, de 07 de dezembro de 1993. Dispõe sobre a Organização da Assistência Social e dá outras providências. Brasília, DF: DOU, 1993.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Bolsa família**: agenda de compromissos da família. Brasília, DF: DOU, 2006a.

BRASIL. **Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária**. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Brasília/ DF: DOU, 2006b.

BUBER, Martin. **Sobre comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CALDEIRA, Maria; SÀ, Lurdes; GONÇALVES, Edite. **Estudo de caso**. Mestrado em Educação, Supervisão e Orientação Pedagógica. DEFCUL. Metodologia e Investigação. 2005. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/editemcaldeialurdesestcaso.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2007.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org). O lugar da família na política social. In: **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/ Cortez, 2003.

CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA (1989). Adotada e aberta à assinatura, ratificação e adesão pela resolução n. 44/25 da Assembléia Geral das Nações Unidas, de 20 de Novembro de 1989.

CORRALIZA, J.A. Emoción y ambiente. In: ARAGONÉS, J.I.; AMÉRIGO, M. **Psicologia ambiental**. Madrid: Pirâmide, 1998.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

CRUZ, LÍlian Rodrigues da. **(Des)Articulando as políticas públicas no campo da infância**: implicações da abrigagem. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

CURSO DE capacitação técnica no enfrentamento da violência doméstica contra crianças e adolescentes. Material de Trabalho do Curso de Capacitação Técnica no Enfretamento da Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes. Fortaleza: Centro de Combate à violência Infantil (CECOVI), 2002.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS de 10 de dezembro de 1948, em Resolução III da sessão ordinária da Assembléia Geral das Nações Unidas.



DIAS, Cláudia. **Estudo de caso: idéias importantes e referências**. Maio, 2000. Disponível em: <[http://www.geocities.com/claudiaad/case\\_study.pdf](http://www.geocities.com/claudiaad/case_study.pdf)>. Acesso em: 29 out. 2007.

DIÓGENES, Glória. A cidade e a casa: exclusão e violência na infância. In: **Infância e adolescência em discussão**. Fortaleza: NUCEPEC/UFC/CBIA. 1994.

DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. Tradução M. T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ELLER, Cássia. **Malandragem**. Música de Cazuza e Frejat. Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/cassia-eller/malandragem.html>> Acesso em: 23 set. 2007.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução Leandro Konder. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

FAGNER. Maxximum. Sony e BMG. Manaus. Sem data. N. 2515820.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FORTALEZA. **I Seminário municipal de promoção, defesa e garantia do direito de crianças e adolescentes á convivência familiar e comunitária**. Fortaleza: [s.n.], 2006.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. **O desalojamento e a reinstalação do si-mesmo: um percurso fenomenológico para uma compreensão Winnicottiana da adolescência, a partir de narrativas**. Tese (doutorado). São Paulo. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2001.

GADELHA, S. **Subjetividade e menor-idade**. São Paulo: Anna Blume, 1998.

GIULIANI, M. V. O lugar do apego nas relações pessoa-ambiente In: TASSARA, E.T.; RABINOVICH, E.; GUEDES, M. C. **Psicologia e ambiente**. São Paulo: EDUC, 2004.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1961.

GONZAGA, Luiz. **Asa branca**. Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/luiz-gonzaga/asa-branca.html>> Acesso em: 16 set. 2007.

GONZAGUINHA. **Caminhos do coração.** Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/gonzaguinha/caminhos-do-coracao.html>>. Acesso em: 16 set. 2007.

JUAN, C. S. Ambientes Institucionales. In: ARAGONÉS, J. I.; AMÉRIGO, M. **Psicologia Ambiental.** Madrid: Pirâmide, 1998.

KANTZ, Stephen. **O que é o terceiro setor?** Disponível em: <<http://www.filantropia.org/OqueeTerceiroSetor.htm>>. Acesso em: 19 dez. 2007.

LEE, Rita. **Balada do louco.** Música de Arnaldo Baptista e Rita Lee. Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/rita-lee/balada-do-louco.html>>. Acesso em: 16 set. 2007.

LIBERATI, Wilson Donizeti. **Comentários ao estatuto da criança e do adolescente.** 6. ed. São Paulo: Malheiros, 2002.

LINS, Ivan. **A gente merece ser feliz.** Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/ivan-lins/a-gente-mercede-ser-feliz.html>>. Acesso em: 16 set. 2007.

MARTINS, Maria Alice Hofmann. Atividade 2: Estudo de Caso. **Metodologia da pesquisa.** Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Curso de Especialização em Informática na Educação. Disponível em: <<http://mariaalicehof5.vilabol.uol.com.br/#Estudo%20de%20Caso>>. Acesso em: 29 out. 2007.

MONTE, Marisa. **Mais.** EMI Music Ltda. São Paulo: 1997. N. 796081 2.

MONTERO, Maritza. *Hacer para transformar: el método en la Psicología Comunitária.* Argentina: Paidós, 2006.

MOSER, Gabriel. **Psicologia ambiental.** Estudos de Psicologia. Paris: Universidade René Descartes, 1998.

PETRINE, João Carlos. **Pós-modernidade e família: um itinerário de compreensão.** São Paulo: EDUSC, 2003.

PINHEIRO, Ângela. **Criança e adolescente no Brasil: porque o abismo entre a lei e a realidade.** Fortaleza: UFC, 2006.

POL, Eric. La Apropiaçión del Espacio. *Revista Família y Sociedad*, n 1, 1994.

RANGEL, Roberta Vasques. **A evolução do conceito de família** [mensagem pessoal] Mensagem recebida por < nucepec@yahoogrupos.com.br >. 2006.

RIBEIRO, Janille Maria Lima. **O adolescer em um abrigo nas perspectivas psicodramática e sociohistórica**. Monografia de conclusão da Formação em Psicodrama. Instituto de Psicodrama e Máscaras. Fortaleza: 2005.

RODRIGUES, Lorena. **Lula lança PAC das crianças** [mensagem pessoal] Mensagem recebida por < nucepec@yahoogrupos.com.br >. 2007.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RIVIERE, Angel. *La Psicología de Vygotski*. Madrid: Aprendizaje Visor, 1985.

ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. (Org). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/ Cortez, 2003.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SAWAIA, Bader Burihan. **Porque investigo afetividade**. Texto apresentado para concurso de promoção na carreira para categoria de Professor Titular do Departamento de Sociologia da PUCSP. São Paulo: PUC/SP, 2000.

\_\_\_\_\_. (Org.) O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. São Paulo: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Affectivity as an ethical-political phenomenon and locus for critical epistemological reflection in Social Psychology**. *International Journal of Psycholog*. Inglaterra, v. 9, 2004.

\_\_\_\_\_. **As Artimanhas da Exclusão – uma análise ético-psicossociológica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SILVA, Enid Rocha Andrade da; MELLO, Simone Guerese de; AQUINO, Luseni Maria Cordeiro de. Os abrigos para crianças e adolescentes e a promoção do direito à convivência familiar e comunitária. In: SILVA, Enid Rocha Andrade da. (Coord.). **O direito à convivência familiar e comunitária: os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil**. Brasília: IPEA-CONANDA, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas**. Tomo III. Madrid: Visor, 1995.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente**. Organizador Michael Cole *et al.* Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. **Terceiro setor**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Terceiro\\_setor](http://pt.wikipedia.org/wiki/Terceiro_setor)> Acesso em: 19 dez.2007.

## **ANEXOS**

## ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Participação em Pesquisa

Estamos realizando uma pesquisa “Laços afetivos que (des)ligam famílias, adolescentes e abrigo”, cujo objetivo é conhecer os afetos que os adolescentes tem em relação ao abrigo onde estão e em relação às suas famílias de origem. Esta pesquisa será importante para o estudo da Psicologia Social.

Sua participação ocorrerá em duas etapas. A primeira será da seguinte maneira: a pesquisadora explicará como responder individualmente ao questionário que lhe será apresentado. Este questionário tem perguntas referentes ao abrigo onde se encontra, mas não terá seu nome. A segunda etapa precisará ser gravada e acontecerá dias depois, em grupo e conversaremos sobre família. A data será combinada posteriormente e somente com quem participou do primeiro momento.

A importância de se participar dessa pesquisa é a de poder contribuir para a construção de conhecimentos sobre a convivência familiar e comunitária de adolescentes abrigados. As informações obtidas serão analisadas somente pela pesquisadora e orientadora da pesquisa, não sendo possível a identificação de nenhum adolescente. Há um compromisso da pesquisadora de utilizar os dados e o material coletado somente para fins de pesquisa. Você tem o direito de retirar o consentimento para participar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Não há qualquer compensação financeira para participar deste estudo. Será permitido o acesso às informações sobre procedimentos relacionados à pesquisa a qualquer momento.

Em caso de dúvida poderá falar com a psicóloga responsável pela pesquisa Janille Ribeiro, Av. da Universidade 2762, Benfica. 60020-180, fones: 3366.7661 / 3366.7651.

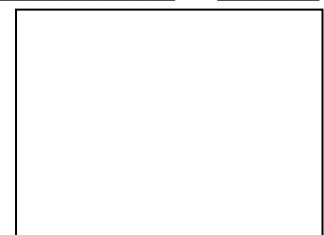
O Comitê de Ética em Pesquisa da UFC encontra-se disponível para reclamações e dúvidas referentes à pesquisa pelo telefone (85) 3366.8338.

Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo.

Fortaleza, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do sujeito da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora Janille Maria Lima Ribeiro



Digital do sujeito da pesquisa

1. Primeiramente, obrigada pela sua colaboração. Abaixo você deverá fazer um desenho que represente sua forma de ver, sua forma de representar ou sua forma de sentir o abrigo em que está.

2. As seguintes perguntas fazem referência ao desenho feito por você. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins, mas sim, suas opiniões e impressões.

2.1 Explique brevemente que significado o desenho tem para você:

2.2 Descreva que sentimentos o desenho lhe desperta:

2.3 Escreva seis palavras que resumam seus sentimentos em relação ao desenho:

1 \_\_\_\_\_

4 \_\_\_\_\_

2 \_\_\_\_\_

5 \_\_\_\_\_

3 \_\_\_\_\_

6 \_\_\_\_\_

Abaixo você encontrará algumas perguntas sobre o abrigo. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas, mas sim a sua opinião.

3. Caso alguém lhe perguntasse o que pensa sobre este abrigo, o que você diria?

4. Leia as frases abaixo e dê uma nota para cada afirmativa.

4.1 O abrigo é um lugar que oferece oportunidades.

0.....1.....2.....3.....4.....5.

4.2 O abrigo é um lugar onde recebo apoio.

0.....1.....2.....3.....4.....5.

4.3 O abrigo é um lugar bom mas é ruim porque estou longe de casa.

0.....1.....2.....3.....4.....5.

4.4 O abrigo é um lugar bom em termos de estrutura física.

0.....1.....2.....3.....4.....5.



4.5 O abrigo é um lugar que facilita o aprendizado.

0.....1.....2.....3.....4.....5.

4.6 O abrigo é um lugar onde me sinto em casa.

0.....1.....2.....3.....4.....5.

4.7 O abrigo recebe o adolescente bem e a rua não.

0.....1.....2.....3.....4.....5.

4.8 O abrigo é um lugar prazeroso.

0.....1.....2.....3.....4.....5.

4.9 O abrigo contribui para mudança de vida.

0.....1.....2.....3.....4.....5.

4.10 O abrigo é um lugar que me acolhe.

0.....1.....2.....3.....4.....5.

4.11 No abrigo às vezes tenho sentimentos bons, outra hora ruins.

0.....1.....2.....3.....4.....5.

4.12 O abrigo é um lugar sossegado.

0.....1.....2.....3.....4.....5.

4.13 O abrigo apesar de não ser o melhor lugar para morar é a segunda opção comparado com minha casa.

0.....1.....2.....3.....4.....5.

4.14 O abrigo é melhor do que minha casa.

0.....1.....2.....3.....4.....5.

4.15 O abrigo às vezes é minha família, às vezes não é.

0.....1.....2.....3.....4.....5.

4.16 O abrigo é um lugar bonito.

0.....1.....2.....3.....4.....5.

5. Se você tivesse que fazer uma comparação deste abrigo com algo, com o que você o compararia?

6. Descreva que caminho(s) que você percorre a partir do abrigo(utilize nomes de lugares de origem e destino e detalhes que chamem a sua atenção durante o trajeto). Indique também para que finalidade que você percorre este(s) caminho(s).

Caminho 1 -

Caminho 2 -

7. O que você gosta no abrigo?

---

8. O que você não gosta no abrigo?

---

9. Que locais você mais gosta no abrigo? Que locais menos gosta?

---

10. O que poderia melhorar no abrigo?

---

11. Dados pessoais:

11.1 Sexo: ( ) feminino ( ) masculino

11.2 Idade: \_\_\_\_\_

11.3 Série: \_\_\_\_\_

11.4 Sua família recebe Bolsa família? ( ) Sim ( ) Não ( ) Não sabe.

11.5 Porque está no abrigo? \_\_\_\_\_

11.6 Há quanto tempo você está no abrigo? \_\_\_\_\_

11.7 Que relação existe com sua família durante sua permanência no abrigo?

---

## ANEXO B - MAPAS AFETIVOS

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 01 Sexo: Masculino Idade: 17 anos. Escolaridade: 6ª série. Recebe Bolsa Família? Não. Tempo de abrigo: 2 dias.	Cognitivo	Campo, a barraca, as árvores.	Bom, é uma família, alegre, é uma casa pra nós.	Alegria; outra pessoa; muito bem; eu gosto.	Parece uma escola: educa e ajuda.	O abrigo “Escola: educa e ajuda” é marcado por <u>pertinência</u> pois é um lugar bom, educa, ajuda e o adolescente se sente alegre e muito bem.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 02 Sexo: Masculino Idade: 17 anos. Escolaridade: 5ª série. Recebe Bolsa Família? Sim. Tempo de abrigo: 3 meses.	Cognitivo	Mostra as qualidades do abrigo, as coisas de bom.	Bom	Alegre, melhorei, gosto muito do abrigo, não poder estar perto da minha mãe; mãe, avó, família.	“Não tem nada pra responder”	O abrigo “Não tem nada pra responder” é marcado por <u>contraste</u> porque o adolescente se sente alegre, observa melhoras mas está longe de sua mãe.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 03 Sexo: Masculino Idade: 16 anos. Escolaridade: 6ª série. Recebe Bolsa Família? Não. Tempo de abrigamento: 1 ano e 4 meses.	Metafórico.	O circo foi muito bom para mim porque eu aprendi muitas coisas.	Muito bom; aprendi coisas novas, coisas que eu não aprendia na rua.	Alegria, confiança, amizade, aprendizado, atenção, compreensão, desempenho, colaboração.	Compara a minha casa mas nem tanto assim.	O abrigo “Minha casa mas nem tanto assim” é marcado pela imagem de <u>atração</u> porque o adolescente destaca as muitas coisas que aprendeu e lhe foram úteis, há sentimentos potencializadores como alegria, confiança e amizade.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 04 Sexo: Masculino Idade: 17 anos. Escolaridade: 6ª série. Recebe Bolsa Família? Não. Tempo de abrigamento: 1 mês e 2 dias.	Cognitivo.	Um abrigo.	Bom.	Bons sentimentos, alegria, confiança, comportamento, sinceridade, obedece, muda de vida.	Como uma ONG.	O abrigo “Uma ONG” é marcado pela imagem de <u>atração</u> porque é um espaço institucional que é bom e contribui para mudança de vida, onde há sentimentos de confiança e alegria.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 05 Sexo: Masculino Idade: 14 anos. Escolaridade: 5ª série. Recebe Bolsa Família? Não. Tempo de abrigamento: 3 meses.	Metafórico.	Tem que muitas vezes o abrigo é melhor do que a casa, aprendemos muitas coisas novas.	Ótimo pois aprendemos a viver melhor.	Muitos pois vejo o mundo diferente; carinho; amizade; união; vencer; crescer; ajuda.	Com minha casa.	O abrigo “Minha casa” é marcado pela imagem de <u>atração</u> porque é visto muitas vezes como até melhor do que a própria casa do adolescente pois há aprendizado, carinho e amizade.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 06 Sexo: Masculino Idade: 17 anos. Escolaridade: 1ºano -Ensino Médio. Recebe Bolsa Família? Não sabe. Tempo de abrigo: 1 ano e 7 meses.	Metafórico.	Amizade, o desenho representa amizade que existe no abrigo.	O segundo lugar para viver, porque você tem de tudo e porque a casa é o primeiro lugar para ficar.	Todos os melhores possíveis; amor, amizade, juventude, alegria, companhei- rismo, perdão.	Com minha casa futura mente, penso o seguinte: “será que terei amanhã o que tenho hoje?”	O abrigo “Minha casa futura- mente” é marcado pela imagem de <u>atração</u> porque embora não seja o melhor lugar para morar, o abrigo é a segunda opção, tem de tudo inclusive sentimen- tos potenciali- zadores como amor e amizade.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 07 Sexo: Masculino Idade: 13 anos. Escolaridade: 4ª série. Recebe Bolsa Família? Não. Tempo de abrigo: 6 meses.	Metafórico.	O meu desenho significa que eu não tinha família, mas o projeto me mostrou que eu tinha família e não sabia.	Lugar para última hora, quando não tem mais nenhuma forma para onde o adolescente ir; o abrigo ajuda e a pessoa a mudar se quiser.	Amar, compaixão, humildade, união, paciência, respeitar.	Parece mais ou menos minha casa porque eu me sinto bem muitas vezes.	O abrigo “Parece mais ou menos minha casa” é marcado pela imagem de <u>atração</u> porque contribui para a mudança da pessoa, o adolescente se sente bem muitas vezes e há sentimentos de paciência, compaixão e humildade.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 08 Sexo: Masculino Idade: 16 anos. Escolaridade: EJA I. Recebe Bolsa Família? Não. Tempo de abrigo: 1 ano.	Metafórico.	Quis desenhar o abrigo, na frente a barraca, atrás o circo onde a gente faz várias atividades.	Coisa muito boa; por enquanto está sendo minha casa; canto muito bom, lugar muito bom de se viver; uma oportunida de.	Feliz, livre das drogas, livre da violência, tenho saúde, paz, alegria.	Um lugar muito bom, com muitas oportuni- dades, basta a gente querer.	O abrigo “Um lugar muito bom, com muitas oportuni- dades, basta a gente querer” é marcado pela imagem de <u>atração</u> pois o adolescente destaca uma certa proteção dentro do abrigo, oferece oportuni- dade, onde se sente feliz, com paz e alegria.



Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 09 Sexo: Masculino Idade: 16 anos. Escolaridade: 5ª série. Recebe Bolsa Família? Não sabe. Tempo de abrigamento: 1 ano e meio.	Metafórico.	Porque quando eu estava na rua, eu não tinha onde dormir, por isso eu desenhei o meu quarto.	Bom porque estou longe das drogas; estou abrigado; tem regras.	Meus sentimentos uma hora são bons, outra hora ruins porque lembro numa parte, na outra não lembro da rua. Bom, recuperado, consolado, carinho, alegria, abrigado.	Como a minha casa porque tem tudo de bom em casa ou no abrigo, só é bom em casa porque não tem regras e no abrigo tem muitas.	O abrigo “Minha casa” é marcado por <u>contraste</u> porque o adolescente faz menção de sentimentos que considera ora bons, ora ruins, o abrigo o protege da rua e das drogas mas tem muitas regras .

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 10 Sexo: Masculino Idade: 16 anos. Escolaridade: 4ª série. Recebe Bolsa Família? Não. Tempo de abrigamento: 5 meses.	Metafórico.	Significa o menino indo para a escola, saindo de casa para a escola. Assim que cheguei aqui me botaram na escola, não tinha registro. Quero ir para casa quando sair daqui.	Bom; muito bom porque ajuda as pessoas a sair da rua pra ter um futuro mais na frente.	Apego, atraso, brigas, alegria, namorar; me lembro de uma casa pra mim morar mais minha família.	Minha casa.	O abrigo “Minha casa” é marcado pela imagem de <u>atração</u> porque deu ao adolescente oportunidades que ele não tinha: escola, perspectiva de futuro, sair da rua e sente alegria no abrigo.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 11 Sexo: Masculino Idade: 18 anos. Escolaridade: EJA I e II. Recebe Bolsa Família? Não. Tempo de abrigamento: Faz um bocado de dia.	Cognitivo.	Os quartos, o campo, o coqueiro, o sol, a (nome do abrigo onde está). As casas menores são os quartos.	Foi o abrigo que me acolheu; tem uns educador que não ajuda, acho chato; não posso ficar o resto da vida; não tenho curso nem emprego ainda.	Triste, problemas de aprendizagem na escola; não posso desenvolver rápido.	Como se fosse minha casa.	O abrigo “Minha casa” é marcado por <u>contraste</u> pois o adolescente parece se sentir despreparado para deixar o abrigo, se sente triste mas sente acolhimento no lugar.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 12 Sexo: Masculino Idade: 13 anos. Escolaridade: EJA 1. Recebe Bolsa Família? Não. Tempo de abrigamento: 4 meses.	Metafórico.	O reforço, os meninos, a (educadora), a cadeira.	Ótimo, muito legal, abrigo melhor que eu vi, bom, muito bom, divertido.	Alegria, gosto daqui; gosto muito dos passeio, dos educador, alguns meninos.	Minha casa: porque o abrigo também é bom, eu acho muito bom, é divertido que nem a minha casa.	O abrigo “Minha casa” é marcado pela imagem de <u>atração</u> pois trás sentimentos de alegria e é avaliado pelo adolescente como o melhor abrigo que já viu, é muito bom e divertido como a casa dele.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 13 Sexo: Masculino Idade: 17 anos. Escolaridade: 6ª série. Recebe Bolsa Família? Não. Tempo de abrigo: 3 semanas.	Metafórico.	Uma casa e a pista.	Coisa boa; não preciso ir mais pra rua; bom; um desafio a mais na minha vida; tem regras; pode estudar, pode sair até com emprego.	Saudade da mãe; saudade de casa que não posso ir; colégio; brincadeiras; circo; reforço.	Minha casa: às vezes sim e outras não. Na minha casa eu posso entrar a hora que eu quiser e no abrigo não porque tem regras.	O abrigo “Minha casa” é marcado por <u>contrastes</u> pois é um lugar bom, onde o adolescente pode estudar e desfrutar de atividades mas sente saudade da mãe e de casa onde podia entrar a hora que quisesse.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 14 Sexo: Masculino Idade: 16 anos. Escolaridade: 5ª série. Recebe Bolsa Família? Não. Tempo de abrigo: 4 dias.	Cognitivo.	Quarto, árvore, banheiro.	Bom, legal, tem os educado res.	Bom; meninos; educador; reforço; estudar.	Minha casa porque em casa a gente tem uma família, aqui é do mesmo jeito.	O abrigo “Minha casa” é marcado pela imagem de <u>atração</u> , pois o adolescente enumera vários aspectos da instituição: educador, circo, estudar e lhe suscita um sentimento bom.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 15 Sexo: Feminino. Idade: 12 anos. Escolaridade: 3ª série. Recebe Bolsa Família? Não sabe. Tempo de abrigamento: 1 mês e 2 semanas.	Metafórico.	A (nome do abrigo onde está)* e a nossa horta que nós criamos. E nossas plantinhas, a sala onde a gente come (almoça) e assiste, nossa mesa, do nosso comer, almoçar.	Meu lugar de ficar, é melhor pra mim, bom, melhor do que estar na rua; quando eu tava na rua dava desgosto a minha mãe.	Sinto que eu tô boa, aqui não sinto vontade de fumar droga e sinto bem; me sinto em casa.	Minha casa.	O abrigo “Minha casa” é marcado pela imagem de <u>pertinência</u> pois é onde a adolescente se sente bem, é seu lugar de ficar, é melhor do que estar na rua onde dava desgosto a sua mãe.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 16 Sexo: Feminino. Idade: 15 anos. Escolaridade: 7ª série. Recebe Bolsa Família? Não. Tempo de abrigamento: 1 mês e 21 dias.	Metafórico.	Desenhei minha casa porque o abrigo é que nem minha casa.	É bom, temos muitas oportunidades aqui.	Eu gosto; amor, carinho, saudade, esperança, harmonia, perseverança, determinação, coragem, sonho, luta.	Ponte: onde a gente passa, temos que ir até onde queremos, não esperar que a ponte venha até nós.	O abrigo “Ponte” é marcado pela imagem de <u>atração</u> porque tem muitas oportunidades, é bom, suscita sentimentos de coragem, esperança e luta para contribuir até onde a adolescente quer ir.

\* Adolescente cita o nome da instituição que foi omitido para preservar a identidade dos sujeitos.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 17 Sexo: Feminino. Idade: 14 anos. Escolaridade: 5ª série. Recebe Bolsa Família? Sim. Tempo de abrigamento: 1 mês.	Metafórico.	Uma casa, uma árvore, flores e um sol.	Bom, gosta de quase tudo.	Raiva, tristeza, traição.	Minha casa: quase as mesmas coisas que eu faço aqui, eu faço em casa.	O abrigo “Minha casa” é marcado por <u>contraste</u> pois ao mesmo tempo que é qualificado como bom e quase tudo agrada a adolescente também suscita sentimentos de raiva, tristeza, e traição.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 18 Sexo: Feminino Idade: 14 anos. Escolaridade: 6ª série. Recebe Bolsa Família? Sim. Tempo de abrigamento: 6 meses.	Metafórico.	O desenho significa pra mim muita coisa importante porque faz parte da minha vida e do abrigo também.	Muito importante pra mim; legal; mudou muita coisa da minha vida; especial e importante para aquelas crianças que não tem família e nem onde morar.	Eu me sinto muito feliz quando eu estou com as meninas e com todos; muito bem e feliz quando estou junto das meninas; alegria, amor, paz, amor entre dois, harmonia, compreensão.	Minha casa, porque é diferente do abrigo.	O abrigo “Minha casa” é marcado pela imagem de <u>atração</u> por ser muito importante e ter mudado muita coisa na vida da adolescente proporcionando sentimentos de alegria e amor pelo lugar.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 19 Sexo: Feminino. Idade: 15 anos. Escolaridade: 2º série. Recebe Bolsa Família? Não. Tempo de abrigamento: 2 meses.	Metafórico.	Desenhei eu e minhas amigas.	Legal; gosto muito daqui; aqui é melhor pra mim porque eu não posso; meus pais é alcoólica e meu pai não gosta de mim.	Nada.	União, paz e amor.	O abrigo “União, paz e amor” é marcado pela imagem de <u>atração</u> porque a adolescente usufrui do abrigo por não poder estar em casa devido conflitos familiares.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 20 Sexo: Feminino. Idade: 12 anos. Escolaridade: 6ª série. Recebe Bolsa Família? Sim. Tempo de abrigamento: 7 meses.	Metafórico.	As adolescentes da casa estão assistindo televisão. Porque as vezes os filmes que os educadores trazem são filmes que é parecido com o caso de algumas adolescentes até mesmo meu caso.	Ótimo, mas eu queria sair do abrigo sendo bem recebida em casa e nunca mais voltar pro abrigo, mas eu ficaria com muitas saudades das pessoas que nos momentos tristes elas estavam ali conversando e até mesmo chorando.	Emoção, às vezes triste, alegre, às vezes choro.	Escola, porque dá educação.	O abrigo “Escola” é marcado por <u>contraste</u> porque educa, é ótimo, mas às vezes a adolescente se sente triste e queria sair do abrigo e não mais voltar.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
N. 21 Sexo: Feminino. Idade: 13 anos. Escolaridade: 3ª série. Recebe Bolsa Família? Não sabe. Tempo de abrigo: 1 mês e alguns dias.	Metafórico.	Casa, uma árvore, três flor e um jardim.	A casa é boa. Aqui é bom, faz curso, estuda, não é trancada a pessoa. Acho bom, não é ruim, melhor do que estar na rua, na rua a gente aprende muita coisa ruim. Aqui dá bom exemplo pra pessoa.	Gosto daqui; saudade da minha família. Não quero estar com meus pais.	Minha casa: porque minha casa é uma parte boa, outra ruim.	O abrigo “Minha casa” é marcado por <u>contraste</u> pois a adolescente gosta do abrigo, o considera bom, melhor do que estar na rua mas possui uma parte ruim e sente saudade da família, embora não queria estar com os pais.

## ANEXO C

### QUADROS REFERENTES AOS DADOS DO MAPA AFETIVO DO ABRIGO MASCULINO

**Quadro 1**

Local do abrigo		O que no abrigo	
Mais gosta	Menos gosta	Gosta	Não gosta
01. Campo	Ficar triste	Amizade, respeito, lazer.	Confusão.
02. -	Quando estamos dormindo de manhã e ele chega gritando.	Oficina de papel reciclado.	Das refeições.
03. Refeitório.	Galinheiro.	Oficina de circo.	Acordar cedo.
04. Do circo.	-	Das comidas.	Da limpeza.
05. Nenhum.	Nenhum.	A orientação, a oportunidade.	Quando há brigas.
06. Meu quarto.	Banheiro.	A organização.	O período de muito trabalho.
07. Circo.	Quarto.	Circo.	Não tem.
08. Quarto.	Refeitório quando estou na limpeza.	De toda a direção.	Quando educador pega no meu pé pra atividade.
09. Circo.	Oficina de jogos.	Oficinas, escola, meus amigos educadores.	Dos bagunceiros e dos adolescentes.
10. Sala.	Campo.	Das oficinas, nem todas, mas algumas eu gosto.	De alguns educadores da casa.
11. Sala.	Terreno.	Fazer amizades, viver em comunhão com os outros.	Dos meninos ficarem falando palavrão.
12. Cantinho do muro da cozinha.	De baixo do pé de jaca.	Do circo e do reforço.	Ciscar.
13. Meu quarto.	Secretariado.	Gosto dos desafios que o abrigo trás.	As brigas.
14. Encostado no muro.	Lá em cima no meu quarto.	De estudar.	De uma pessoa.

(-) Não respondeu.



## Quadro 2

O que poderia melhorar no abrigo?
01. Mais diversão.
02. Mais regras.
03. Colaboração.
04. Os adolescentes.
05. As oficinas.
06. A forma de educar os adolescentes.
07. Dar mais passeio.
08. Reforma.
09. Um videogame para todos os adolescentes da casa.
10. Que o pessoal tivesse mais paciência, não existisse tanta confusão.
11. Muita coisa, tipo cada um fazer um curso de informática, aprender a ler, mudaria muito para mim e para todos.
12. Banheiro e mudar a bolacha.
13. Tudo.
14. Botar um som pra gente ouvir e um tanque tipo piscina.

## Quadro 3

Porque está no abrigo?
01. Porque não parava em casa.
02. Ameaçado de morte.
03. Porque minha mãe é alcoólatra e eu estava na rua.
04. Porque eu estava na rua.
05. Por atritos familiares.
06. Porque em casa não estava dando certo para eu ficar.
07. Problemas com drogas e na família.
08. Porque logo no começo minha família não aceitou que eu sou homossexual.
09. Porque eu usava drogas.
10. Houve uns problemas em casa, sai de casa, me envolvi com drogas e vim para o abrigo.
11. Foi abandonado pequeno pela mãe, o pai é foragido da justiça. Fugiu de casa.
12. Porque eu gosto.
13. Ameaçado de morte e porque estava na rua.
14. Porque não tenho pai nem mãe.

#### Quadro 4

<b>Que relação existe com sua família durante sua permanência no abrigo?</b>
01. Bom.
02. Normal.
03. Eu tenho uma boa relação com minha família.
04. Eu estou bem.
05. Poucas pessoas, só falo com um tio meu e meu irmão.
06. Hoje melhorou um pouco.
07. Fica bom porque vou só fim de semana.
08. Não tenho mais contato, eu mesmo não quero.
09. Muito difícil porque minha mãe vive saindo.
10. Bem.
11. Não tem relação não. Considera família os irmãos.
12. Nenhuma.
13. Menos preocupação pra minha mãe e o amor dela de novo.
14. Nenhuma, pra mim não tenho família. Se tivesse não tinham me botado no abrigo.

## ANEXO D

### QUADROS REFERENTES AOS DADOS DO MAPA AFETIVO DO ABRIGO FEMININO

Quadro 5

Local do abrigo		O que no abrigo	
Mais gosta	Menos gosta	Gosta	Não gosta
15. Sala dos educadores.	Quarto.	Da minha cama, educadores.	Intriga, quando eu tô dormindo a menina me acorda com intriga.
16. Quarto.	Sala.	Educadores, algumas meninas.	Das confusões que acontece.
17. Quintal.	Quarto	Quase tudo.	Das regras.
18. Horta.	Sala dos educadores.	Educadores e das meninas.	Confusões.
19. Calçada.	Horta e quintal	Passeios.	As brigas que aqui tem todo dia.
20. Quintal.	-	Amizades.	Das brigas de fofquinha.
21. Quintal.	Varanda.	Da comida, algumas meninas, de umas tias daqui.	De confusão, de umas meninas.

(-) Não respondeu.

Quadro 6

O que poderia melhorar no abrigo?
15. Eu me comportar na casa.
16. A estrutura.
17. A convivência.
18. A casa toda e as meninas também.
19. O comportamento das meninas que desobedecem aos educadores.
20. Não ter mais brigas.
21. Saída: ser liberada um pouco mais.

### Quadro 7

<b>Porque está no abrigo?</b>
15. Porque eu usava droga e me prostituía na rua.
16. Porque eu usava droga.
17. Porque a minha mãe não me quer em casa.
18. Porque não interessa, mas o importante é que minha vida mudou.
19. Porque meus pais são alcoólatras e meu pai não gosta de mim.
20. Porque eu andava na rua e nos terminais vendendo bombons.
21. Porque eu quero, não quero estar com meus pais.

### Quadro 8

<b>Que relação existe com sua família durante sua permanência no abrigo?</b>
15. É bom, eu não dou desgosto a minha mãe, quando eu tava na rua dava desgosto a minha mãe.
16. Não tenho contato com minha família vai fazer um ano.
17. Péssimo.
18. Relação nenhuma.
19. Não tem contatos.
20. Eu ligo final de semana e vou para o meu final de semana de 15 em 15 dias.
21. Tenho contato por telefone e visita.

## ANEXO E

### DIÁRIO DE CAMPO DO ABRIGO MASCULINO

Primeiro dia de coleta de dados (31.07.07, terça-feira)

Depois de aprimorar o instrumento, através da aplicação de 4 questionários, comecei de fato coletar o material para a pesquisa. Combinei com o psicólogo da instituição, sempre muito solícito e atencioso, e fui no dia marcado.

Levei a máquina fotográfica para registrar o abrigo e algumas cenas com os adolescentes sem que os rostos deles aparecessem. O psicólogo permitiu as fotos e lhe assegurei que eu teria este cuidado com a identificação dos meninos. Logo, os dois meninos que me ajudaram na fase de aprimoramento do instrumento me viram e me chamaram para o quarto deles. Tirei fotos deles, com direito a posse, disse que lhes daria as fotos. Tirei foto do quarto deles, muito arrumadinho e decorado com muitas fotos de artistas, principalmente da Sandy! Os dois provavelmente são namorados, tem o quarto só para eles e se denominam homossexuais. Um dos meninos era o “enfermeiro” de um outro que foi acidentado: em uma igreja caiu uma telha em sua perna e fez uma fratura exposta, quebrou o osso fêmur da perna esquerda. Ele foi levado a um hospital, estava sendo cuidado no abrigo por este adolescente que ficava acompanhando o acidentado durante a noite, caso sentisse alguma coisa, dava banho também. O adolescente machucado sentia muita dor, não andava direito e parecia abatido. O psicólogo, me levou ao quarto do adolescente para vê-lo, me apresentou e o jovem me mostrou os curativos.

Fui a um outro quarto que havia um adolescente fazendo uma “patinha” de papel. Tirei uma foto dele fazendo o trabalho, mas não aparecia seu rosto.

O psicólogo levou-me a uma sala no andar de cima do abrigo, bem reservada, onde fiz o aprimoramento do instrumento. Lá é bom porque é longe dos corredores mais movimentados, é ampla e arejada. O único problema é que é pouco usada e acumula poeira. Um adolescente varreu antes de entrarmos, mas a mesa ficou muito empoeirada. Depois outro adolescente limpou a mesa com um pano molhado. Eu mesma ia fazer isso, fui na cozinha e pedi, mas este menino disse que faria para mim.

Antes de começar o psicólogo me advertiu que estaria em uma reunião e talvez não conseguisse me dar tanta atenção. Então me apresentou a outros funcionários do abrigo que poderiam me dar mais amparo.

Pedi ao psicólogo que mandasse de 3 em 3 meninos, porque era mais fácil tirar as dúvidas e escrever caso algum não soubesse. Porém, logo o primeiro grupo foi de quatro adolescentes, mas foi possível contornar. Uns dão mais trabalho que outros, pedem mais atenção, resistem, embora eu deixe claro que a participação é voluntária. Quem sabia ler, lia só e fazia alguma pergunta, tirava alguma dúvida. Mesmo se não havia perguntas, eu sempre falava em linhas gerais sobre a pesquisa. E assim foi durante todo o dia. Ainda descí algumas vezes quando não tinha mais meninos pra continuar a responder os questionários.

Neste dia foram feitos oito questionários. Lamentei porque não queria voltar outro dia, mas foi a solução que encontrei para ter mais dados. Marquei com o psicólogo na quinta-feira seguinte e tentaria aplicar o questionário para o maior número possível. Ainda conheci a psicóloga voluntária que trabalha lá. Ela é francesa, está há quase um ano no abrigo e está gostando muito.

Foi um dia produtivo, apesar da minha frustração em não ter terminado essa fase logo. Os meninos foram muito colaborativos comigo. Quando fui embora os meninos iriam participar de uma roda de conversa sobre o abrigo. Um adolescente me explicou que eles falam o que deve mudar, o que está ruim e a direção tenta ver o que pode fazer para atendê-los melhor. Achei isso interessantíssimo!

#### Segundo dia de coleta de dados (02.08.07, quinta-feira)

Cheguei cedo, antes do psicólogo. Quem me recebeu foi um educador que me foi apresentado na terça-feira. Ele perguntou se eu queria começar logo, eu disse que sim porque eu tinha a expectativa de sair de lá cedo neste dia.

Procuramos, então, adolescentes para participar da pesquisa. Alguns estavam fazendo atividades de limpeza e organização do abrigo. É importante frisar que eles mesmos varrem, limpam os quartos, banheiro, lavam suas roupas, ajudam na manutenção da instituição. Tive que esperar que se desocupassem.

Fui, então, aplicando os questionários bem aos poucos neste dia porque eu concorri com o corte de cabelo. Uma profissional voluntária foi cortar os cabelos dos meninos neste dia no abrigo. A fila era grande, ninguém queria deixar a oportunidade passar. Enquanto isso, fiquei tentando convencer algum adolescente a ir logo responder ao questionário enquanto sua vez de cortar o cabelo não chegava mas era muito difícil. Ao mesmo tempo foi divertido e comecei a gostar de estar lá no abrigo. Os meninos fazem muitas brincadeiras uns com os outros, com os profissionais da instituição e até eu fui alvo de brincadeiras. Algumas

delas são chatas, foram registradas em alguns questionários que falam sobre brincadeiras chatas, pequenas confusões.

Acho que era uma das educadoras que tirava fotos dos meninos cortando o cabelo, fazendo pose, era engraçado. Tem uns que falam muito, outros são muito tímidos. O clima parecia bom, leve, todos me eram simpáticos, os profissionais e os meninos. Lá não tem só a psicóloga francesa como voluntária, tem uns jovens que passam um ano fazendo trabalho voluntário no abrigo, vem em geral da França.

Comecei a me sentir mais a vontade com os meninos, alguns me chamam para mais próximo deles e eu me aproximo, já sem tanto receio.

Esperei muito até que os que iam colaborar comigo cortassem o cabelo e se sentissem bem para participar. Enquanto esperava, conversava com o psicólogo e este educador que me recebeu hoje. Contavam-me as histórias de alguns meninos, formas de funcionamento do abrigo. Momento muito rico!

Ainda consegui aplicar três questionários, quase eram quatro, mas um menino de onze anos (que está excepcionalmente no abrigo) disse-me que não sabia desenhar, então agradei e tive que dispensá-lo da atividade. Foi um número pequeno, mas parece mesmo que seria o máximo que conseguiria porque um estava acidentado; um estava fora, foi para um curso; um resistiu muito e não participou, eu também não insisti; outro me disseram que dificilmente participaria, eu nem tentei. Um menino disse que participou, mas na verdade acho que não, eu não lembrava direito também, então posso ter sido enganada; a criança não sabia desenhar; e um só colaborou no aprimoramento do instrumento, na semana passada.

Combinei com o psicólogo dois dias, 14 e 16 de agosto, para a continuação. Disse a ele que talvez eu mude para entrevista porque achava que o grupo não teria muita participação. Ele, a meu pedido, compartilhou como trabalhava em grupo com os meninos: era difícil, a participação variava conforme a temática e a forma de trabalhar com eles. Pedi que minha pesquisa fosse a única atividade a ser realizada nestes dias para eu ter mais certeza de haver maior participação e não concorrer como hoje eu concorri com o corte de cabelo. O psicólogo a princípio disse que iria falar com os educadores para ver se poderiam adiar as atividades destes dias. Porém depois falou que era melhor, para deixá-los mais à vontade, convidá-los e tirá-los da atividade no dia. O psicólogo iria falar com os educadores para liberar os meninos para a pesquisa. Então, ficou assim combinado. Um adolescente ainda me chamou para almoçar, mas tive que recusar porque tinha que ir trabalhar à tarde.

### Entrevistas individuais (em 16.08.07, quinta-feira)

Como de costume cheguei cedo, esperei o psicólogo porque, segundo a assistente social que me recebeu, somente ele tinha a chave da sala onde estive usando para a pesquisa. Alguns adolescentes vieram falar comigo, tive direito a beijos e abraços.

Entreguei a lista de adolescentes que eu queria entrevistar para a assistente social que já chamou um dos meninos para eu conversar. Houve resistência, mas logo ele cedeu. Alguns perguntaram se todos passariam pelo trabalho novamente, porém expliquei que somente alguns seriam entrevistados.

Quando o psicólogo chegou, me auxiliou bastante na procura dos meninos da lista e tudo transcorreu bem. Dois adolescentes estavam ausentes, mas logo foram substituídos.

Na primeira entrevista eu estava um pouco nervosa, deixei de fazer uma ou duas perguntas do roteiro que eu tinha, mas foi muito rica. Aliás, todas as entrevistas foram muito ricas, os meninos pareceram muito sinceros, transparentes e cooperaram bastante.

O que atrapalhou foi o barulho da rua que em alguns momentos na fita se sobrepunha às nossas vozes. As entrevistas correram rápido, os meninos eram bem objetivos em suas respostas. Terminei tudo muito cedo, agradei ao psicólogo e prometi voltar para deixar as fotos que tirei de alguns dos meninos. Alívio e saudade foram as sensações que tive ao deixar o abrigo.

Quando saí vi que o muro da instituição estava sendo pintado (grafitado) por educadores e adolescentes.

### Terceiro dia de coleta de dados (13.09.07, quinta-feira)

Esta última coleta de dados refere-se à aplicação do questionário novo, pois tem nova Escala Likert, com mais itens e contemplando quatro imagens: pertinência, agradabilidade, contrastes e atração.

Antes de aplicar os questionários, coletei informações com o psicólogo sobre o abrigo. Os meninos estavam em uma oficina, fazendo ensaio para apresentações do Dia das Crianças. O psicólogo me informou que neste período os meninos são muito solicitados para fazer apresentações desde instituições privadas até públicas e dependendo da natureza da instituição cobram cachês ou não. O dinheiro fica com os meninos.

Tanto a aplicação dos questionários como a entrevista com o psicólogo foi muito tranquila. Apareceram meninos que já haviam feito todo o processo (questionário e



entrevista), mas expliquei a eles que precisava de que não havia participado ainda. Alguns vinham de bom grado, outros não muito!

Não consegui aplicar o número de questionários que queria, as dificuldades são muitas: a disponibilidade e vontade de participar dos adolescentes, o número de meninos na casa, atividades na instituição, distância do abrigo em relação a minha casa, minha pouca disponibilidade de tempo concorrendo com o trabalho de psicólogo social e comunitária que exerço todas as manhãs.

Levei as fotos que tirei de dois adolescentes. Ficaram muito satisfeitos!

Finalizei a coleta de dados neste dia e disse ao psicólogo que retornaria para fazer o convite da defesa.

## ANEXO F

### DIÁRIO DE CAMPO DO ABRIGO FEMININO

21.08.07 - terça-feira

Inicialmente tive uma longa conversa com o diretor do abrigo sobre o trabalho e lhe entreguei o novo questionário a ser aplicado com as meninas. A conversa foi várias vezes interrompida para ele resolver problemas do abrigo. Havia um clima de preocupação. Soube depois que houve agressão física entre duas meninas, que foram levadas para a DCA (Delegacia da Criança e do Adolescente).

Havia dezessete meninas na casa. Segundo me informou a assistente social da instituição havia um número maior, foi reduzido porque duas conseguiram o retorno à família de origem.

Apesar do diretor ter me deixado muito à vontade não pude tirar fotos no abrigo feminino, pois ele me justificou que o local era uma medida de proteção, não podendo, portanto, ser identificado. Expliquei a ele que não tiraria fotos da frente da instituição ou das meninas. Seriam fotos de alguns espaços do abrigo para expor na minha apresentação, as fotos nem estariam no trabalho escrito. O diretor disse que perguntaria a superiores se eu poderia fazer estes registros.

Neste dia havia poucas meninas na casa, algumas foram para um grupo de redução de danos da Prefeitura. Outras estavam na escola. Fui apresentada a uma adolescente que estava na casa. Ela, simpaticamente, foi me mostrar a instituição. Fiz questionário com ela depois. Quando estávamos terminando, outras meninas chegaram e apliquei o questionário com mais duas. Já estava na hora do almoço e do banho, inclusive com uma educadora “tangendo” alguma delas para isso. Horário para tudo? Todas têm que fazer a mesma atividade na mesma hora? Me soa um processo de institucionalização bem marcante.

Combinei meu retorno para a semana que vem, na terça-feira mesmo.

28.08.07 - terça-feira

Hoje fui disposta a começar logo com as entrevistas com quem eu já havia feito o questionário porque temia que as meninas fossem embora ou não estivessem na casa, ou ainda não estivessem com vontade de participar.

Cheguei cedo, as meninas ainda estavam arrumando a casa. Uma das profissionais foi quem me recebeu e ficou me ajudando por boa parte do dia com elas, se informando quem estava na casa, quem queria participar. Novamente descobri que haveria atividade externa, com o Nupred (Núcleo de Redução de Danos) e boa parte das meninas estariam fora do abrigo, outras estavam na escola. Então passei boa parte da manhã conversando com as profissionais da instituição. Somente consegui aplicar 4 questionários às 11 da manhã, perto da hora do almoço, com clara resistência de algumas, mesmo no início optando participar.

Algumas meninas se aproximam por curiosidade, outras por indicação da educadora. Somente uma não quis participar mesmo depois que eu expliquei. A entrevista só consegui com uma adolescente depois do almoço.

Almocei lá e vi o quanto é difícil o trabalho dos profissionais com as meninas. Tinha uma, que inclusive eu queria entrevistar, passou a manhã dormindo, nem tomou café e estava fazendo confusão por todo o abrigo, xingando pessoas e fazendo só o que queria. As meninas parecem que tem menos limite que os meninos.

Não almocei com elas, mas estive no meio das meninas enquanto elas almoçavam. Elas tinham um tom de voz um tanto agressivo e irônico entre elas. Quase nem me consideraram, só uma me perguntou onde eu trabalho. Me senti um tanto desconfortável mas fiquei entre elas pra tentar me aproximar e tentar ser mais familiar.

Conversei novamente com o diretor do abrigo e pedi uma entrevista sobre o histórico do abrigo. Ele me indicou que procurasse uma outra profissional, ela é educadora, pois tem quase dez anos de trabalho no abrigo. Peguei o número de telefone dela para contactá-la posteriormente.

Não levei máquina por não saber ainda se poderia fazer alguns registros no abrigo. O diretor esqueceu de saber se eu poderia fotografar alguns espaços do abrigo, mas anotou e comprometeu-se em me dar a resposta na semana seguinte.

Marquei retorno para quarta-feira da semana que vem, a tarde, por volta de 16h30min, pois me disseram que era um bom horário para encontrar mais meninas na casa.

05/09/07 - quarta-feira

Neste dia fui no fim da tarde seguindo o conselho da terapeuta ocupacional que lá trabalha, pois é um horário em que algumas meninas estão na casa ou estão chegando do colégio. Quando cheguei realmente tinham meninas que eu já havia aplicado o questionário, mas uma delas não quis contribuir para a entrevista. As demais (duas) colaboraram. Totalizaram quatro entrevistas no abrigo feminino e não cinco como eu queria a princípio. Uma das meninas havia voltado para casa e outra foi transferida. Parece que as meninas passam pouco tempo no abrigo, ao contrário dos meninos.

Foi muito tranquilo, como sempre as educadoras e as técnicas foram muito atenciosas comigo. Interessante notar que há predominância do sexo feminino na equipe que acompanha o atendimento às meninas e do sexo masculino para a equipe que atende os meninos.

Nas entrevistas as meninas foram bem concisas, havia um pouco de tristeza na fala delas. Talvez por isso não tenham falado muito. Terminada a coleta prometi aos profissionais divulgar a defesa da dissertação.

## ANEXO G

### TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM ADOLESCENTES DO ABRIGO MASCULINO

#### **Fagner - Guerreiro Menino**

Um homem também chora / Guerreiro Menino (Gonzaguinha)

Um homem também chora  
Menina morena  
Também deseja colo  
Palavras amenas  
Precisa de carinho  
Precisa de ternura  
Precisa de um abraço  
Da própria candura

Guerreiros são pessoas  
São fortes, são frágeis  
Guerreiros são meninos  
No fundo do peito

Precisam de um descanso  
Precisam de um remanso  
Precisam de um sonho  
Que os tornem refeitos

É triste ver este homem  
Guerreiro menino  
Com a barra de seu tempo  
Por sobre seus ombros  
Eu vejo que ele berra  
Eu vejo que ele sangra  
A dor que traz no peito  
Pois ama e ama

Um homem se humilha  
Se castram seus sonhos  
Seu sonho é sua vida  
E a vida é o trabalho  
E sem o seu trabalho  
Um homem não tem honra  
E sem a sua honra  
Se morre, se mata

Não dá pra ser feliz  
Não dá pra ser feliz  
Não dá pra ser feliz  
Não dá pra ser feliz

## Entrevista 1 (questionário 02)

Janille (J) – Você desenhou o campo, a barraca, árvores, comparou com uma escola, onde educa e ajuda... Você pode me falar mais sobre essa comparação que fez? Você comparou o abrigo com alguma coisa, aí você escreveu assim: “Parece uma escola: educa e ajuda”. Você pode me falar um pouquinho mais sobre essa comparação?

Adolescente Fagner\* (F): Como assim tia?

J- O que você quis dizer mais sobre essa comparação?

F- Quando eu cheguei aqui sabia ler, mal escrever. Aí com a ajuda do reforço, da escola eu melhorei mais né? Nos estudos né? Tô estudando, agora faço a 5ª série. Aí por isso que eu digo que educa né? Quando cheguei aqui não sabia respeitar os outros, agora eu aprendi né? Só isso mesmo.

J- Eu tenho algumas formas de classificar os questionários, aí eu achei que esse teu, ele parece mais, o sentimento que você tem pelo abrigo é muito de se sentir pertencente a esse lugar. É como se esse abrigo... faz parte da sua vida, como uma coisa que faz parte de ti. Aí é mais ou menos isso ou é um pouco diferente?

F- É mais ou menos isso.

J-O que você acha da estrutura do abrigo? Da estrutura física?

F- Como assim tia? Não tô entendendo.

J- O prédio...

F- Ah, tu tá falando da estrutura aqui?

J- É, é...

F- Aqui falta muita coisa, o reforço não tem, a gente não fica muito acomodado, faz muito calor lá dentro e o (atual abrigo onde está) também tá precisando de uma construção mesmo, tá ruim aqui, aqui é bom por umas coisas, ruim pelas outras.

J- O que é bom e o que é ruim?

F- Ei tia, é porque aqui à noite é ruim, o almoço eu não digo nada não mas a janta... Tem plantão aqui que é chato, uns plantão de uns educador, tem uns educador que é limpeza mas tem outros... E tem de bom porque eu saí das ruas, tô aqui dentro.

J- Você saiu da rua, está aqui, o que tem mais de bom?

---

\* Nome fictício criado a partir de cantores de músicas que ilustram a Dissertação para não identificar o adolescente.

F- Tem tudo, quase tudo. Tem umas partes que é boa e outras que é ruim. É que eu não sei como explicar tia! Aprendi a fazer papel reciclado, aprendi o circo, já fiz show já, tô fazendo física.

J- Educação física?

F- É.

J- Aqui mesmo?

F- É.

J- Aonde é? No campo?

F- No campo e tem fora, a gente faz fora no outro campo grande.

J- O que é família pra ti?

F- Família é a gente conviver né? Tá sempre perto dela né? Mas é que eu não tô não, mas aqui é bem dizer uma família pra mim. Aqui me ajuda na maioria das vezes que eu preciso, ela me atende né? Aí isso que é uma família pra mim. Só num é minha família porque eu não tô com meus pais nem minha mãe né, mas em compensação, em outras coisas, ela é uma família pra mim.

J- Sua família hoje é quem?

F- Minha família hoje bem dizer é o pessoal aqui do abrigo.

J- Você escreveu aqui que está no abrigo porque não parava em casa. Como era isso?

F- Não, tia, é porque quando eu ficava em casa roubava, fazia o que não presta, aí eu roubava pessoal conhecido, aí tava só me prejudicando mais né, aí até chegar num ponto que não podia nem mais entrar em casa. Aí tive que parar nos abrigos.

J- Você está aqui a pouco tempo não é?

F- Tô, mas antes desse abrigo já passei um bucado de vez pelo (abrigo já desativado na cidade), entrava e saía, entrava e saía...Aí eu pensei logo “não, eu vou logo pra o abrigo logo”, aí eu vim pra cá, até hoje.

J- Como é que você acha que devia ser uma família?

F- Uma família pra mim devia ter mais carinho pelo outro porque aqui é uma família mas acho que nenhum considera o outro como uma família, como um irmão, como um, sei lá... Tá faltando isso.

J- O que é que você sente em relação a tua família de origem?

F- Como assim tia?

J- Você falou que sente aqui o abrigo como sua família, mas a sua família mesmo, onde você nasceu, o que você sente por eles? As emoções, quando você pensa neles, o que você sente?

F- Sinto saudade né? Saudade, fico pensando o que eles estão fazendo numa hora dessas lá, se eu tivesse lá como é que ia ser né, mas que pena que eu não posso tá lá.

J- Você consegue fazer uma comparação entre a sua vida aqui no abrigo e a sua vida quando você estava com a sua família? Hoje e como era antes?

F- Posso. Quando eu morava com a minha família antes era o tempo todo roubando, só vivia usando droga, fazia o que não prestava, mal parava em casa, só ia pra casa pra almoçar, pra dormir, passava a maior parte das noites na rua roubando, fazendo o que não presta. Hoje não. Usava droga demais, hoje eu já não uso mais droga. Aqui dentro não pode sair daqui de dentro, é por isso que aqui é melhor né?

J- O que seria preciso para você voltar para casa? Caso você quisesse?

F- Só minha família se mudar de onde eu moro, porque onde eu moro não dá mais certo pra mim não.

J- Que tipo de problema sua família enfrentava quando você estava em casa com ela?

F- Eu usava droga e ela ia buscar dentro da favela e eu me escondia com vergonha do que fazia, eu mesmo tinha vergonha do que eu fazia. Eu ficava na esquina e já via a minha mãe de longe e me escondia com vergonha. E aí diziam: “Hei Nem, tua mãe veio aqui doidinha atrás de tu”. Eu fazia que nem ligava, mas ficava com aquele sentimento de preocupação. Ficava fazendo minha mãe sofrer. Hoje não, hoje ela diz que gosta de mim, mas ela prefere eu aqui de que lá, porque lá diz que faz é sofrer.

### **Gonzaguinha - Caminhos do Coração** Gonzaguinha

Há muito tempo que eu saí de casa  
Há muito tempo que eu caí na estrada  
Há muito tempo que eu estou na vida  
Foi assim que eu quis  
E assim eu sou feliz  
Principalmente por poder voltar  
A todos os lugares onde já cheguei  
Pois lá deixei um prato de comida  
Um abraço amigo  
E um canto pra dormir e sonhar  
  
E aprendi que se depende sempre  
De tanta muita diferente gente  
Toda pessoa sempre é as marcas  
Das lições diárias de outras tantas pessoas  
  
E é tão bonito quando a gente entende



Que a gente é tanta gente  
Onde quer que a gente vá  
E é tão bonito quando a gente sente  
Que nunca está sozinho  
Por mais que a gente pense está

É tão bonito quando a gente pisa firme  
Nessas linhas que estão  
Nas palmas de nossas mãos

É tão bonito quando a gente vai à vida  
Nos caminhos onde bate  
Bem mais forte o coração  
O coração  
Ah! O coração

#### Entrevista 2 (questionário 01)

Janille (J)-No teu questionário eu percebi, pelo que você desenhou, que o abrigo você sente muito pertencente a ele, como se fizesse muito parte da sua vida. Mais do que achá-lo legal, bonito, com boa estrutura. Aí, o que você acha? Você acha que é mais se sentir pertencente ao abrigo ou você acha que está mais para achar o abrigo bonito, com estrutura boa?

Gonzaguinha (G)- Mais pra pertencente.

J- Por que?

G- Mas como assim?

J- Como é sentir esse pertencer para você?

G- Aqui dentro?

J- É.

G- Eu tenho ajuda dos educador, dos meus amigos, na hora que eu preciso deles eles me ajudam, o (diretor do abrigo) até o (adolescente do abrigo) me ajuda. Eu não quero mais sair daqui não, mas quando eu completar 18 anos vou ter que sair daqui.

J- Você já tem 17 não é?

Adolescente afirmou com a cabeça.

J- Você comparou quando eu pedi pra você comparar o abrigo com alguma coisa, você comparou com uma escola. Você pode me falar um pouquinho mais sobre essa comparação? Por que o abrigo parece uma escola?

G- Porque aqui a gente aprende muita coisa, aqui tem o reforço, tem aula de informática, de pintura, tem papel reciclado pra gente fazer caixa, aprende uma ruma de coisa, tem grafite.

J- Como o abrigo influencia na sua relação com sua família?

G- Como assim tia?

J- Você escreveu aqui que está no abrigo porque não parava em casa, aí como era isso?

G- Antes de ir para o abrigo eu tava em casa e eu comecei a roubar, roubei um cara lá doido, aí ele queria me matar. Aí eu fui pra casa de um menor. Na casa do menor não deu pra mim não. Ele morava muito trancado, dentro de uma casa lá. Aí fui pra o (um Albergue da cidade), aí fui pra rua, comecei a cheirar cola no (Terminal de ônibus), comecei a cheirar cola, aí quando os homens deram uma “pisa” neu, eu fui pro (Albergue) de novo, aí de lá vim pra (nome do Abrigo onde está). (Tem uma parte que não dá para entender). Tem de mudar de vida né?

J- Por que você não parava em casa? O que tinha na sua casa que você não parava em casa?

G- O que tinha não... É porque as amizade... Eu tava em casa e meus amigos me chamavam pra nós sair, aí nós saía e começava a roubar, só as amizade mesmo pra mim sair que não prestam. Aí eu tava em casa assistindo televisão, aí me chamavam “vamo jogar?” Aí do jogo nós ia fumar um bagulho, aí nós ia roubar, roubava a (nome de um lugar) lá, roubava bicicleta, mercantil, com revólver que um cara tinha.

J- Como é que o abrigo consegue fazer algum contato com sua família? Ele faz essa ponte entre você e sua família?

G- Como assim? Se fala com minha família?

J- É, se faz visita, se procura...

G- A assistente social liga pra minha mãe semana em semana, eu fui visitar já lá, (não dá para entender essa parte), só que eu não posso ficar mais lá não porque tem uns cara querendo me pegar lá, porque eu roubei eles lá... Visita, telefona, eu telefono também, manda roupa pra mim. Aí ela vai alugar uma casa pra eu poder morar com ela (fala da mãe) porque lá eu não posso morar com ela não.

J- Onde ela está hoje?

G- Lá em (nome de uma cidade).

J- O que é uma família para você?

G- Uma família pra mim é as pessoas que me ajudam, minha mãe, minhas irmãs, minha avó, sempre me davam apoio né? Minha família é essa. Eu tenho uma tia, mas ela não me ajudava não, ela usava droga, ela fazia era dar droga pra mim, que isso aí não é família pra mim, isso aí não é não. Minha família é minha mãe e minhas irmãs. Eu só considero minha mãe e

minhas irmã mermo, porque minha vó não gosta de mim não, nem minha vó nem minha tia. Aí pronto, é só isso mermo, minha mãe e minhas irmã. E meu cunhado né? Que nem da minha família é, só meu cunhado mermo. Esse cunhado me ajuda, me dá roupa, morei na casa dele 3 anos.

J- E o que você sente em relação a essa família? Que sentimentos você tem quando pensa neles...

G- O que eu penso? Eu penso uma tristeza porque eu num tô lá né? Eu penso assim né, que eu vou um dia subir, vou lá buscar eles, vou ajudar meu cunhado, minha mãe, minhas irmã. Eu vou subir e aqueles que me humilhou eles vão ver, pessoal que me humilhou eles vão ver, me humilhavam, diziam que eu não chegava aos 18 anos, mas eu garanto a qualquer um que eu chego até 18 anos, até quando Deus quiser né?

J- Você pode fazer uma comparação entre sua vida aqui e sua vida quando você estava com sua família?

G- Posso. Aqui eu já sou diferente, aqui aprendi muita coisa boa né? Aprendi pintar, trabalhar com reciclado, aqui aprendi muita coisa, jogar bola e na minha família era bom lá também, me davam coisa mas eu sô mais aqui porque aqui os educador ensina mais do que nossa família, mais do que nossa família o educador ensina. E aqui também tem regra né? Nós não pode sair, sai até as 7 e entra até as 10 (22h). É por isso e lá nós ficava bem dizer o dia todinho no meio da rua, com a família tava assim.

J- Se você quisesse voltar para casa o que precisaria para você voltar?

G- Precisaria... Pra mim não precisaria de nada não, só queria que o cara se mudasse, que quer me pegar, só isso mesmo pra eu ir pra casa. E um emprego, queria arrumar um emprego pra ajudar minha mãe também pra não ficar nas costas da minha mãe direto. Tô ficando de maior né? Arrumar um emprego pra mim...

J- Que tipo de problema sua família tinha quando você estava em casa?

G- Ameaçada. Minha família ficava ameaçada por causa de mim. A minha mãe e minhas irmãs ficavam ameaçada. Eu roubava na rua aí os cara iam lá (tem uma parte que não dá para compreender), aí eu dei um tiro no braço de um doidinho lá que ameaçou minha mãe. Ele era vigia, eu dei um tiro no braço dele. Minha família se sentia ameaçada, só isso mesmo.

## **Guilherme Arantes - Brincar de Viver**

Guilherme Arantes

Quem me chamou, quem vai querer voltar pro ninho  
Redescobrir seu lugar  
Pra retornar e enfrentar o dia-a-dia  
Reaprender a sonhar  
Você verá que é mesmo assim  
Que a história não tem fim  
Continua sempre que você responde sim  
À sua imaginação  
A arte de sorrir cada vez que mundo diz não

Você verá que a emoção começa agora  
Agora é brincar de viver  
Não esquecer, ninguém é centro do universo  
Assim é maior o prazer

Você verá que é mesmo assim  
Que a história não tem fim  
Continua sempre que você responde sim  
À sua imaginação  
A arte de sorrir cada vez que mundo diz não

E eu desejo amar a todos que eu cruzar pelo meu caminho  
Como eu sou feliz!  
Eu quero ver feliz quem andar comigo,  
Vem!  
Agora é brincar de viver!  
Agora é brincar de viver!

### Entrevista 3 (Questionário 5)

Janille (J)- Lembra que eu pedi para colocar uma nota e que aqui você colocou “2” nessa frase aqui: “o abrigo é um lugar prazeroso”. “2” está perto do “0” (zero) que seria falsa a frase, então fala um pouquinho de como você se sente aqui no abrigo, se é um lugar prazeroso ou não.

Guilherme (Gui)- O abrigo é bom né, até certo ponto que tu chega... porque tu aqui no abrigo tu não tá direto, tão perto assim, aproximadamente da tua família né? Tu tem que se excluir da família um pouco, se voltar mais pro abrigo. Ele é um lugar bom, tem os outros meninos que conversam, que brincam, mas nem sempre você sabe se o abrigo é aquele local certo pra você

estar, porque você estando lá você vai conseguir alguma coisa, você vai aprender alguma coisa e assim por diante.

J- Você comparou o abrigo com sua casa, você pode falar um pouquinho mais porque fez essa comparação?

Gui- Essa comparação aí foi por causa que na minha casa né, tem uma pessoa que eu não gosto mas ao mesmo tempo eu tinha que gostar dela porque era pra não causar muitos atritos familiares, que é minha madrasta. Aí eu comparei assim com o abrigo né, porque em casa eu não gostaria de estar tanto, mas como eu tô no abrigo eu tenho que mudar um pouco e vê o que é que tá faltando aqui pra mim, pra mim conseguir e ver se eu mudo mais um pouco.

J- Mas tem alguém que você não goste aqui?

Gui- Não, não, aqui eu não tenho nada contra ninguém não.

J- Eu faço a classificação dos questionários com algumas características, aí eu queria saber se aqui no abrigo você sente que é um lugar mais que você pertence a ele, é um lugar que faz parte da sua vida ou é um lugar que é mais significativo por ter atrações, você pode usufruir, que você pode desfrutar, você acha que é mais o que...

Gui- Pra mim é mais uma parte da minha vida né? Que de qualquer maneira to passando minha adolescência num canto, to aprendendo cada vez mais sobre o mundo lá fora e aqui dentro também.

J- Você falou que está aqui por atritos familiares, você pode me falar um pouquinho mais sobre isso?

Gui- Porque minha mãe morreu faz sete anos, aí eu fui morar com um tio meu, morei 3 anos com ele, aí chegou... Isso eu tinha 7 anos quando eu fui morar com meu tio né? Aí morei com ele meus 9, 10 anos por aí. Aí eu vi que tava na hora de voltar pra casa do meu pai, fui morar com meu pai. Aí chegando lá morei 2 anos com ele, aí a partir desses 2 dois anos parece que minha madrasta começou a ficar com ciúmes porque eu tava me aproximando muito do meu pai, essas coisas assim, aí começou a inventar briga, mentira de mim, aí todo dia tinha uma discussão, todo dia eu brigava com ela, batia nela, ela batia em mim. Aí chegou um ponto assim que eu disse assim: “não pai, vai... ou o senhor vai se separar dela ou vai me tirar daqui, me botar pra outro canto ou então eu vou pra rua”. Aí eu peguei, aí descobri a (nome de um abrigo), aí fui pra lá, passei 8 meses. Aí eu vi também que não tava mais dando muito certo lá porque lá é uma casa abrigo onde você não tem acesso lá fora, você não vê o que tá se passando, você não vê nada, é só ali dentro daquele local direto, só... É um terreno, você morando naquele terreno direto, só isso. Aí eu descobri o (albergue da cidade), fui pro

(albergue da cidade), obedeci todas as normas lá e vim pra cá né? Aí tô aqui. Tô me dando bem e até agora eu acho que tá legal por aqui.

J- O abrigo consegue fazer algum contato com sua família?

Gui- Consegue. Até os finais de semana já tenho ido pra casa já, por causa que a assistente social já ta conseguindo já pra mim ir pra casa, casa dos meus tios.

J- Você já está indo pra casa dos teus tios não é? Não do teu pai não é?

Gui- Não, do meu pai por enquanto eu não tô indo não. Também não peço pra ligar nem nada não. Deixa a poeira baixar pra ver o que que...

J- O que é família pra ti?

Gui- Pra mim é aquela coisa que você tem aqui e lhe apóia todas as horas, lhe dão carinho na hora que você precisa, se eles precisarem você também puder, você puder ajudar você ajuda, eles lhe ajudam quando podem. Família é, por exemplo, a mãe né? Ela te butou no mundo, cuida de tu até teus 18 anos, por aí, aí tu pega, começou a trabalhar, se ela cuidou de ti e tu puder ajudar a ela, tu não vai ajudar? Porque se ela te ajudou muito quando tu precisou... Só...

J- Quem é sua família hoje?

Gui- Hoje mesmo é meu tio e meu irmão. Porque é as únicas pessoas que por enquanto eu tô indo pra casa, que tô me envolvendo mais é só eles dois.

J- Quando você pensa em família quais os sentimentos que te vem? O que você sente quando pensa em família?

Gui- Às vezes, raiva, depende do momento. Tem horas que depende do momento, no que eu esteja pensando. Às vezes raiva, às vezes um carinho, lembranças... Só.

J- Você pode fazer uma comparação de como era sua vida em família e como é sua vida agora no abrigo?

Gui- Posso. Assim...lá, quando eu tava em casa né, todo dia eu tinha uma discussão com minha madrasta, todo dia era briga. Essa hora mesmo, eu me acordava, ia pro colégio. Quando eu chegava 11 horas, que ela é diretora de um colégio, eu chegava 11h ela já tava em casa, aí começava outra discussão, depois do almoço ela voltava pro colégio. Quando dava 5h da tarde que ela chegava, eu saía... E aqui não. Aqui eu passo o dia aqui, tenho pessoas que gosta de mim, tem aquelas pessoas que tão me ajudando, tem aquelas pessoas que me incentivam a fazer as coisa, tem aquelas pessoas que vão me ajudando aos pouquinhos. Aí em casa não, em casa eu tava bem dizer só com a ajuda do meu pai, direto, só naquele mesmo sistema todo dia: todo dia ela chegava 5h e eu saía, chegava 5h e eu saía. Aqui não. Aqui quando chega 5h da tarde, todo mundo... O educador chega: “Guilherme, tal pessoa, tomar banho, já tá quase chegando a hora do colégio, tomem banho, se arrumem, vão pro colégio.” Eles dão ajuda né?

Ela não, lá ela tava mesmo que eu fosse uma parede dessa aí. Ela me via: “há... sei nem quem é.” Aqui no abrigo não, tem pessoa que gosta da gente, que tão tentando arranjar um futuro melhor.

J- Se você quisesse voltar para casa, o que precisaria mudar?

Gui- Só um pouco da minha madrasta, diferenciar o gênio dela. Se ela mudasse com certeza eu também mudaria.

J- Você falou desse problema com sua madrasta mas havia outros problemas que a sua família passava quando você morava com eles?

Gui- Não, só o atrito com minha madrasta mesmo, direto, que era o mesmo atrito com minha madrasta. Todo dia era discussão, briga, todo, todo dia. Meus amigos me ofereciam droga, nunca usei droga, nem cigarro, nunca tive problema com droga...

### **Luiz Gonzaga - Asa Branca**

Luiz Gonzaga

Quando olhei a terra ardendo  
Qual fogueira de São João  
Eu perguntei a Deus do céu, ai  
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornalha  
Nem um pé de plantação  
Por falta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão

Até mesmo a asa branca  
Bateu asas do sertão  
Então eu disse adeus Rosinha  
Guarda contigo meu coração  
Longe, longe muitas léguas  
Numa triste solidão  
Espero a chuva cair de novo  
Para eu voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus olhos  
Se espalhar na plantação  
Eu te asseguro não chores não, viu

Que eu voltarei, viu  
Meu coração

#### Entrevista 4 (Questionário 8)

Janille (J)- Você fez uma comparação do abrigo, comparou com um “lugar muito bom, com muitas oportunidades, basta a gente querer.” Me fala um pouquinho mais sobre esse lugar bom, que você comparou o abrigo.

Luiz (L)- Ai, eu acho que é um abrigo que tirou a gente da rua, deu uma força, foi uma força que nessa hora que a gente, eu mermo tava em risco de vida na rua, correndo risco de vida porque eu estava passando fome, estava apanhando de polícia, usando droga, então eu tava me sentindo obrigado estar usando droga porque eu não sou aviciado nas drogas, só uso droga quando eu tô na rua... (fita acabou e pesquisadora deixou adolescente a vontade para continuar a falar). Já tinha saído da (atual abrigo onde está), a 2ª ou 3ª vez por aí. Aí o pouco que eu sofri na rua, que via a fome que eu passei, o sofrimento que passei, o tanto que eu apanhei e tudo, aí ele me deu outra oportunidade, muito difícil mas eu consegui. Então eu sofri muito para conseguir essa outra oportunidade, então, a gente sempre na vida, eu acho assim: que na vida a gente tem que sofrer um pouco pra aprender a lição. Então foi o que aconteceu comigo: eu sofri um pouco pra poder dar valor aonde eu morava, dar valor aqui dentro. Então, aí eu voltei essa vez pra (atual abrigo onde está), dando muito valor, como tô dando valor agora, tô fazendo de tudo, não tenho reclamação, não levo reclamação da direção, só levo elogio, até hoje, até essa última vez que eu voltei e vô ficar assim sempre. Então eu acho aqui um lugar muito bom porque dá várias oportunidades, tem curso pra gente fazer, dá os estudos da gente, dá educação da gente, dá tudo que a gente precisar. Tudo não, a metade que a gente precisa porque tudo e sempre depende da gente. Então não adianta você querer fazer uma coisa por mim se eu não quiser, tudo vai depender de mim. Eu acho que a metade do caminho quem tem que fazer é eu e não ninguém. Então, a gente sempre na vida tem que ter força de vontade pra poder vencer na vida, se a gente não tiver, a gente não vai pra canto nenhum. Então eu digo que aqui é um lugar muito bom, acho que é um dos melhores abrigo pra mim, de Fortaleza é a (atual abrigo onde está) porque já vi muita gente sair daqui e hoje está bem graças a Deus, que os outros que tão na rua não tá bem porque eu acho que se sentiram, foram umas pessoa fraca, não tiveram coragem pra enfrentar a vida, porque a vida pra mim é cheia de barreira. Todo dia a gente tem que enfrentar uma barreira na vida da gente, se a gente não for bastante forte não vai conseguir. Então o que aconteceram com os outros: eles não conseguiram vencer mas foram umas pessoa fraca, mas se Deus quiser eles vão conseguir vencer na vida, igual eu tô mudando eles vão mudar porque todo mundo é capaz de mudar, basta querer.



J- Você falou aqui porque você está aqui no abrigo: teve atritos com sua família que não aceitou você ser homossexual. Você pode falar um pouquinho mais de como foi isso?

L- O fato não foi bem por eles não aceitarem eu ser homossexual, minha família... quando eu... Eu não era homossexual, eu comecei a me envolver sabe, assim, com dois homossexual que tem na minha cidade no (nome da cidade). Eu comecei a me envolver com eles lá. Aí comecei a andar, comecei a sair. Eu era uma pessoa que era de casa pra igreja, que eu tinha minha avó. Minha vó era bastante velhinha, era de casa pra igreja, que eu gostava muito da minha vó, não gostava porque pra mim ela não morreu, ela tá no meu coração. Eu gostava muito dela, gostava não, gosto muito dela, só que ela morreu, mas ela tá no meu coração ainda. Gostava muito dela, mulher, aí pronto, aí depois que ela morreu eu entrei nesse mundo, sabe, assim, entrei. Mas se fosse só o fato de eu ser homossexual minha família não ia me botar pra fora, não ia acontecer nada disso. Eles iam me aceitar, eu tenho certeza. Mas o problema sabe o que foi? Comecei a me misturar com droga, comecei a sair, beber, comecei a passar dias, semana fora de casa, não dava notícia, eu comecei a dar muito trabalho a minha família, minha família me deu muita... Como é teu nome mesmo?

J- Janille.

L- Janille, minha família me deu muita oportunidade, muita mesmo, que eu vacilei bastante. E as oportunidade que ele me deu eu sempre pisava na bola e tudo, aí eu saí pra fora de casa, saí de casa, viajei pra aqui, vim embora pra tentar mudar porque eu vi que lá não tinha como eu tentar mudar. Lá tinha a tentação pra mim conseguir usar droga, precisava de um tratamento, ninguém tava enxergando isso: que eu precisava de um tratamento, eles pensavam que botar eu dentro de uma casa pra me dar comida e tudo, isso era o suficiente mas não. Eu precisava de um tratamento, como eu tô fazendo aqui, um tratamento bom, com tudo, longe das drogas, longe de tudo de ruim. Agora eu penso assim: já que eu pisei na bola várias vezes com minha família, me deram muita oportunidade, eu tô aqui em Fortaleza, muito longe da minha família no (nome da cidade de onde veio), uma distância muito grande, um pouco grande, eu vou tentar mudar. Vou tentar não, eu vou mudar aqui em Fortaleza e vou chegar pra minha família de cabeça baixa e vou pedir desculpa, vou pedir perdão porque que errou fui eu. Eles me deram várias chances e eles tão no direito deles de perdoar ou não, porque eu errei, pisei na bola com eles, então o direito é eu chegar de cabeça baixa e pedir perdão. E não só pedir perdão, amostrar a eles que eu realmente mudei. Não é só pedir perdão. Porque eu acho que só em falar a pessoa não tá fazendo nada. Você tem que agir, você tem que fazer, não só falar. Então foi por isso que eu fui pra fora de casa, por modos de...(não dá para entender) das drogas, porque as drogas...Uma coisa que afasta muito a família da gente é as drogas. Dá uma

distância muito grande porque todo mundo da minha família trabalha, estuda e tudo. Todo mundo da minha família já terminou os estudos, assim, meus irmãos, primos, meus tios, todo mundo já trabalha e tudo. Só eu que me envolvi nesse mundo. Mas todo mundo trabalha, tem sua casa, tem sua esposa e tudo, só eu que fui pra esse lado. Mas não é pelo fato de eu ser homossexual que eu não vou me dar valor, que eu não vou me dar ao respeito. Aí é que eu tenho que me mostrar porque sou gente igual todo mundo, eu pago imposto igual a todo mundo, eu tenho meus direitos de cidadão.

J- O abrigo consegue algum contato com a sua família? Por telefone, por visita para tentar algum contato da sua família contigo?

L- Essa organização né? Aqui na (abrigo onde está) eles trabalham com a gente pra botar a gente pra voltar pra família. Então comigo eles entram em contato com minha tia, em contato com minha irmã, em contato com meus sobrinho e tudo, mas se fosse por eles, por minha família e pela (abrigo onde está) eu já tinha voltado pra minha família. Eles já tinham me resgatado de volta mas eu digo não. Porque não aceito agora porque eu não tô me sentido uma pessoa preparada pra voltar pra casa. Eu não tô preparado, então quero voltar pra minha casa quando eu tiver uma pessoa preparada, tiver pronto...pra poder lutar na vida porque eu não tô preparado. Mas só quero sair daqui quando eu tiver preparado. Por que o que adianta eu ir pra minha casa agora e enganar mais uma vez a minha família? Enganar mais uma vez a (abrigo onde está)? Eu não quero, eu não tô preparado suficiente pra ir lá fora da (abrigo onde está). Sou eu mesmo responsável pra cuidar da minha vida. Vou refazer a minha vida, eu quero ir pra ajudar os meus amigos, os meus irmãos que ficou lá fora, lá em baixo, no fundo do poço, nas drogas, mentindo, roubando, apanhando de polícia. Eu sei o quanto é ruim porque eu já passei por isso. Ninguém pode dizer isso melhor que eu porque eu já passei por isso. Então eu vou sair lá fora sim, não pra entrar mais nesse mundo que é horrível mas pra ajudar meus amigos. Pra tentar resgatar eles como eu fui resgatado, como os outros me ajudou, eu vou ajudar eles. Então o mundo lá fora é muito ruim, a (abrigo onde está) tenta de tudo, faz de tudo pra gente voltar pra família mas é isso: eu não tô preparado ainda. Se eu tiver preparado eu mesmo chego para a Organização, pra Direção, Coordenação e digo “eu estou preparado para ir lá pra fora e quero seguir a minha vida, sem vocês agora.” É isso.

J- O que é família para ti?

L- Família? Família é uma coisa muito importante porque a família sempre tá nas hora mais difícil, a família sempre tá ali lhe ajudando, dando conselho. E a família é até o final da vida. Então família pra mim é tudo, tudo, acho que você sem família é uma pessoa...Você se sente uma pessoa abandonada, uma pessoa desprezado, uma pessoa sem capacidade nenhuma pra

vida, você sem família. Eu penso do meu lado assim: você passa um aniversário sem uma família, você... Agora em agosto vai ser o meu, vai ser bom porque eu tô arruado de gente boa, que quer me ajudar, que tá me ajudando e eu tô ajudando eles também. Vai ser bom por isso, vai ser bom porque eu tô com paz, tô com saúde. Tô porque Deus me deu isso, graças a Deus, vai ser bom porque eu tô dentro de uma casa, tô comendo, tô bebendo, alimentação tudo na hora certa, não tô na rua, não tô apanhando, não tô sofrendo. Então a família, na hora que passa um Natal, um Ano Novo, você longe da sua família acho que é uma coisa muito triste. Todo mundo com sua família, namorando, fazendo tudo ali... Só você, sozinho ali... Pra mim eu me sinto um peixe fora d'água, que nem às vezes aqui. Não tenho pai, não tenho mãe mais, mas tenho o do céu, aqui da terra não tenho mais. Mas pra mim eu tenho tudo do céu, tenho eles dois perto de mim. Todas as mães vem visitar os meninos aqui na (abrigo onde está). Todo mundo na semana, final de semana vão pra casa, só eu fico. Então eu me sinto assim...um peixe fora d'água pelo fato de eu não ter minha mãe, pelo fato de eu não ter um pai. Nunca tive o amor de uma mãe quando eu era pequeno, do pai quando era pequeno. Mas eu ainda penso em ter um filho e dar o amor de um pai, o amor de mãe que eu não tive quando era pequeno. Eu vou dar esse amor e não quero que ele passe por isso que eu tô passando: a vida de abrigo, vida de rua e tudo. Eu vou dar muito amor ao meu filho quando eu crescer.

J- Quem é sua família hoje?

L- A minha família é o povo que eu convivo porque eu acho que a sua família é o povo com quem você convive, com quem você mora, com quem você dorme, com quem você acorda. Então a minha família é a (abrigo onde está), a minha família nesse momento é a (abrigo onde está) porque é a (abrigo onde está) que ta comigo, é a (abrigo onde está) que tá comigo nas hora difícil, a (abrigo onde está) que tá me ajudando em tudo, é a (abrigo onde está) que tá sempre por mim, então minha família hoje é a (abrigo onde está).

J- Quando você pensa em família, na sua família de origem, quais são os sentimentos que te vêm?

L- Há os sentimentos?... É que eu errei muito com minha família verdadeira, eu errei muito, pisei muito na bola como eu já lhe disse. Fiz muito eles sofrerem por mim, quase meus primo perdem o emprego... Às vezes fazia loucura que não era pra mim fazer. Eu penso assim: vem uns sentimento ruim, as coisa ruim que eu fiz e as coisa boa que eu fiz porque na vida porque na vida a gente não faz só coisa ruim não. A gente faz coisa boa também, fazia coisa ruim e fazia coisa boa também. Então vem os momento triste e os momento de felicidade, eu sinto muita falta da minha família. Se eu disser que eu não sinto, eu sinto, eu sinto muita falta. Fico só na minha cama, deito, fico pensando: “meu Deus, ai como era bom tá com minha família,

tá com meu irmão, abraçando, no meu aniversário, se beijando, dá um beijo no rosto do meu irmão, dá um beijo, dá um abraço de irmão mesmo”. Acho que é uns sentimento bons, outros ruim.

J- Você pode fazer uma comparação de como era sua vida com sua família e como é sua vida hoje no abrigo?

L- Minha vida com minha família, ultimamente eu nem sabia se existia abrigo, era muito boa. Como eu lhe disse: no começo, que eu não tinha me misturado nesse mundo, tudo era muito bom, minha família gosta muito de mim. Se eu disser que minha família não gosta de mim, eu tô mentindo, gosta muito de mim minha família. Sempre fez de tudo por mim. Era muito bom no começo mas depois que eu entrei nesse mundo daí é claro que muda né? Mudou muito. Aí, pronto, não foi muito bom não. Mudou, claro que errei, mas agora tá muito bom. Agora quando eu cheguei aqui em Fortaleza eu realizei metade dos meus sonhos. Não foi o tanto que eu realizei na minha cidade mas tô realizando aqui. E vou ser muito feliz aqui, tô achando muito bom aqui essa vida de agora. Tô gostando muito.

J- Como é essa vida aqui no abrigo?

L- Se eu dizer que a vida no abrigo é boa, eu tô mentindo, não é boa. Porque além de abrigo você não tem tudo que você tem em casa: brincar a hora que você quiser e tudo. No abrigo você tem os seus direitos e tem os seus deveres. Como os nossos direitos é a gente cobrar do abrigo e nossos deveres é cumprir com as atividades do abrigo que você sabe que sempre é um pouco difícil. Sempre tá gazeando ali, alguma atividade, negócio de uma limpeza você quer fugir. A gente ainda é assim um pouco! Aí o dever da gente é esse: cumprir com as atividades da casa que a gente sempre tá fugindo, com as aula que a gente sempre dá uma gazeada aqui, acolá. Tu sabe como é a vida de adolescente, é um pouco mais complicada e quando a gente já... (não foi possível entender), já tem cabeça de adulto. Aí no abrigo é bom, assim, porque a gente tem nossos deveres, é esse: nós cobra do abrigo muito pouco porque o abrigo faz tudo antes da gente cobrar. Eu acho que era pra gente ser assim: não deixar o abrigo cobrar da gente, a gente fazer antes do abrigo cobrar mas a gente sempre não tem essa cabeça suficiente pra pensar também né?

J- Se você quisesse voltar para casa hoje, o que precisaria mudar?

L- Em mim ou em que?

J- Em vários aspectos.

L- O que precisaria mudar em mim era... eu sair das drogas, eu mudar com minha família, ser mais educado, ser mais isso e aquilo. Era necessário mudar nisso. Eu precisava mudar, não

minha família, que a minha família tá sempre preparada pra me receber. Eu é que preciso mudar, não minha família.

J- Que tipo de problemas sua família enfrentava quando você estava com eles?

L- Bastante preocupação. Até gente ir lá em casa querendo me matar. Preocupação, doido, o povo inventava história. Eu saía de casa, ficava dois, três dias, semana fora e ficavam muito preocupado minha família. Então eles enfrentavam muita dificuldade, muito problema.

### **Ivan Lins - A gente merece ser feliz**

Ivan Lins

Tudo que eu fiz  
Foi ouvir o que o meu peito diz:  
"Que apesar de toda mágoa  
Vale a pena toda luta  
Para ser feliz"

Tudo que eu quis foi seguir a mesma diretriz  
Confiando e acreditando  
Que na vida todo mundo pode ser feliz  
É preciso crer no coração  
Porque se não  
Não tem razão de se viver  
E eu quero ver  
Nascer um tempo bom  
Meu peito diz:  
"Coração da gente é igual pais"  
Não deu certo uma mudança, você muda de esperança

Porque a gente merece ser feliz (3x)

### Entrevista 5 (Questionário 9)

Janille (J)- Você comparou, nessa parte aqui que eu peço para comparar o abrigo com alguma coisa, você comparou com a sua casa. Aí você falou “tem tudo de bom em casa, no abrigo... só é bom em casa porque não tem regras, no abrigo tem regras”. Você pode me falar um pouquinho mais sobre essa comparação, isso aqui que você quis dizer?

Ivan (I)- É por causa que aqui no abrigo a gente não é muito liberado não, em casa a gente é. Em casa se a gente for pra qualquer canto, pedi a mãe, a mãe deixa. Aqui os educador a maioria não deixa não. Pedi pra ir pra festa de alguém, e olha lá, eles ainda vão pensar se vão

deixar ou não. Porque eles pensam que qualquer coisinha a gente vai fugir pra rua de novo. A gente fala “não vou fugir não”, aí eles pega, acho que ainda nem confiam quando a gente sai, eu pego e saio. Eu pego e volto. Aí eles pegam e falam “voltou Ivan?!” Pensam que eu vou pra rua é? Vou mais não. Só.

J- Por que você comparou com a sua casa?

I- Porque em casa quando eu peço as coisa à mãe ela deixa eu ir pra qualquer canto, ela não me tranca não. Ela confia em mim. Eu pego e vou e volto.

J- O que que você acha aqui do abrigo?

I- Acho legal porque aqui eu tô estudando né? Aprendi aula de circo, pintura, informática. Em casa não aprendia isso não, só estudava mesmo, em casa que eu aprendia.

J- Você colocou aqui o motivo para estar no abrigo foi porque você usava droga. Você pode me falar mais um pouco sobre isso?

I- Eu usava droga pra poder esquecer das coisa né? Ficava assim meio preocupado, aí eu pegava e se lembrava pra mim esquecer.

J- Quais eram suas preocupações?

I- Aí eu esquecia, aí usava mais, aí me aviciei e fui pra rua. Aí pronto, quando eu fui pra rua, vim pra cá.

J- Que tipo de problema sua família enfrentava?

I- Necessidade, ela ficava preocupada porque não tinha dinheiro, nem a mãe... Às vezes eu saía por aí, nem avisava a mãe não.

J- Que tipo de necessidades?

I- Trabalho que a mãe não tinha e pra ela poder arranjar alimento tinha que lavar roupa velha dos outros, se humilhando pros outros.

J- O abrigo consegue fazer contato com sua família, consegue ser uma ponte entre sua família e você?

I- Consegue.

J- Como é que ele faz?

I- Quando a gente vem morar aqui, aí quando a gente passa um mês né? Aí depois de um mês a gente vai fazer visita em casa, aí começa a ir pra casa da mãe no fim de semana, aí começa a botar pra família de novo até voltar pra casa.

J- O que é uma família para você?

I- Minha mãe e meus irmãos.

J- O que você sente quando pensa nessa família? Quais são os sentimentos que te vem?

I- Eu queria voltar pra casa né? Só que não dá. Eu queria ficar junto com ele, aí não dá porque eu posso me aviciar de novo e ir pra rua. Aí por isso que eu tô aqui me recuperando, direto.

J- Você pode fazer uma comparação de como era sua vida com sua família e como é sua vida agora no abrigo?

I- Posso, que lá em casa numa hora dessas a gente saía por aí né? Pra poder arranjar alguma coisa pra casa. Aqui não, aqui tô tendo alimento, tô dormindo. Em casa eu não tinha essa oportunidade toda não, ficar na moleza não como aqui. Aqui tô dando graças a Deus está aqui, se não acho que já tava preso por aí já.

J- Se você quisesse voltar para casa o que precisaria mudar para você voltar?

I- Emprego pra mim, que eu sair daqui tiver um curso na minha mão já, já ajudava a minha mãe pra ficar mais fácil.

## ANEXO H

### TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM ADOLESCENTES DO ABRIGO FEMININO

**Cássia Eller - Malandragem**

Cazuza / Frejat

Quem sabe eu ainda sou uma garotinha  
Esperando o ônibus da escola sozinha  
Cansada com minhas meias três-quartos  
Rezando baixo pelos cantos  
Por ser uma menina má  
Quem sabe o príncipe virou um chato  
Que vive dando no meu saco  
Quem sabe a vida é não sonhar

Eu só peço a Deus  
Um pouco de malandragem  
Pois sou criança e não conheço a verdade  
Eu sou poeta e não aprendi a amar

Bobeira é não viver a realidade  
E eu ainda tenho uma tarde inteira  
Eu ando nas ruas, eu troco um cheque  
Mudo uma planta de lugar  
Dirijo meu carro  
Tomo o meu pileque  
E ainda tenho tempo pra cantar

#### Entrevista 1 (questionário 02)

Janille (J)- Eu olhei seu questionário e parece que o que chamou mais atenção para ti... Você lembra que fala sobre o abrigo... Aí parece, pelo que eu vi, que o que mais te chamou atenção aqui no abrigo são as oportunidades, as coisas que te proporciona... É isso mesmo ou tem outra coisa que te chama mais atenção aqui?

Cássia (C)- Eu acho que é isso. As oportunidades que a gente tem aqui, que a gente faz curso, estuda,... Eu acho que é isso. Eles tentam ajudar a gente de várias maneiras, eu acho que é isso.

J- Você comparou o abrigo com uma ponte. Você pode falar um pouco mais sobre essa comparação?



C- É porque é assim... O abrigo é assim... os educador, psicólogo, assistente social, esse pessoal tenta ajudar a gente de vários tipos de maneira. De vários tipos de jeito, certo? Mas a gente não pode ficar só parado porque eles não vão sair de onde estão pra ajudar a gente. Se a gente não quiser, a gente tem também que caminhar, lutar pra gente poder conseguir o que quer, o que eles acham também, mas não depende só deles, tem que partir também da gente. Só depende da gente querer mudar. Aí eu comparei com uma ponte porque não fica parada? É só um apoio pra nós passarmos? Aí eu comparei a uma ponte. Acho que é isso.

J- Você colocou aqui que está no abrigo porque usava droga. Aí como é que era isso? Em casa, você não podia ficar, aí veio para cá... Como foi isso?

C- Foi porque eu tava em casa e começava a me envolver com quem não prestava, né? Aí comecei a usar droga. Aí como eu já tava aviciada aí eu... fazia a menina pra ela comprar a minha droga pra me ajudar né, pra me sustentar comprando e tal... Ela só me sustentou até eu, até o tempo que pra mim ficar aviciada né. Depois que eu tava aviciada aí ela “não, agora você vai ter que ir atrás.” Aí pra mim ir atrás eu tive que roubar, aí eu não sabia roubar. “Pô, eu vou roubar quem?” Aí eu “eita, eu tô viciada, o que que eu faço agora?” Comecei a tirar dinheiro escondido da minha mãe né? Minha mãe saía, deixava dinheiro mermo, muito dinheiro mermo. Tirei mais de duzentos contos da minha mãe, muito mermo. E minha mãe, não dava mais pra mim ficar com ela lá em casa porque minha mãe não tinha mais confiança em mim. Se ela fosse na buodega, na esquina ela tinha que dizer “Cássia vou aqui.” Aí eu ia pra fora, passava para o lado de fora, aí eu trancava as porta, aí ia. Quando ela voltava, eu entrava. Era vinte e quatro horas colada no meu pé pra mim não cometer mais esse tipo de erro: tá tirando dinheiro dela. Aí eu peguei e fui pra casa da minha mãe verdadeira. Lá eu não me dei muito, aí peguei fui pra rua, aí da rua conheci o (albergue da cidade), fui para o (albergue da cidade), aí vim pra cá.

J- Aqui você está fazendo algum tratamento?

C- Tô, no (lugar de atendimento ambulatorial).

J- Como é que o abrigo influencia na sua relação com a sua família?

C- Influencia, como assim?

J- Como é que serve de ponte para entrar em contato com sua família, faz visita?

C- Eles falam, conversam que vão fazer visita lá em casa, perguntam o que foi que eu fiz de errado. Aí minha mãe fala, aí e ... pelo que minha mãe tá falando aí a psicóloga e a assistente social conversam com minha mãe, devido os tempos que elas vão fazer a primeira visita, já fazem... Até o dia que minha mãe disser assim “bom, agora já que ela mudou eu aceito ela.” Eles vão... aí se eu tiver fazendo por onde, por exemplo: estiver estudando, fazendo curso,

tiver muito bem mesmo, como eu tô agora, aí eles vão chegar pra minha mãe e vão dizer “poxa, tua filha tá legal, tá boa, ela gosta de tudo.” Ela vai dar o maior incentivo né e também dá maior incentivo pra eu poder ficar em casa, então primeiro pra eu passar o fim de semana em casa. Eu acho que a influência é muito grande, muito boa mesmo, deles assim.

J- O que é família para você?

C- Família? É apoio. Uma coisa assim que eu não tive né? Mas assim, eu vejo tantos casos aqui, de meninas que usavam drogas, se prostituía, fazia muita coisas erradas mermo, mais do que eu, e a mãe sempre apoiava, dizia “pô, isso é errado...” Dava conselho né? Uma coisa que minha mãe nunca fez... fez comigo, me dava conselho e tal mas ela não sabia chegar pra mim, conversar direito, dizer “pô, o que que tu tá sentindo? O que é que tu tem? Por que tu tá agindo desse jeito?” Ela nunca chegou ... Então eu acho que família é isso: sentar, conversar, ter um diálogo, uma coisa que eu não tinha com minha mãe, nunca tive com a minha mãe de criação, nem com minha mãe verdadeira. Eu acho que é isso né? Apoio, segurança, amor né? É porque a minha sempre me deu amor, carinho, assim né? Mas a única coisa que eu sentia mais falta dela era o diálogo que nunca rolou entre eu e minha mãe.

J- Quem é sua família hoje? Quem você considera sua família?

C- O abrigo. Eu acho que é porque é aonde eu estou no momento e que tá me dando maior apoio, maior força. Porque tem momentos que eu digo “há... eu não vou conseguir, eu vou fugir”. Sempre tem um educador, dois, as adolescente mermo “tu vai conseguir! Se tu quiser, doido, tu tá passando só por uma dificuldade.” Como eu disse na ponte, a ponte sempre tem uns pequenos defeitos, às vezes é uma tábuá quebrada, descolada. Mas a gente ultrapassar por ela, nem que demore bom tempo pra gente conseguir passar dos obstáculos e enfrentar mais obstáculo e no fim a gente já poder olhar pra trás e dizer “pô, como eu mudei, tanta coisa que eu fiz de bom.” Eu acho que a minha família agora é o abrigo, tá me dando o maior apoio.

J- Que sentimentos você tem em relação a sua família de origem?

C- Sentimentos? Eu gosto ainda muito da minha mãe de criação, tu é doido, minha mãe de criação pra mim é tudo. Agora assim, minha mãe verdadeira, eu não vou mentir, o que eu sinto por ela, eu não tenho amor. O que eu sinto por ela é ódio, só ódio mesmo. Assim, pelo que ela fez comigo, o que ela fez com minha irmã. Se você passar ali pelo (bairro da cidade) você vê minha irmã lá no (bairro da cidade) dormindo. Tu é doido! Isso é muito ruim, de partir o coração de qualquer um. Mas, né, é a vida mas minha mãe, o que eu sinto o amor pela minha mãe de criação é muito grande, um negócio muito bom.

J- Você pode fazer uma comparação com a sua vida aqui no abrigo e como era sua vida quando você estava com a sua família, sua mãe?

C- Assim ó, o que eu passo aqui no abrigo eu nunca passei aqui em casa. Em casa eu dizia assim “mãe, eu quero isso.” Pronto, eu chegava em casa aí eu “mãe, vai ter uma festa no colégio.” Aí ela “certo.” “Eu posso ir?” Aí a mãe: “pode.” Fosse de noite, qualquer horário ela deixava mas cumprindo os horários e tal. Aí eu dizia “mãe, mas eu não vou com mais nenhuma roupa dessas porque não dá, tem que comprar outra.” Na mesma hora minha mãe se levantava “pois vamo comprar.” Na mesma hora ia comprar. Era tudo que eu pedia, na mesma hora. Eu era mimada demais, às vezes eu era... a minha mãe não queria me expor na sociedade muito pra mim não usar as coisas ruins, as coisas ruins que aconteciam. Então quando eu saí de casa encontrei um montão de dificuldade porque eu passava sede, não roubava, não fazia nada de errado porque eu era uma patricinha mermo, muito mimada. Tudo que eu queria era na hora mermo. E aqui no abrigo a gente tem que esperar né, um certo tempo. Por exemplo: se esculhambar alguma coisa aqui, a gente repor, a gente vai limpar, nós vamos ter que esperar, aí já aqui a gente espera. Em casa não, era na mesma hora. Eu acho que só diferencia isso porque o carinho, o amor, não é o mesmo né mas dá pra ir levando.

J- O que precisa para você voltar para casa caso você quisesse?

C- Eu deixar de usar de vez as drogas, sem ter nenhuma recaída e minha mãe voltar a ter a confiança que ela tinha em mim. Só isso.

J- Que tipo de problema sua família enfrentava quando você estava com ela?

C- Só assim... Minha mãe de criação não sabe que eu uso droga, só minha mãe verdadeira. Eu acho que o que falta pra mim, essa pergunta né... Eu acho que as dificuldades era só porque de repente quando eu comecei a usar droga eu fui começando a deixar de estudar, nem ligar pros estudos, se danar, dar problemas, nesse caso desobedecer minha mãe. Eu acho só isso mesmo, as dificuldade que passava, era só essas.

**Maria Bethânia - Tocando em frente**  
Almir Sater

Ando devagar porque já tive pressa  
e levo esse sorriso porque já chorei demais  
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe  
eu só levo a certeza de que muito pouco eu sei,  
que nada sei

Conhecer as manhas e as manhãs,  
o sabor das massas e das maçãs,  
é preciso o amor pra poder pulsar,  
é preciso paz pra poder sorrir,  
é preciso chuva para florir.

Penso que cumprir a vida seja simplesmente  
compreender a marcha e ir tocando em frente  
como um velho boiadeiro levando a boiada,  
eu vou tocando os dias pela longa estrada eu sou,  
estrada eu vou

Todo mundo ama um dia todo mundo chora,  
Um dia a gente chega, no outro vai embora  
Cada um de nós compõe a sua história,  
e cada ser em si, carrega o dom de ser capaz,  
e ser feliz

Ando devagar porque já tive pressa  
e levo esse sorriso porque já chorei demais  
Cada um de nós compõe a sua história  
e cada ser em si, carrega o dom de ser capaz,  
e ser feliz

.Entrevista 2 (Questionário 7 )

Janille (J)- Aqui você colocou algumas coisas que você gosta e que você não gosta. Aí o abrigo, para você, ele tem essa característica de ter umas coisas boas, coisas ruins, é o que mais te marca aqui?

Bethania (B)- É.

J- Aí do mesmo jeito, você comparou o abrigo com a sua casa, que tem uma parte boa, outra parte ruim. Você pode me falar mais sobre o que tem de bom, o que tem de ruim aqui para você, que você comparou com a sua casa?

B- O que? Como assim tia?

J- O que tem de bom e o que tem de ruim aqui dentro?

B- Que uma parte é ruim e outra parte é boa.

J- Aí o que tem de bom?

B- Assim, aqui a pessoa não sai muito, eu acho uma parte ruim. Assim, a pessoa sai mas, não é presa não, mas sai assim, é difícil. Eu saía dia de sábado e domingo pra calçada ali, passear é difícil. Minha casa já é um pouco bom porque minha casa não é presa mas só que a parte do meio da rua é ruim e aqui no abrigo já é mais... a pessoa se sente segura, aliviada assim, acho que é a nossa própria casa.

J- Você veio aqui para o abrigo porque você não queria estar com teus pais. Mas foi uma decisão sua, só sua, sua com eles? Como foi essa decisão de vir para cá?

B- Porque eles fuma droga, eu morava com uma mulher na (bairro da cidade) e essa mulher... morava não, tava passando uns dias na casa dela enquanto ela arranjava um lugar pra mim. Ela pegou e arranjou um lugar pra mim que foi nesse abrigo.

J- Aqui?

B- Foi.

J- É o primeiro abrigo que você vem?

B- Eu já passei por outro abrigo só que eu era pequena, foi na (abrigo da cidade para crianças de até 5 anos).

J- E sua família, quem você considera sua família hoje?

B- Como assim?

J- Primeiro, o que é família para você? Quando se fala em família o que é que te vem na cabeça?

B- (Risos). Não, eu gosto deles. Porque tem gente assim que não gosta, “eu não gosto dos meus pais porque meus pais fizeram isso, aquilo outro.” E tem uma parte que eu entendo que eles são assim porque, sei lá, pensam assim... (risos). Não, uma parte assim... (risos).

J- Eu estou entendendo, é como se não tivesse cuidado bem aí o adolescente não gosta dos pais por causa disso.

B- É.

J- Quem é sua família hoje? São seus pais? Quem é que você considera sua família? Quem você pode dizer que fulano, fulano... é minha família?

B- É, meu pai mermo.

J- Teu pai? E o que você sente por ele?

B- Como assim? (Risos)

J- Quando você pensa no seu pai, que você diz que é sua família, o que você sente por ele?

B- Como assim, amor, carinho, essas coisas?

J- É.

B- É, sinto carinho por ele... (risos).

J- Você pode fazer uma comparação da sua vida antes e depois daqui do abrigo? Sua vida quando você estava com a sua família, com seu pai e sua vida agora?

B- Quando eu tava com minha família... Aí tia nããã. Aconteceu tanta coisa ruim comigo que eu não quero dizer (risos)... Quando eu morava com ele eu já fugia um bucado de vezes porque eu não queria morar com ele, porque eu não me sinto à vontade de morar com ele.

J- E aqui? Como é sua vida aqui? Você já falou um pouquinho no questionário que já fez curso, quer mais passeio, estuda...

B- Minha vida aqui?

J- É.

B- É bom.

J- E se você quisesse voltar para casa, para sua família o que precisava mudar?

B- Meus pais parassem de fumar droga.

### **Rita Lee - Balada do Louco**

Arnaldo Baptista - Rita Lee

Dizem que sou louco  
Por pensar assim  
Se eu sou muito louco  
Por eu ser feliz  
Mais louco é quem me diz  
Que não é feliz, não é feliz

Se eles são bonitos  
Eu sou Sharon Stone  
Se eles são famosos  
I'm a Rolling Stone  
Mais louco é quem me diz  
Que não é feliz, não é feliz

Eu juro que é melhor  
Não ser um normal  
Se eu posso pensar  
Que Deus sou eu

Se eles têm três carros  
Eu posso voar  
Se eles rezam muito  
Eu já estou no céu  
Mais louco é quem me diz  
Que não é feliz  
Não é feliz

Eu juro que é melhor  
Não ser um normal  
Se eu posso pensar  
Que Deus sou eu

Sim, sou muito louco  
Não vou me curar  
Já não sou o único  
Que encontrou a paz  
Mais louco é quem me diz  
E não é feliz  
Eu sou feliz

### Entrevista 3 (Questionário 5)

Janille (J)- Aqui no teu questionário o que parece que mais te marca aqui no abrigo são as oportunidades, são as coisas que te atraem, as atividades que existem aqui. É mais ou menos isso ou tem outra coisa no abrigo que te marca mais?

Rita (R)- Tia, acho que é isso. Pra mim é só isso porque não tem mais nada assim pra mim falar. Só isso mesmo.

J- Você fez uma comparação aqui, escreveu “união, paz e amor.” Pode me falar um pouquinho o que para você tem a ver essas palavras com o abrigo?

R- Assim, porque aqui tem união porque as menina são tudo unida comigo, aí aqui... ninguém aqui não é assim como nos outros canto, não é como a rua. Aí a paz também porque aqui as pessoa tem muita paz aqui, não é como na minha casa que a minha mãe, o meu pai bebia, me esculhambava, não deixava eu entrar, não fazia nada dentro de casa. Teve um dia que ele não deixou eu tomar banho, aí pra mim, que eu tava na casa da minha mãe, pra mim isso não era paz. Aí aqui já é tranqüilo, sem bebida, sem meu pai bebendo, sem me esculhambar. Aqui é paz pra mim. E amor eu tenho amor aos educador e amor às adolescente e o resto das pessoa que vive aqui.

J- Você colocou que está no abrigo porque seu pai é alcoólatra, que seu pai não gosta de ti...

R- Meu pai não gosta...

J- Como é que o abrigo influencia na relação com sua família? Como é que ele entra em contato ou não, como é isso?

R- Eles não entram em contato porque minha mãe não tem telefone e nem as pessoas, principalmente eu não tenho o telefone de lá.

J- Nem visita?

R- Nem visita. Por enquanto não, né? Porque minha irmã não tem condição de vir por causa que ela tem 3 filhos pra cuidar mas ela disse que qualquer coisinha ela pode acertar e vir também porque ela não sabe onde é o canto que eu estou. Aí eu tenho que levar o endereço pra ela, o número do telefone pra nós ter mais contato né, com a gente.

J- O que é família para você?

R- Família é uma coisa interessante. Meu pai já que ele não gosta de mim, eu gosto dele. Minha mãe, já que ela é alcoólica eu gosto dela. Minha irmã também, é interessante.

J- Quem é a sua família?

R- É minha irmã, meus irmãos, meus sobrinhos, meu cunhado e minha mãe e meu pai.

J- O que você sente em relação a essa família?

R- Como assim tia?

J- Quando você pensa neles o que sente?

R- Eu sinto uma coisa ruim. Assim, que eu queria ajudar, assim, ajudar eles, ajudar principalmente meu pai, a minha mãe porque eles são alcoólicos e não tem como... Não tem como eles parar de beber mas eles não consegue. Minha irmã conseguiu uma vaga pro AA pra ela só que ela não quis. Minha irmã ia tentar de novo, ela não quer ir pro AA. Assim fica difícil pra gente né?

J- Você pode fazer uma comparação da sua vida quando você estava com sua família e sua vida aqui hoje em dia?

R- Assim... boa ou ruim da minha vida? Como assim?

J- Comparar. Pode ser coisa boa ou ruim quando você estava com sua família e hoje.

R- Aqui eu tô me sentindo mais bem que na casa da minha mãe. Eu me sinto mais bem aqui do que em casa porque em casa eu tenho medo, assim... eu tenho trauma do meu pai porque ele, nós morava em outro canto ele tentou fazer relação comigo, aí eu tenho medo dele, dele tentar de novo e a minha mãe não vê. Eu tenho medo assim também quando ele tiver bebo tentar fazer e minha mãe não ver e não tenho por quem gritar. Minha irmã não mora perto aí eu tenho medo, aí eu prefiro aqui né, do que lá. É por isso mesmo assim que ele não gosta de mim porque eu disse pra minha mãe que ele queria ter relação comigo e eu não deixei. Ficou chateado e não gosta de mim. Mas mesmo assim é meu pai né? Ele, sei lá tia, tem uma coisa



diferente nele pro meu lado. Ele disse que eu não era filha dele, aí eu me sinto mais aqui do que em casa.

J- Se você quisesse e pudesse voltar para sua casa, o que precisava mudar?

R- O que precisava mudar em mim ou nos meus pais?

J- Tanto faz.

R- Nos meus pais eu queria mudar eles porque assim, mesmo assim se eu pudesse e eu quisesse, se eu pudesse ainda não queria voltar pra lá por causa disso mas se eu quisesse voltar pra lá eu posso. Qualquer hora eu posso voltar, ir pra casa mas eu não quero porque minha mãe bebe, ele também, aí eu... Não adianta nem ir pra lá... Eu queria fazer eles parar de beber e só isso.

J- Quais eram os problemas que sua família enfrentava... teus pais bebiam, tentativa de te violentar, tinha mais alguma coisa?

R- Não... Um dia eles tavam bebendo lá em casa aí ele ficou me esculhambando, não deixou eu dormir em casa. Aí pegou um pau e tacou nas minhas pernas, chega ficou uma bolona de sangue roxa na minha perna. Aí eu disse pra minha mãe né. Minha mãe nem ligou não, minha mãe só falou que não sei que, que ia chamar a polícia pra ele, que não sei que... Aí tudo dela ela pegava e mandava eu ir sem nem eu saber falar, sei falar nada. Ela disse “vai na delegacia, bicha besta, vai...” Porque ela só mandava eu ir porque ela tava assim, cubrindo ele né? Porque ela sabe que eu não podia ir pra delegacia porque eu sou de menor e tem que ser com uma pessoa maior que eu né? Aí ela mandava eu ir só, aí assim prefiro ficar por aqui mesmo.

### **Marisa Monte - Volte para o seu lar**

Arnaldo Antunes

Aqui nesta casa  
Ninguém quer a sua boa educação  
Nos dias que tem comida  
Comemos comida com a mão  
E quando a polícia, doença,  
distância ou alguma discussão  
Nos separam de um irmão  
Sentimos que nunca acaba  
De caber mais dor no coração  
Mas não choramos à toa  
Não choramos à toa

Aqui nessa tribo  
Ninguém quer a sua catequização

Falamos a sua língua  
Mas não entendemos o seu sermão  
Nós rimos alto, bebemos e falamos palavrão  
Mas não sorrimos à toa  
Não sorrimos à toa

Aqui nesse barco  
Ninguém quer a sua orientação  
Não temos perspectivas  
Mas o vento nos dá a direção  
A vida é que vai à deriva  
É a nossa condução  
Mas não seguimos à toa  
Não seguimos à toa

Volte para o seu lar  
Volte para lá

Volte para o seu lar  
Volte para lá

#### Entrevista 4 (Questionário 6)

Janille (J)- Aqui no seu questionário eu percebi que o que parece que mais te chamou atenção, mais te marca no abrigo são coisas boas e coisas ruins que tem aqui. É isso mesmo ou tem alguma outra coisa que te chama mais atenção aqui dentro?

Marisa (M)- Não.

J- É isso?

A adolescente confirma.

J- Você fez uma comparação do abrigo com uma escola, que dá educação. Você pode falar um pouquinho mais sobre essa comparação, o que mais você quis dizer.

M- É porque a pedagoga ela ensina a gente né? Os deveres daqui tem muita coisa também por causa da educação que ela ensina a gente também.

J- Você escreveu como motivo para estar aqui é porque estava na rua, nos terminais vendendo bombons. Você pode me falar um pouco mais do motivo de você ter vindo para cá?

M- Eu vim mais pra cá porque eu fui pega na rua, eu tava com eu irmão vendendo bombom aí eu não vi mais ele, ele pegou um ônibus e saiu, aí eu não vi mais ele. Isso foi da primeira vez, essa é a segunda vez que eu venho pro abrigo, aí eu vim mais ele. Aí da primeira vez foi antes e ano novo que eu vim e voltei pra casa. Retornei dia 4 de janeiro. Foi porque eu não tinha

visto meu irmão, meu irmão saiu aí quando passou uns dias aí acharam ele. Minha mãe ligou pro SOS, a gente tava vendendo bombom aí ele saiu, aí eu não vi mais ele. Aí pediram pra ligar pro abrigo, aí já conheci umas pessoas da (órgão da Prefeitura) que eram do (projeto da Prefeitura). Aí eles pegaram e já conheciam ele, andaram conversando comigo, eles me perguntavam coisas, me perguntaram coisas, se a minha mãe era boa pra mim. Eu dizia que era só que não era. Se eu vinha mais pra cá vender bombom porque eu queria, eu disse que era porque eu tinha medo deles assim denunciar minha mãe, sei lá, eu só dizia outras coisas, tudo era bom, eu vendia porque eu quis. Só que era meu padrasto que me obrigava a ir, aí fui pro abrigo. Aí encontraram meu irmão. Meu irmão voltou pra casa, eu também retornei pra casa. Aí eu voltei a andar na rua de novo, aí quando foi no dia 3 de fevereiro eu fiquei logo no abrigo de vez porque foi do mesmo jeito: meu irmão tava comigo, pegou saiu de novo, aí eu não vi mais ele. Aí quando eu fui na casa de uma amiga minha, quando foi no outro dia de manhã eu saí andando atrás dele por todo canto, não vi ele aí eu pedi a mesma mulher pra ela ligar né? Aí ela pegou e ligou. Tentei ligar o tempo todo, não consegui falar com ela, aí ela mandou uma Kombi no (terminal da cidade) me pegar. Aí peguei e fiquei no (abrigo da cidade). Ao passou uns dias, aí minha mãe foi me visitar, aí passou outros dias, aí meu irmão apareceu, aí meu irmão tava na casa de uma mulher, aí de lá levaram ele pra um abrigo. Aí passou no máximo 15 dias no abrigo, aí me deram notícia que ele tava no abrigo, todos os dois, não, só um porque eu tenho dois irmão que andavam comigo também na rua. Aí meu irmão, esse dia, ele sumiu. Quando ele sumiu só tava eu e meu irmão menor de 8 anos. Aí meu outro irmão de 10 anos, vai completar dez anos agora dia 14, ele tava em casa. Aí passou uns dias, meu irmão aparece, meu outro irmão que vai fazer 10 anos ele apareceu porque ele tava lá no (terminal da cidade) e levaram ele lá porque levaram ele até lá no (abrigo da cidade) onde eu tava. Aí disseram que iam encaminhar ele pra um abrigo porque ele tava no terminal brigando com um menino. Aí ele tava até chorando, aí encaminharam ele pra um abrigo onde eu e meu outro irmão menor tava, aí botaram todos os dois junto lá no abrigo (fora da cidade). Aí ele ficou lá uns tempo e voltou pra (outro abrigo na cidade). Aí agora eu tenho meu final de semana, minha mãe deixou meu padrasto, ela não mora mais com ele. Aí depois que minha mãe deixou ele aí foi que a vida foi melhorando mais né? Agora eu tenho um irmão de 13 anos que ele vai pra avenida mas ele não é como a gente que era obrigado a ir, ele vai o dia que ele quer, vai fazer 14 anos já. Com o dinheiro que ele pega, ele compra as coisa pra ele. Minha mãe ela veve, recebe o dinheiro dela de coisa, aí só tem ela e meus dois irmão pequeno e minha irmã de 13 anos em casa só. Aí eles mermo se cuida.

J- Como é que o abrigo consegue fazer algum vínculo com a sua família, algum contato, ou não consegue, como é isso?

M- (Fita acaba, vira o lado). Eles vão conversar com a família... Eu queria ver eles, aí ela pegou foi falar com minha mãe nesse mesmo dia pra gente ir pra um passeio, no mesmo dia que eu falei pra ela, ela me levou logo pra uma casa. Aí o jeito dela “ Anda, vou pedir pra sua mãe pra você passar o fim de semana.” Aí eu peguei e fui. Aí até hoje tô continuando no meu fim de semana. Os meus outro dois irmão também. Tá com pouco tempo que eles tão começando a ir pro fim de semana também.

J- O que é família para você?

M- Família... Eu vou falar um pouco da família ideal que eu queria ter. É tipo assim, um grupo de pessoas né, que dá e recebe amor e carinho. Só.

J- Quem é a sua família hoje?

M- Minha mãe, minha avó que não mora mais aqui e pra mim tem algumas adolescente que eu gosto que é como se fosse minha irmã, tem algumas adolescente aqui na casa que eu gosto.

J- O que você sente com relação a essas pessoas que você considera sua família?

M- Aí eu sinto assim, quando elas voltarem pra casa que elas passem tudo de positivo quando volte pra casa, volte numa vida boa, seja bem feliz e que eu possa sempre tá vendo elas.

J- Você pode fazer uma comparação da sua vida quando você estava com sua família e sua vida hoje aqui no abrigo?

M- Quando eu tava com a minha família o tempo era muito corrido, eu não tinha tempo pra estudar. E agora que eu tô tendo algumas oportunidades né, que eu não tive em casa. Outra coisa é porque que é uma comparação daqui com minha casa porque lá eu ficava com meus irmão e por mim eu vou pro meu fim de semana mais por causa dos meus irmão porque se fosse por outra coisa.

J- Se você quisesse e pudesse voltar para sua casa de vez o que precisava mudar?

M- Só precisava mudar da parte da minha mãe pra que ela não me mandasse mais vender bombom na rua de novo, só isso.

J- Que tipo de problema sua família enfrentava quando você estava com ela?

M- Dificuldade pra mim só eram essas porque as outras eu achava tudo bom, minha mãe deixava eu sair, ir pra rua olhar as coisas. A única coisa que precisava mudar era só isso.